



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

JOILDA ALBUQUERQUE DOS SANTOS PEREIRA

**A MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NO PROJETO
LEITURA COM... "INFINITO NOVELO DE TANTAS TRAMAS E CORES"**

Salvador
2016

JOILDA ALBUQUERQUE DOS SANTOS PEREIRA

**A MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NO PROJETO
LEITURA COM... "INFINITO NOVELO DE TANTAS TRAMAS E CORES"**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Linguagem, Subjetividade e Práxis Pedagógica.

Orientadora: Prof^a Dr^a Mary de Andrade Arapiraca

Coorientadora: Prof^a Dr^a Lícia Maria Freire Beltrão

Salvador
2016

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Pereira, Joilda Albuquerque dos Santos.

A mediação da leitura literária no Projeto Leitura Com...: "infinito novelo de tantas tramas e cores" / Joilda Albuquerque dos Santos Pereira. – 2016.
176 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Mary de Andrade Arapiraca.

Coorientadora: Profa. Dra. Lícia Maria Freire Beltrão.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2016.

1. Incentivo à leitura. 2. Interesses na leitura. 3. Livros e leitura. 4. Programa Nacional Biblioteca da Escola (Brasil). 5. Projeto Leitura Com.... I. Arapiraca, Mary de Andrade. II. Beltrão, Lícia Maria Freire. III. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. IV. Título.

CDD 028.9 – 23. ed.


JOILDA ALBUQUERQUE DOS SANTOS PEREIRA


**A MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NO PROJETO
LEITURA COM... "INFINITO NOVELO DE TANTAS TRAMAS E CORES"**

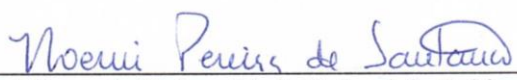
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Aprovada em 01 de junho de 2016

Mary de Andrade Arapiraca – Orientadora 
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

Lícia Maria Freire Beltrão – Coorientadora 
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

Luciana Moreno Sacramento 
Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
Universidade do Estado da Bahia

Noemi Pereira Santana 
Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

À minha mãe Nilzete e a meu pai Joel, que torceram por minha conquista me devotando todo amor;

a meu esposo, Marcos Vinício, que me incentivou desde sempre a seguir a carreira acadêmica e me deu seu apoio;

às professoras que foram mais que isso, foram amigas, conselheiras e com as quais sempre pude contar;

aos amigos e amigas que me apoiaram e foram importantes no meu percurso acadêmico e no desenvolvimento deste trabalho;

aos profissionais da Educação da Escola Municipal do Pau Miúdo, pessoas importantes na constituição de minha pesquisa.

dedico esta conquista.

Parece que foi ontem.
E que ficou guardado em minha memória...
Tem até cheiro de saudade.
(MUNDURUKU, 2006, p. 4)

AGRADECIMENTOS

É tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho
(Gonzaguinha)

E foi por não estar sozinha, por ter a companhia de gente tão querida ao meu lado, que consegui chegar aqui. No percurso, muitos desafios enfrentados, fortes emoções vividas. Sei que não teria conseguido sozinha, sem apoio de familiares, professores, amigos, pessoas importantes em minha vida. Por isso agradeço

a Deus por estar sempre comigo em todos os momentos norteando meus caminhos, sendo meu porto seguro;

a meu esposo, Marcos Vinício, por sempre me incentivar a trilhar carreira acadêmica, me apoiando e compartilhando deste momento tão importante para a minha formação profissional;

aos meus pais, Joel e Nilzete, por todo amor, proteção, carinho, enfim por todo seu bem querer. E aos meus familiares, pelo apoio e todo afeto tão importante e necessário durante a caminhada;

à minha orientadora Prof^a Dr^a Mary de Andrade Arapiraca, pela compreensão e acolhida nos momentos mais difíceis, pelo conhecimento compartilhado e orientações valiosas;

à minha coorientadora Prof^a Dr^a Lícia Maria Freire Beltrão, pelas orientações incansáveis, pelas contribuições e interferências valiosas, pelo carinho e conselhos nas horas difíceis que me ajudaram a prosseguir com mais segurança;

à Prof^a Dr^a Dinéia Maria Sobral Muniz e a todo o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem – GELING, por ela coordenado, pelo acolhimento, e pelas partilhas de conhecimentos durante o percurso da elaboração desta dissertação;

às professoras que constituíram a banca examinadora, Prof^a Dr^a Noemi Santana, Prof^a Dr^a Luciana Moreno pela cuidadosa leitura e contribuições generosas que acrescentaram e enriqueceram o estudo desenvolvido;

às colegas Marília e Adenilza do Projeto Leitura Com... e às que se juntaram a nós, Carmem, Neuza e Carolina, por compartilharem comigo leituras com crianças, jovens, adultos, leitores de todas as idades;

aos professores e colegas do curso de Mestrado pelos momentos de trocas e partilhas de conhecimento;

às amigas Ana Paula, Jamilly, Joselice pela cumplicidade, apoio e colaboração de sempre;

à amiga Regina, por toda atenção e carinho durante minha caminhada e pela generosa revisão do texto;

à diretora, vice-diretora, coordenadora, professoras e funcionários da Escola Municipal do Pau Miúdo, que me acolheram com carinho e com prontidão colaboraram com a pesquisa desenvolvida; sem a companhia e apoio deles o trabalho seria inviável;

aos alunos que vivenciaram comigo momentos de encantamento que a leitura literária pode proporcionar; juntos percorrendo histórias, andamos entre os livros;

às pessoas queridas de minha comunidade evangélica que torceram por mim e sempre tiveram uma palavra de fortalecimento e incentivo que foram importantes em minha caminhada.

PEREIRA, Joilda Albuquerque dos Santos. **A mediação da leitura literária no Projeto Leitura Com...**: "infinito novelo de tantas tramas e cores". 2016. 176 f. il. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2016.

RESUMO

Desde a mais tenra idade, a criança se relaciona com o mundo a sua volta de modo direto ou por intermédio de mediação e, no decorrer de seu desenvolvimento, essa se faz, cada vez mais presente, de diversas maneiras, em variadas circunstâncias de sua vida. Com esse entendimento, utilizando o acervo literário distribuído pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, o presente estudo é resultante de discussão acerca da mediação da leitura literária e apresenta reflexivamente práticas mediadoras desenvolvidas pelo Projeto Leitura Com..., na Escola Municipal do Pau Miúdo, campo de pesquisa. De inspiração etnográfica, contou com o aporte teórico e metodológico de Macedo (2000), e estudiosos da leitura e da mediação como, Martins (1997), Solé (1998), Vygotsky (2001), Paulino (2005), Colomer (2007), Depresbiteris (2009), necessários ao encaminhamento da investigação e análise das informações, as quais foram produzidas por meio de diário de campo, entrevistas, fotos e vídeos. Procurar resposta para a indagação acerca das contribuições advindas das práticas de mediação de leitura promovidas pelo Projeto Leitura Com..., do qual fui integrante, com o objetivo de contribuir com o debate que nacionalmente está sendo feito em torno do acervo do PNBE, considerando as ações de mediação da leitura literária, foi a mola propulsora da minha investigação. A minha interação como pesquisadora e sujeito da pesquisa, com a comunidade escolar, fez-me concluir que pesquisar foi uma estratégia de aprendizagem importante para a minha formação leitora e mediadora de leitura literária; que a leitura literária requer o envolvimento de um leitor mais experiente, no caso da escola, o professor, que possibilite a mediação efetiva para o encontro entre alunos e a arte literária traduzida nos livros, sendo também esse mediador beneficiado por esse compartilhamento. Para tanto, a escolha de estratégias que funcionem como desencadeadoras do ato de leitura e produção de sentidos precisa ser o caminho seguro dessa relação.

Palavras-chave: Mediação. Leitura Literária. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Projeto Leitura Com...

PEREIRA, Joilda Albuquerque dos Santos. **Médiation de la lecture littéraire dans le Projeto Leitura Com...**: "infinito novelo de tantas tramas e cores". 2016. 176 f. il. Dissertation (Masters) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2016.

RÉSUMÉ

Dès son jeune âge, l'enfant se rapporte au monde d'une manière directe ou par la médiation et, dans le cadre de son développement, il devient de plus en plus présente de différentes manières dans différentes circonstances de sa vie. Grâce à cette compréhension, en utilisant la collection littéraire distribuée par le Programa Nacional de Biblioteca Escolar - PNBE, cet étude est le résultat de la discussion de la médiation de la lecture littéraire et des pratiques de médiation d'une réflexive développés par le Projeto de Leitura Com... , à Escola Municipal do Pau Miúdo champ de recherche. La recherche a eu l'inspiration ethnographique, avec les contributions théoriques et méthodologiques de Macedo (2000), et les savants de la lecture et de la médiation comme Colomer (2007), Vygotsky (2001), Feuerstein (2003), Depresbiteris (2009), Paulino (2005), Solé (1998) Martins (1997), nécessaires pour conduire la recherche et l'analyse des informations, qui ont été produites au moyen de journal de bord, des interviews, des photos et des vidéos. Trouvez réponse à la question sur les contributions des pratiques de médiation de lecture promues pour le Projeto Leitura Com..., dont je faisais partie, afin de contribuer au débat qui se fait à l'échelle nationale dans le PNBE l'acquis, compte tenu actions de médiation de la lecture littéraire, était la force motrice de mes recherches. on interaction en tant que chercheur et sujet de recherche, la communauté scolaire, m'a fait conclure que la recherche était une stratégie d'apprentissage important pour ma formation de lecteur et médiateur de la lecture littéraire; que la lecture littéraire exige la participation d'un joueur plus expérimenté, dans le cas de l'école, l'enseignant, qui permet la médiation efficace pour la rencontre entre les étudiants et art littéraire, traduit aux livres, étant également ce médiateur bénéficié de cette action. Par conséquent, le choix des stratégies qui agissent comme déclenchant l'acte de lecture et de la production de significations, peuve être le moyen le plus sûr de cette relation.

Mots-clés: Médiation. Lecture Littéraire. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Projeto Leitura Com...

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Atividade Complementar
CEALE	Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita
ELEGE	Encontro de Leitura e Escrita
EMPM	Escola Municipal do Pau Miúdo – Salvador
FACED	Faculdade de Educação
FNDE	Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação
GELING	Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNAIC	Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNLD	Plano Nacional do Livro Didático
PNLL	Plano Nacional do Livro e Leitura
PROAE	Pró-Reitora de Assistência Estudantil
SL	Sala de Leitura
SMEC	Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Salvador
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNEB	Universidade Estadual da Bahia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Aluna leitora com livro do acervo – PNBE 2012 da EMPM tomado de empréstimo.....	28
Figura 2	Recital de poesia na Praça Divaldo Franco do Shopping Iguatemi (2008).....	42
Figura 3	Leitura Com... jovens, crianças e adultos no Largo do Garcia (2008).....	45
Figura 4	Leitura Com... estudantes da Escola Municipal Hercília Moreira na Biblioteca Juracy Magalhães Junior (2009).....	47
Figura 5	Projeto Leitura Com...: atividade do Projeto Livro Livre na FACED (2011).....	52
Figura 6	Alunas de Pedagogia apreciam acervo literário do Projeto Livro Livre - FACED (2011).....	53
Figura 7	Funcionária da copiadora sediada na FACED participa do Projeto Livro Livre	54
Figura 8	Alunas e professoras participam do Projeto Livro Livre – FACED.....	54
Figura 9	Alunos e professoras no ensaio da atividade Sussurradores de poesia - EMPM (2012).....	69
Figura 10	Participação dos alunos do 4 e 5 anos da EMPM no ELEGE - FACED /UFBA.....	70
Figura 11	Participação dos alunos da EMPM no ELEGE como Sussurradores de poesia – FACED /UFBA.....	70
Figura 12	Participação dos alunos da EMPM como Sussurradores de poesia - na cerimônia de encerramento de trabalhos com as CEMEIS – UNEB.....	71
Figura 13	Exemplar da coleção Literatura em Minha Casa - PNBE 2001.....	72
Figura 14	Exemplar da coleção Literatura em Minha Casa - PNBE 2002.....	72
Figura 15	Exemplares da coleção Literatura em Minha Casa - PNBE 2003.....	73
Figura 16	Oficina Trem dos Escritores: na Estação da Leitura em ação – Desenvolvimento.....	82
Figura 17	Ilustração do livro de Jorge Amado <i>O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá</i> por Carybé e Kiko Farkas.....	84
Figura 18	Ilustração do livro de Jorge Amado <i>O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá</i> por Carybé e Kiko Farkas.....	86
Figura 19	Capa do livro <i>O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá</i> de Jorge Amado (2002 e 2008) ilustrada por Kiko Farkas.....	87
Figura 20	Capa do livro de Jorge Amado <i>A Bola e o Goleiro</i> de Jorge Amado ilustrada por Kiko Farkas.....	90
Figura 21	Ilustrações do livro de Jorge Amado <i>A Bola e O Goleiro</i> por Kiko Farkas.....	91
Figura 22	Ilustração da última página do livro <i>A Bola e O Goleiro</i> por Kiko Farkas.....	92

Figura 23	Adereços que dão suporte à contação da história <i>O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá</i>	95
Figura 24	Contação da história <i>O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá</i> de Jorge Amado em ação – Desenvolvimento.....	97
Figura 25	Releitura da história <i>O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá</i> em painel - Construção coletiva	99
Figura 26	Contação da história <i>O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá</i> de Jorge Amado em ação – Conclusão.....	100
Figura 27	Atividade de culminância da Oficina De Livro em Livro – leitura das obras de Jorge Amado em exposição por alunos da EMPM.....	101
Figura 28	Atividade de culminância da Oficina De Livro em Livro - leitura da exposição de obras de Jorge Amado por alunos da EMPM.....	102
Figura 29	Aluno da EMPM lendo trecho do livro de Jorge Amado <i>Gabriela Cravo e Canela</i> para os colegas.....	103
Figura 30	Atividade de culminância da Oficina De Livro em Livro – representação dos personagens de Jorge Amado pelos alunos da EMPM.....	103
Figura 31	Exposição de releitura da história <i>O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá</i> de Jorge Amado	104
Figura 32	Leitura da história <i>A Bola e o Goleiro</i> de Jorge Amado em ação.....	109
Figura 33	Livro de registro de empréstimo de livros da Sala de Leitura Maria Helena Nunes Ferreira da EMPM.....	133
Figura 34	Empréstimo de livros na Sala de Leitura Maria Helena Nunes Ferreira da EMPM.....	136
Figura 35	Contação da história <i>O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá</i> de Jorge Amado pela professora Joilda Albuquerque	141

SUMÁRIO

1	A PESQUISA: "PARA ENTENDER, PALAVRA POR PALAVRA"	16
1.1	"PELA ESTRADA EU VOU": NATUREZA E ITINERÁRIO DA PESQUISA.....	20
1.2	"COM PEDRINHAS DE LUZ CONVÉM MARCAR O CAMINHO": TEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	23
2	LEITURA E LITERATURA: FIOS QUE SE ENTRELAÇAM.....	26
3	A MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA: “UMA CIRANDA ENCANTADA”.....	34
4	PROJETO LEITURA COM...“QUANTA HISTÓRIA, QUANTO INVENTO!”.....	39
4.1	ERA UMA VEZ...: PRIMEIRA HISTÓRIA.....	39
4.2	ERA UMA VEZ...: O PROJETO NA ESCOLA MUNICIPAL DO PAU MIÚDO.....	55
4.3	OFICINAS PEDAGÓGICAS: VAMOS VER AGORA, SEM MAIS DEMORA!.....	59
4.3.1	Oficina Sussurradores de poesia.....	59
4.3.1.1	<i>O que dizem os teus olhos, sussurradores de poesia?.....</i>	<i>63</i>
4.3.2	Oficina Trem dos Escritores: na Estação da Leitura.....	72
4.3.2.1	<i>O que dizem os teus olhos, passageiros do trem da leitura?.....</i>	<i>76</i>
4.3.3	Oficina De Livro em Livro.....	83
4.3.3.1	<i>O que dizem os teus olhos crianças, ouvindo a história O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá?.....</i>	<i>93</i>
4.3.3.2	<i>O que dizem os teus olhos crianças, ouvindo a história A Bola e o Goleiro?.....</i>	<i>106</i>
5	GESTOS E PALAVRAS: “FEITO BORBOLETAS BATENDO ASAS”	112
5.1	O QUE DIZEM AS TUAS PALAVRAS, PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL DO PAU MIÚDO?.....	112
5.1.1	A vida e o exercício profissional.....	116
5.1.2	O acervo do PNBE na escola e atividades pedagógicas.....	119
5.1.3	O Projeto Leitura Com... na escola: sob o olhar do outro.....	128
5.1.4	Efeitos observados: anterior e posterior ao Leitura Com.....	132
6	À GUIA DE CONCLUSÃO “PALAVRA POR PALAVRA: A VOZ QUE VEM DO CORAÇÃO” E DA RAZÃO.....	137

REFERÊNCIAS	147
APÊNDICES	152
APÊNDICE A - Roteiro de entrevista para as professoras.....	152
APÊNDICE B - Roteiro de entrevista para as Gestoras.....	153
APÊNDICE C - Cronograma de realização das entrevistas ao corpo docente e gestor da Escola Municipal do Pau Miúdo em 2015.....	154
APÊNDICE D - Acervo literário trabalhado pelo Projeto Leitura Com... nas Oficinas pedagógicas - 2008 a 2012.....	155
APÊNDICE E - Roteiro da Oficina Sussurradores de Poesia.....	156
APÊNDICE F - Roteiro da Oficina Trem dos Escritores: na Estação da Leitura.....	157
APÊNDICE G - Roteiro da Oficina De Livro em Livro - 1º momento.....	161
APÊNDICE H - Roteiro da Oficina De Livro em Livro - 2º momento.....	163
APÊNDICE I - Biografia do “poetinha” Vinicius de Moraes.....	164
ANEXOS	165
ANEXO A - Manifesto dos Sussurradores de Poesia.....	165
ANEXO B - Coletânea de poemas: Atividade Sussurros poéticos.....	166
ANEXO C - Poema <i>Trem de Ferro</i> de Manuel Bandeira musicalizado por Tom Jobim.....	169
ANEXO D - Biografia do poeta Manuel Bandeira.....	170
ANEXO E - Poema <i>Dentro do livro</i> de Ricardo Azevedo.....	171
ANEXO F - Roda cantada <i>Abra a roda tin dô le lê</i> – Cancioneiro Popular.....	172
ANEXO G - Biografia do escritor Jorge Amado.....	173
ANEXO H - Canção <i>É uma partida de futebol</i> de Samuel Rosa e Nando Reis.....	174
ANEXO I - Poema <i>Convite</i> de José Paulo Paes.....	175
ANEXO J- Normas para transcrição.....	176

1 A PESQUISA: “PARA ENTENDER, PALAVRA POR PALAVRA”

Como a vida nos proporciona encontros imprevisíveis que nos fazem viver ou reviver o desejo de querer aprender mais sobre aquilo que aprendemos a gostar! Motivada pelo desejo de sair do lugar cômodo de leitora, que está satisfeita com a condição que adquiriu ao longo do processo de alfabetização e letramento, procurei outros caminhos para tornar-me mais experiente, perspicaz e capaz de compreender aspectos do universo fascinante da leitura literária que despertam, encantam, divertem e aproximam mundos diversos, numa instância factual e mágica, através de palavras tecidas em um objeto singular, chamado livro.

Um desses caminhos, a que me apeguei, foi o de investir na busca de conhecimento sobre a própria leitura, suas dimensões, ato e prática, o qual comecei a trilhar através da participação, quando estudante de graduação no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal da Bahia (UFBA), de dois componentes curriculares optativos *Oficina de leitura: Porque ler...* e *Leitura e Produção de texto*. Os estudos proporcionados nesses componentes, ministrados pela professora Lícia Maria Freire Beltrão, ajudaram-me a compreender a importância da leitura de gêneros textuais diversos e a relevância de compartilhar a experiência leitora, em especial do texto literário, com o outro, entendido como o outro bakhtiniano, aquele que não sou eu. (BAKHTIN, 2000)

Dessa compreensão advieram outras, ainda na Graduação, responsáveis pelo enfoque que dei ao andamento do meu Curso. Uma delas se refere ao papel do professor como importante mediador de leitura, aquele que não se cansa de construir e fazer uso de estratégias que funcionem como desencadeadoras de atos de leitura e produção de sentidos. Na perspectiva adotada por Solé (1998, p. 69) estratégias “[...] são suspeitas inteligentes, embora arriscadas, sobre o caminho mais adequado que devemos seguir”. Para essa autora, se desejarmos a formação de leitores autônomos, capazes de aprender a partir dos textos, é imprescindível a promoção de estratégias que motivem e colaborem para a compreensão leitora e construção de ideias sobre o que o texto apresenta.

Outra compreensão, no mesmo nível de valor, para a minha constituição de pedagoga, foi a de que, no processo de formação leitora, o que mais importa é aprender a gostar de ler com o outro. No caso de estudante, em situação formal de aprendizagem, com seu professor,

com seus colegas, ter satisfação em escutar as leituras, pois, como diz Bajard, (2005, p. 95), “[...] escutar estórias abre o apetite¹ para a leitura”.

Essas e outras questões e percepções foram elementos desencadeadores de desejo e interesse posteriores, capazes de me fazerem querer, não só conhecer o que está apreendido nos gêneros textuais diversos, mas compartilhar com o outro, e, assim, provocar, também no outro, a sensação e o desejo de ler e, como leitor em constante formação, ser capaz de sentir a leitura e seus efeitos.

E foi assim que, de compreensão em compreensão, construí a trilha mais definitiva e forte da minha formação como pedagoga, leitora, profissional e até pessoal quando, em 2008, passei a integrar o Projeto Leitura Com.... coordenado pela professora Lícia Beltrão. Esse Projeto tem sido responsável por ações corajosas e desafiadoras, na perspectiva da mediação da leitura literária, protagonizadas por alunas do Curso de Pedagogia e Letras, entre outros coparticipantes que, merecidamente, foram lembrados no relato que compõe meu estudo monográfico, intitulado *Um olhar sobre o Leitura Com....: Partilhando experiências* (SANTOS, 2009). Este estudo, orientado pela Profa. Lícia Beltrão teve como objetivo compartilhar as experiências vivenciadas no Projeto Leitura Com.... durante o período de 2008-2009, propondo discussão e ampliação do debate sobre questões da prática social da leitura e sua função na formação do Pedagogo, sempre e licenciado em Letras, eventualmente.

Hoje, o Projeto, em sua sétima versão, continua promovendo atividades específicas na comunidade da FACED/UFBA e em escolas públicas municipais de Salvador, como a Municipal Batista Vasco da Gama e a Municipal São José. Isso me faz continuar atenta à mediação da leitura promovida pelas ações do Projeto Leitura Com..., me debruçando, em busca de compreensões mais específicas que dizem respeito a essa particularidade do Projeto, visto que é a leitura seu objeto de atenção.

Se refletirmos sobre a leitura, na perspectiva do que os documentos oficiais consideram, encontraremos, em especial, nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN da Língua Portuguesa, editados pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC, no ano de 1997, que se constitui “direito inalienável de todos”, o acesso ao universo dos textos que circulam socialmente bem como ao ensino que eles potencializam, como o da leitura e produção oral e escrita. (BRASIL, 1997, p.11)

¹ Termo cunhado por Bajard (2007) relacionado ao ato do desejo. Conforme o autor “Atraída pelo mundo da literatura graças às imagens e à voz do mediador, que confere vida às histórias adormecidas nos livros, talvez a criança chegue a desejar o poder de saber ler detido pelo adulto”. (BAJARD, 2007, p.87)

Nessa perspectiva, com o objetivo de democratizar o acesso a obras de literatura nacional e estrangeira, políticas públicas, como o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, criado em 1997, vêm realizando, há quase duas décadas, a distribuição de livros literários para crianças e jovens escolares, bem como materiais de pesquisa e de referência para professores.

Tão logo foi implementado pelo Ministério da Educação - MEC, esse Programa se ateuve à distribuição dos acervos, não havendo orientação pedagógica para o trabalho de mobilização dos livros, tal como esclarece Paiva (2012), em pesquisa que publicou, sob forma de livro, intitulado *Literatura fora da caixa: O PNBE na escola – distribuição, circulação e leitura*. (PAIVA, 2012).

Na continuidade do Programa, diferentemente, o Ministério da Educação – MEC, ao lado da distribuição, encaminha materiais como guias para auxiliar o professor no uso dos acervos do PNBE. Dentre eles, destaco as publicações dos livros de orientação pedagógica *Histórias e Histórias: guia do usuário do Programa Nacional Biblioteca da Escola* (2001) e *PNBE na escola: Literatura fora da caixa* (2014), elaboradas pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita - CEALE, da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Conforme o MEC, trata-se de uma composição em três volumes que “traz um conjunto de textos que, certamente, irão contribuir para uma mediação mais efetiva, de forma a proporcionar aos alunos diferentes experiências com a leitura literária”. (BRASÍLIA, 2014, p. 7)

Além da elaboração desse material, o CEALE, em conjunto com pareceristas que são vinculados a instituições públicas de nível superior e básico, tem sido responsável pela avaliação das obras que compõem os acervos do PNBE. (PAIVA, 2012, p.24).

Sem dúvida, essas ações se constituem em possibilidades de avanço para efetivação da leitura mediada pelo professor, que pode inclusive, resultar em reflexões conceituais sobre o que assegura Vygotsky (2001), quando defende que, na condição de sujeito do conhecimento, o homem por si só não tem acesso direto aos objetos. Esse acesso é mediado e operado por sistemas simbólicos de que dispõe. O autor é enfático ao considerar que a construção do conhecimento se dá na interação mediada pelas relações, uma mediação, necessariamente realizada na interação com o outro mais experiente.

A leitura compartilhada é considerada por Colomer (2007, p.106) como “a base da formação de leitores”. Para essa autora, no exercício das práticas de leitura compartilhada, meninos e meninas são beneficiados antes mesmo de saberem ler, “o que lhes permite extrair

maior rendimento escolar dessas mesmas práticas na escola, ampliando a possibilidade de tornarem-se leitores”. (COLOMER, 2007, p.107)

Em sua dimensão social a leitura de natureza literária, segundo Paulino, tem papel de importância na formação do leitor. Segundo definição da autora, “a leitura se diz literária quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa”. (PAULINO, 2014)

Por tudo que a literatura representa, considero, como imprescindível, que a escola promova atividades de mediação da leitura literária, razão deste meu estudo e de minha inquietação. No meu entender, a instituição escolar, espaço privilegiado do ensino e da aprendizagem da leitura, teria, em tese, responsabilidade de garantir aos educandos o acesso ao livro literário que compõe o acervo PNBE do que decorreria a ampliação da sua competência leitora.

Na condição de pesquisadora e ao mesmo tempo mediadora da leitura, formulei uma hipótese: na medida em que, provocava reações nos alunos da Educação Infantil ao 5º ano, ao desenvolver ações realizadas pelo Projeto Leitura Com..., também produzia mudanças em minha formação leitora ao apropriar-me de estratégias de mediação de leitura literária.

Por outro lado, por considerar a importância dos acervos do PNBE nas escolas, como material que pode propiciar a formação do leitor literário e por considerar que essa formação exige mediação, estive por um tempo na escola realizando oficinas pedagógicas, o que me instigou a formulação da pergunta: **A mediação do acervo do PNBE promovida através das ações implementadas pelo Projeto Leitura Com..., na Escola Municipal do Pau Miúdo, durante o período de 2011 a 2014, trouxe que contribuições tanto para os alunos e professores envolvidos como para a minha formação leitora e mediadora de leitura literária?**

A partir dessa indagação, a pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de contribuir com o debate que nacionalmente está sendo feito em torno do acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola, considerando as ações de mediação da leitura literária.

Para que essa intenção principal fosse alcançada, objetivos específicos, como os que se seguem, foram assumidos: a) sistematizar questões teóricas e metodológicas a respeito da leitura literária e do texto literário (abarcando também o livro) e sua relação com questões pedagógicas da mediação do acervo do PNBE; b) apreciar as experiências de leitura dos envolvidos nas atividades pedagógicas desenvolvidas, considerando os saberes que se movimentaram no processo, as atitudes reveladas, principalmente com relação à mediação da

leitura literária; c) avaliar a compreensão da comunidade escolar sobre o Projeto Leitura Com... principalmente, no que se refere à mobilização do acervo e iniciativas após sua implementação.

1.1 "PELA ESTRADA EU VOU": NATUREZA E ITINERÁRIO DA PESQUISA

Assumo dizer que a pesquisa desenvolvida se inscreve entre aquelas de natureza qualitativa, uma vez que, conforme Macedo (2000), objetivou traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social, reduzindo a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação. Em sua maioria, os estudos qualitativos são feitos no local de origem das informações, não impedindo o pesquisador de empregar a lógica do empirismo científico.

O desenvolvimento de um estudo de natureza qualitativa supõe um corte temporal espacial de determinado fenômeno por parte do pesquisador. Esse corte define o campo e a dimensão em que o trabalho foi desenvolvido, isto é, o território mapeado. O trabalho de descrição desenvolvido teve caráter fundamental, pois foi por meio dele que as informações foram produzidas. Para produzi-las, como pesquisadora, necessitei conhecer os métodos e dispositivos favoráveis à investigação de natureza etnográfica. Nesse sentido, os pressupostos indicados por Macedo (2000), colaboraram para apontar caminhos possíveis, sendo os principais, a observação e a entrevista. Além desses, outros procedimentos foram usados, como vídeos e fotografias.

Nessa direção, na pesquisa em foco, da qual deriva a presente dissertação, descrevi e decodifiquei componentes de um sistema complexo de significados, quais sejam os processos de mediação de leitura literária, tomando como base o acervo do PNBE. Na perspectiva da redução da distância entre indicador e indicado, entre teoria e informação estive em campo, meu verdadeiro laboratório de experiência.

Esse laboratório, esse campo de pesquisa, como já mencionado, foi a Escola Municipal do Pau Miúdo, doravante representada pela sigla EMPM, uma escola pública de Salvador, localizada no bairro do Pau Miúdo. Essa instituição faz parte da Rede Municipal de Ensino da região metropolitana de Salvador, que atende à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental I. Funciona nos três turnos e conta com oito salas de aula, uma sala de professores, uma sala de informática, uma sala da direção, uma sala de leitura que recebe o nome de Sala de Leitura Maria Helena Nunes Ferreira, que doravante será referida pela sigla SL. No turno matutino, a

escola atende às classes: Educação Infantil (Grupo 5) e Fundamental I (1º ano A, 2º ano A, 3º ano A, 4º ano A e 5º ano A); no turno vespertino são atendidas: Educação Infantil (Grupo 4) e Fundamental I (1º ano B, 2º ano B, 3º ano B, 3º ano C, 4º ano B e 5º ano B).

Com relação ao corte temporal, ele foi feito, considerando dois tempos: Primeiro, o que estive na escola, nos anos de 2011 e 2012, e o segundo, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2015. No primeiro, desenvolvi juntamente com as integrantes do Projeto Leitura Com.... oficinas de mediação de leitura das obras: *A arca de Noé* de Vinícius de Moraes (2002); *Bazar do Folclore* de Ricardo Azevedo (2001); *Meus primeiros versos* de Cecília Meireles, Roseana Murray e Manuel Bandeira e outros (2003); *Poesia fora da estante* de Millôr Fernandes, Dilan Camargo e Elias José (antologia) (2003); *Trem de Alagoas e outros poemas* de Álvares de Azevedo (Org.) (2003) e *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* (2008) e *A Bola e o Goleiro* (2008) de Jorge Amado. No segundo, realizei entrevistas na escola com a diretora, a coordenadora e as professoras que estiveram envolvidas no processo de mediação realizado pelo Projeto.

Para responder às minhas inquietações, foi importante conhecer os dispositivos favoráveis à investigação do objeto. Nesse sentido, Macedo (2004) mostra caminhos possíveis de técnicas de recolha de dados ou de produção de informações, modo assumido pelo GELING, dentre eles a entrevista um “rico e pertinente recurso metodológico na apreensão de sentidos e significados e na compreensão das realidades”, tal como diz Macedo (2004, p. 165). Considerando que eram necessárias, mas não suficientes, optei também por utilizar instrumentos de registro que contribuíram com o processo investigativo, na constituição e compreensão do objeto pesquisado: diário de campo, fotografias e vídeo.

As entrevistas focalizaram as categorias estudadas; no diário de campo foram feitos os registros das vivências realizadas nas oficinas; o vídeo e as fotos capturaram comportamentos e reações dos alunos frente às atividades e às ações encaminhadas.

O itinerário foi construído em duas direções que se complementam. A primeira implica-se com o aporte teórico que envolve saberes sobre a leitura, a literatura e a mediação em torno do acervo do PNBE. A segunda corresponde à constituição do corpus da pesquisa. Após imersão no campo de pesquisa, passei a me debruçar sobre as informações orientadas pelas questões suscitadas, já mencionadas na página 19. Os procedimentos selecionados são próprios da Etnopesquisa Crítica que, conforme Macedo (2004), nascem da tradição etnográfica, tendo a Etnometodologia como inspiração teórica fundante.

Como pesquisadora e sujeito da pesquisa, estive em constante interação com o objeto pesquisado, ao realizar oficinas pedagógicas, descritas posteriormente, com os alunos da EMPM. Esses alunos e esse espaço constituíram-se sujeitos participantes e o campo pesquisa. Na trajetória da investigação, convivi com o desejo, a curiosidade, a criatividade, utopias e esperanças, pretensão e conflitos, incertezas e imprevistos, enfim, circunstâncias com as quais deve lidar todo pesquisador, tal como ressalta Macedo (2004).

O movimento da escrita dissertativa foi realizado considerando dois tipos distintos de leitura: a parafrástica e a polissêmica. Conforme Orlandi (2003), a leitura de natureza parafrástica caracteriza-se pelo baixo grau de polissemia, para fazer a distinção do caráter das informações – aquelas que traduzem a vida e o exercício profissional das entrevistadas e as que traduzem concepções sobre o objeto da pesquisa. Já a leitura polissêmica, com seu grau maior de polissemia, caracteriza-se por permitir a atribuição de sentidos ao texto, para além daqueles que estão explícitos.

No campo educacional, este estudo desenvolvido pode colaborar para reflexão das práticas escolares, incidindo sobre os posicionamentos dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Pelo menos, esse foi o nosso mais profundo desejo.

A curiosidade e necessidade de entender o PNBE conduziram-me aos estudos e às considerações da pesquisadora Paiva (2012), que demonstram como políticas públicas de fomento à leitura, a exemplo do Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE, têm desenvolvido ações que visam ao acesso à leitura e democratização dos bens culturais, como o livro literário que antes era objeto distante do cotidiano dos indivíduos.

Ainda que instâncias públicas como MEC promovam ações voltadas para o incentivo à leitura de obras literárias, percebe-se que o acervo que chega às escolas nem sempre é valorizado como material pedagógico, do que se pode deduzir que as crianças estariam sendo subtraídas do direito de usufruir desse bem cultural. Essas constatações levam ao reconhecimento da necessidade de desenvolver ações voltadas para a mobilização desse acervo, e na perspectiva do Projeto Leitura Com..., a mediação da leitura é uma delas.

Algumas pesquisas sobre o PNBE e mobilização do acervo já foram realizadas. Identificamos as seguintes:

PNBE: análise descritiva e crítica de uma política de formação de leitores (2013), desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa em Letramento Literário – CEALE/UFMG, que teve como objetivo discutir sobre o processo de avaliação e seleção das obras literárias de três

edições do PNBE (2007, 2008, 2009), considerando a qualidade textual, a qualidade temática e a qualidade gráfica das obras.

Espaços de Livro e Leitura: um estudo sobre as Salas de Leitura de escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro (PIMENTEL, 2011), que analisa os projetos de salas de leitura desenvolvidos em escolas da rede municipal de ensino da cidade do Rio de Janeiro refletindo sobre a composição e organização do acervo literário desses espaços.

Políticas Públicas de fomento à leitura: agenda governamental, política nacional e práticas locais (OLIVEIRA, 2011), que procurou sistematizar e refletir sobre a ação pública municipal no fomento à leitura, por meio de um estudo de caso no município de Caxias do Sul - Rio Grande do Sul.

O mercado editorial de literatura infantil e o PNBE: Algumas articulações (GERMANO, 2010), que analisou discursos sobre o letramento presentes nas obras de literatura infantil que compõem os acervos do PNBE destinados aos anos iniciais do Ensino Fundamental.

PNBE na Escola: Circulação ou proteção dos livros? (ANJOS, 2009), um estudo monográfico realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia que abordou questões que envolvem o uso do acervo do PNBE nas escolas públicas considerando o objetivo principal do Programa de democratização da leitura.

Embora tragam importantes contribuições sobre a questão do fomento à leitura nos espaços escolares, considero que, pela magnitude do tema, ainda haja espaço para estudos e debates sobre o trabalho de mediação da leitura literária na escola e sua repercussão nos alunos. Nesse sentido, credito que a pesquisa que realizei e que ora apresento textualizada nesta dissertação, agrega-se aos debates feitos pelos estudos referidos.

1.2 “COM PEDRINHAS DE LUZ CONVÉM MARCAR O CAMINHO”: TEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Em diálogos com a orientadora e coorientadora e, dispondo dos planejamentos das oficinas pedagógicas, do diário de campo com registros descritivos, de fotografias e vídeos do desenvolvimento delas, assim como das gravações e transcrições das entrevistas com as professoras, eu busquei as melhores estratégias para a composição da dissertação. Dentre elas, destaco, em princípio, a decisão de desenvolver a escrita do texto, fazendo uso tanto da primeira pessoa do singular, quanto da primeira do plural, considerando a especificidade das

situações relatadas, ora referindo-se a ações individualizadas e ora coletivizadas. Outra estratégia refere-se ao modo como foram identificados os sujeitos participantes da pesquisa – estudantes, professores, coordenadora e diretora – os quais aparecem com as iniciais de seus nomes e sobrenomes. Por fim, também como estratégia de textualização, busquei, em colaboração com a literatura, fazer uso da intertextualidade explícita e implícita, a começar pelos títulos que dei aos capítulos e algumas de suas subseções. O poema *Silêncio* de Roseana Murray (2001) inspirou os capítulos 1 e 6; os poemas *Luz*, *Bem-estar* e *Xale* inspiraram respectivamente os títulos da subseção 1.2 e dos capítulos 3 e 5; o poema *Dentro do livro* de Ricardo Azevedo (2000) inspirou o capítulo 4 e o poema *O vestido de Laura* Cecília Meireles (2012) inspirou o título da subseção 4.3. Por sua vez, os títulos das subseções 1.1 e 4.1 foram inspiradas no clássico conto de fadas *Chapeuzinho Vermelho* dos irmãos Grimm (2003) e as subseções 4.3.1 e 4.3.2 na composição musical *Este seu olhar* (Tom Jobim), canção que foi referência do *II Encontro de Leitura e Escrita – ELEGE: O que dizem teus olhos*², realizado em 2011, pelo nosso Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem (GELING).

Além desses títulos mencionados, movida pelo delicado poema *Zelo* de Roseana Murray (2001), denominei a minha dissertação de **A MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NO PROJETO LEITURA COM...: “INFINITO NOVELO DE TANTAS TRAMAS E CORES”**. Por questão de justiça, faço questão de deixar registrado que foi através do Projeto Leitura Com..., um verdadeiro espaço de formação para os que nele atuam, que desenvolvi processos de conhecimento e familiaridade com esses e outros textos literários, a ponto de encontrar motivação para que eles fizessem parte do jogo discursivo da minha dissertação, a qual encontra-se organizada em cinco capítulos.

No primeiro, ora finalizado, **A PESQUISA: "PARA ENTENDER, PALAVRA POR PALAVRA"**, introduzo o texto desta dissertação com a apresentação de: razão da pesquisa do ponto de vista pessoal e social; objetivos do estudo realizado; trajetória metodológica, incluindo problema e pergunta; natureza e o itinerário do estudo e especificação sumária dos capítulos seguintes.

Com o segundo, **LEITURA E LITERATURA: FIOS QUE SE ENTRELAÇAM**, apresento a revisão literária em diálogo com autores implicados com a leitura da literatura como: Cândido (1995), Martins (1997), Coelho (2000), Zilberman (2009) e Todorov (2012).

² ELEGE - Encontro de abrangência regional que promove intercâmbios entre professores e estudantes universitários, bem como entre todas as pessoas que desejam desenvolver práticas de leitura e escrita, consideradas como um direito de cidadania e como bens culturais produzidos em sociedade.

No terceiro, A MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA: “UMA CIRANDA ENCANTADA”, abordo a concepção de mediação que permeia este estudo, em diálogo com estudiosos como Vygotsky (2001), Teberosky e Colomer (2003), Colomer (2007), Depresbiteris (2009), Souza (2014) e Solé (1998).

No quatro, PROJETO LEITURA COM... “QUANTA HISTÓRIA, QUANTO INVENTO!”, em um primeiro momento, contextualizo historicamente o Projeto. Na sequência, apresento descrição e análise de oficinas pedagógicas realizadas com relato das manifestações dos alunos frente às atividades propostas que compõem o corpus da pesquisa.

O quinto capítulo, GESTOS E PALAVRAS: “FEITO BORBOLETAS BATENDO ASAS”, que também faz parte do corpus da pesquisa, é composto de relatos de professoras, coordenadora e diretora da Escola Municipal do Pau Miúdo que acompanharam atividades de mediação da leitura literária desenvolvidas pelo Projeto Leitura Com...

No sexto, À GUIA DE CONCLUSÃO “PALAVRA POR PALAVRA: A VOZ QUE VEM DO CORAÇÃO” E DA RAZÃO, faço as considerações finais acerca do estudo desenvolvido, retomando os objetivos, os pontos investigados, as indagações feitas, bem como as ressonâncias das experiências vividas por mim na condição de integrante do Projeto Leitura Com...

2 LEITURA E LITERATURA: FIOS QUE SE ENTRELAÇAM

Prestigiada por tratar de um importante instrumento por meio do qual se pode acessar o sistema linguístico, a leitura constitui-se numa das práticas sociais, que permeiam o ambiente escolar. E a história de cada leitor se encontra, geralmente, ligada ao vínculo afetivo construído, sobretudo, por meio de práticas da leitura que lhe foram mediadas.

Comprometida com as reflexões sobre leitura oferecidas por Martins (1997) distingi três níveis básicos de leitura: o sensorial, o emocional e o racional. Cada um deles tem correspondência com um modo de aproximação do objeto lido. Segundo a autora (1997, p. 37),

Como a leitura é dinâmica e circunstanciada, esses três níveis são inter-relacionados, senão simultâneos, mesmo sendo um ou outro privilegiado, segundo a experiência, expectativas, necessidades interesses do leitor e das condições do contexto geral em que se insere. Percorrendo uma feira, um bricabraque, um museu, ou um antiquário, certamente assaltam-nos as mais variadas sensações, emoções e pensamentos. Talvez pelo insólito do conjunto de objetos observados, do lugar em que se encontram, nos detenhamos mais a olhá-los. Cada indivíduo reagirá a eles de um modo; irá lê-los a seu modo.

Para Martins (1997, p. 82), para que a leitura se efetive, ela “deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expressão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais”. É a partir desse entendimento que a autora distingue esses três níveis de leitura.

O primeiro nível, sensorial, vincula-se a aspectos externos à leitura, como o tato com o prazer do manuseio do livro com papel agradável, ou a visão, através da visualização das ilustrações atraentes. Esse nível tem como referencial os nossos sentidos, ver, ouvir, cheirar, tocar e fazem parte de nossa vida desde cedo. Simultaneamente à leitura emocional e à leitura racional em maior ou menor proporção, a leitura sensorial é reveladora do que gostamos. Mas, como fazer a leitura sensorial de um livro? O livro, como nos lembra Martins (1997), é antes de tudo um objeto, e como todo objeto, tem textura, cor, volume, cheiro e, se o folhearmos, podemos sentir também, o som produzido. Assim, o pegar, o sentir, o cheirar, o folhear, enfim, o contato da criança com esse objeto pode propiciar a descoberta do livro como objeto prazeroso. (MARTINS, 1997, p. 42)

O segundo nível de leitura citado por Martins (1997), o emocional, está relacionado aos sentimentos, emoções, à fantasia, ao imaginário o que implica a ausência da objetividade.

Esse tipo de leitura envolve o leitor para o bem ou para o mal, “vem ao encontro de desejos, amenizam ou ressaltam frustrações diante da realidade”, transporta-o para diferentes “lugares e tempos, imaginários ou não, mas que naquelas circunstâncias respondem a uma necessidade, provocam intensa satisfação, ou ao contrário, desencadeiam angústias”. Para a autora, essa seria a leitura que mais proporciona prazer uma vez que o leitor se deixa envolver pelos sentimentos despertados pelo texto. (MARTINS, 1997, p. 49)

Quanto ao terceiro nível, o racional, ligado ao plano intelectual da leitura, “ênfatiza, pois, o intelectualismo, doutrina que enfatiza a preeminência e anterioridade dos fenômenos intelectuais sobre os sentimentos e as vontades”. (MARTINS, 1997, p. 63) O caráter reflexivo e dinâmico da leitura racional revela que esse tipo de leitura é constantemente atualizado e referenciado. Esse tipo de leitura não só permite expandir os horizontes de expectativa do leitor como amplia as possibilidades de leitura do texto e também da realidade social vivida.

Seja qual for o nível preponderante da leitura desenvolvida, sensorial, emocional ou racional, sempre existirão interligações entre elas, por ser próprio do ser humano, em sua busca pelo conhecimento e compreensão do mundo, inter-relacionar sensação, emoção e razão. Um texto que num primeiro momento apenas emociona ou agrada ao ouvido pode, posteriormente, suscitar reflexões. Mas, o que pode influenciar a predominância de um ou outro nível de leitura serão as experiências, as circunstâncias vivenciadas pelo leitor e sua relação com o objeto lido. Nesse aspecto, o papel do professor mediador de leitura é determinante na relação que seu aluno pode vir a estabelecer com o objeto lido, o livro.

Para Martins (1997), os três níveis de leitura não devem ser tratados separadamente, uma vez que o ser humano vive em constante processo de interação entre sensações, emoções e pensamentos. Dentre as leituras ressaltadas pela autora, a leitura emocional, em geral influenciada por experiências positivas ou não, é aquela que facilmente revela indícios das predileções leitoras dos alunos. O exemplo disso se vê na reação da aluna do 5º ano da EMPM, KS, quando, ao término da leitura do livro *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* (2008), aproximou-se da mediadora e pediu o livro emprestado para levá-lo para uma releitura em casa. Com um sorriso, KS demonstrou seu contentamento pelo atendimento ao seu pedido: poder ficar, por mais tempo, com o livro de que tanto gostara, em suas mãos.

Figura 1 – Aluna leitora com livro do acervo – PNBE 2012 EMPM tomado de empréstimo



Fonte: Arquivo pessoal da autora

A reação dessa aluna me faz recordar as palavras de Pereira, Gramacho e Beltrão (2014, p. 3) quando anunciam que,

O enraizamento do gosto pela leitura, considerada linguística, sempre dependerá da promoção da leitura bem como da utilização cotidiana do livro, ou de outros suportes dos textos impressos, sem que desconsideremos o leitor, aquele que age sobre o texto, imprimindo-lhe sentidos e valores.

Neves, Lima e Borges (2007) sinalizam que leitura linguística, está diretamente ligada à compreensão do código escrito e vinculada, historicamente, em quantidade e em qualidade, a um suporte material, o livro. Essa leitura, por sua vez, exerce uma importante função na vida do educando ao lhe proporcionar a ampliação do conhecimento de mundo.

Relembrando Freire (2011), a leitura em toda sua dinamicidade não se restringe ao ato da decodificação da palavra, mas se antecipa por meio da capacidade que todo indivíduo tem de realizar leitura do mundo, movido por suas experiências, sentimentos e emoções. Em seus escritos, o autor relaciona dois tipos de leitura: a “leitura de mundo” e “a leitura da palavra”. A primeira aquela realizada por todos, quer sejam crianças, adultos, leigos, menos ou mais entendidos, ocorre nas mais diversificadas situações e contextos sociais que nos cercam. A leitura da palavra, porém, ocorre a partir de aprendizagens sistematizadas, as quais precisam ser asseguradas a todos os indivíduos, seja para fins de obter informação, como pretexto ou como fruição.

Na perspectiva de que o ato da leitura acompanha o sujeito ao longo de sua vida, na escola e fora dela, Lajolo (2000) em afinidade com a visão freireana, também traz importantes reflexões para o estudo, como a que se observa no seguinte fragmento:

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela. (LAJOLO. 2000, p. 7)

A intensa leitura capacita o ser humano a agir no mundo, considerando que ela lhe possibilita compreender, interpretar e atribuir sentido ao texto inscrito em palavras e em situações. A leitura da palavra, e, em especial, da literária, potencial importante para inserir e conectar o sujeito com o mundo, não deve ser uma experiência enfadonha, desprazerosa. Além disso, como informa Lajolo (2000, p. 105),

A atividade de leitura, que, em suas origens, era individual e reflexiva (em oposição ao caráter coletivo, volátil e irrecuperável da oralidade de poetas e contadores de histórias), transformou-se hoje em consumo rápido de texto, em leitura dinâmica que, para ser lucrativa, tem de envelhecer depressa, gerando constantemente a necessidade de novos textos.

A escola, como espaço de ensino e aprendizagem, tem, supostamente, responsabilidade de garantir que sejam realizadas ações de desenvolvimento de práticas leitoras, não priorizando apenas a constituição de leitores que decodificam o impresso, mas de pessoas motivadas a lerem por prazer, por desejo de conhecer o que há dentro dos livros.

Ao longo dos anos, a literatura vem sendo utilizada pelas pessoas para registro de seus pensamentos, seus sentimentos e seus valores, sendo reconhecida como um veículo de transmissão cultural de uma sociedade ou de uma civilização para outra. Buscar uma definição do termo, literatura, não é uma tarefa simples. Ao longo dos tempos ela assumiu vários conceitos, conforme o contexto histórico e cultural da época, de forma que não se tem uma concepção definitiva do termo, como constatado a partir das leituras realizadas.

Quanto à funcionalidade da literatura, em sua obra intitulada *Literatura: arte, conhecimento e vida*, Coelho (2000) enfatiza o poder formador da literatura, apontando-a como um possível ponto de partida, norteador, para a reforma do ensino educacional brasileiro. Com sua capacidade de integrar as mais diferentes áreas do conhecimento, como o ensino da leitura, escrita, história e arte, a literatura oferece condições ideais para o desenvolvimento do ser humano.

Quanto às qualidades aferidas à literatura, Zilbermam (2009, p.128) pontua como notável a condição de que ela dispõe para “criar novos horizontes, prover acesso a uma versão de mundo que vai além da que conhecemos”. Para Zilbermam, no mundo ficcional temos possibilidades que ultrapassam àquelas próprias no mundo real e é justamente isso que fascina crianças, jovens e, por que não dizer, adultos que precisam da fantasia para uma convivência mais possível com a realidade cotidiana. O conhecimento de novos mundos, através da literatura, possibilita ao leitor vislumbrar uma “nova maneira de ser no mundo da realidade cotidiana”, afirma a autora.

Coelho (2000), em seus estudos, traz à tona o valor existencial da literatura tanto como experiência humana, quanto descoberta do poder da palavra, como dialética entre razão e imaginação, contribuições para a redescoberta do eu na interação com o outro. A autora defende a literatura como recurso indispensável a ser explorado pela escola, instituição que, para ela, deve prestigiar práticas que favoreçam

[...] estudos literários que estimulam o exercício da mente, a percepção do real em suas múltiplas significações, a consciência do eu em relação ao outro, a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua. (COELHO, 2000, p.27)

Todorov (2012) comenta, com propriedade, o papel da literatura como uma das vias régias, capaz de conduzir o indivíduo à realização pessoal. Para esse autor, a literatura “pode nos estender a mão quando estamos deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cerca, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver”. (TODOROV, 2012 p. 76) Isso me autoriza pensar com Gramacho (2013, p.40) que, através do pleno exercício da leitura literária, podemos ser outros, diferente do que somos, podemos romper os limites do tempo e do espaço, percorrendo mundos, sem que deixemos de ser nós mesmos. É essa literatura que os alunos merecem conhecer.

E essa literatura importante de ser conhecida pelo aluno é considerada como um fator indispensável à humanização. Esse é o pensamento de Candido (1995). Segundo esse autor, “a literatura confirma no homem traços essenciais como: o exercício da reflexão, a aquisição do conhecimento, a sensibilidade, o senso do que é belo, a percepção do mundo e dos seres, o cultivo do humor”. (CANDIDO 1995, p. 246)

Por tudo que a literatura representa, o acesso à sua leitura torna-se um direito indispensável ao homem tanto quanto o alimento, a moradia, o emprego, a vestimenta, a saúde, o lazer, que são considerados essenciais à vida. E, para Candido (1995), negar a sua fruição é privar o indivíduo das potencialidades que a linguagem literária possui.

Pelo valor que a literatura possui e por seu usufruto, as obras literárias, que hoje têm habitado as escolas públicas, se trata de um direito, precisam, portanto, fazer parte da vida dos alunos, o que inclusive, está previsto no texto “Uma coleção para você”, contido no livro *A Casa da Madrinha* de Lygia Bojunga Nunes (2002) que compõe o acervo Literatura em Minha Casa (PNBE),

A literatura é um dos mais valiosos tesouros da humanidade, que vem passando de pais para filhos pelos séculos afora. Em tempos mais recentes, quando os jovens têm mais oportunidades de estudo do que os mais velhos tiveram, essa herança preciosa pode também inverter a mão e passar de filhos para pais. E como quem lê gosta de sair comentando as leituras com a família e os amigos, muitas vezes o livro da biblioteca serve de assunto para muita conversa com as pessoas de quem a gente gosta. Esta coleção dá chance para mais do que isso, porque já é um presente. Pode se levar para casa e deixar lá, sem precisar devolver nunca. Dá para reler quantas vezes a gente quiser. E está cheia de textos ótimos de grandes autores. Reúne Lygia Bojunga Nunes e Ana Maria Machado, as duas únicas latino-americanas que já ganharam a Medalha Andersen, o mais importante reconhecimento internacional da literatura infanto-juvenil, considerado o Prêmio Nobel dessa área. E tem também outros autores consagradíssimos nesse gênero como: Ziraldo e Sylvia Orthof, ou os irmãos Grimm, alemães que são clássicos universais absolutos. Ao lado deles estão alguns dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos, em prosa (como João Guimarães Rosa e Clarice Lispector) e verso (Gonçalves Dias, Castro Alves, Olavo Bilac, Manuel Bandeira [...]). Esses e outros autores brilhantes (como Artur Azevedo, Evaristo da Veiga e Marina Martinez) vão agora fazer parte de seu tesouro pessoal de literatura. Em sua casa, para sempre. (NUNES, 2002, p. 3)

Esse mesmo livro, não só ressalta a importância da literatura, como faz menção à garantia de acesso aos textos literários. Essa Coleção Literatura em Minha Casa, distribuída para o aluno, para fazer parte de seu acervo pessoal, foi uma ação pontualmente realizada entre os anos de 2001 a 2003. Mas, além dessa ação, como é mencionado na introdução deste trabalho, o PNBE vem desenvolvendo ações, desde 1998, no sentido de garantir o direito aos estudantes, da rede pública de ensino, de acesso à literatura.

Apesar de essa política pública intencionar contribuir para a popularização da literatura, ela por si só não é garantia de que sejam efetivadas práticas de leitura pelos alunos, nem tampouco a formação do gosto pela leitura. Essa política precisa de um movimento escolar, no âmbito da pedagogia, que favoreça sua efetivação. No âmbito da pedagogia da leitura literária Zilberman (1998, p. 44) recomenda:

É necessário adotar uma metodologia de ensino da literatura que não se fundamente no endosso submisso da tradição, na repetição mecânica e sem critérios de conceitos desgastados, mas que deflagre o gosto e o prazer de

leitura de textos ficcionais ou não, e possibilite o desenvolvimento de uma postura crítica perante o lido e perante o mundo que esse traduz.

Isso que Zilberman apresenta supõe procedimentos de mediação da leitura. Nesse sentido, como espaço responsável pela formação do sujeito leitor, a escola tem um papel importante na garantia de que sejam efetivas as práticas de leitura que estimulem o rompimento do automatismo da rotina cotidiana que não propicia ações inerentes da leitura literária.

Lajolo (2000, p. 106) justifica a importância da literatura no currículo escolar ao afirmar que “o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos”.

Essas reflexões trazidas por esses autores me levaram a repensar sobre o papel das práticas da mediação literária que promovam aprendizagens significativas, que despertem no leitor o desejo de estar com o livro, de penetrar no livro e desvendar seus segredos. O termo aprendizagem significativa, algumas vezes empregado nesta dissertação, encontra-se ancorado nos pressupostos de David Ausubel (apud MOREIRA; MASINI, 1982). Na interpretação desses,

A ideia central da teoria de Ausubel é a de que o fator isolado mais importante influenciando a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe. [...] O conceito mais importante na teoria de Ausubel é o da aprendizagem significativa. Para Ausubel, a aprendizagem significativa é um, processo pelo qual uma nova informação se relaciona com um aspecto relevante da estrutura do indivíduo. Ou seja, neste processo a nova informação interage com uma estrutura de conhecimento específica, [...]. A aprendizagem significativa ocorre quando a nova informação ancora-se em conceitos relevantes pré existentes na estrutura cognitiva de quem aprende [...]. (MOREIRA; MASINI, 1982, p. 7)

Nesse sentido, a partir de suas estruturas de conhecimentos específicos, cada leitor ou aspirante a leitor, em contato com os livros, pode conhecer ou reconhecer lugares, personagens, fazer descobertas ou redescobertas, ter contato com opiniões diversas, sentir medo, sonhar, chorar, entristecer-se e alegrar-se e, quem sabe, pode até compreender melhor sua história e a das pessoas, coisas do mundo que com ela se relacionam.

No âmbito das discussões empreendidas nesse capítulo sobre esses fios que se entrelaçam, leitura e literatura, a abordagem da pesquisadora Graça Paulino sobre a leitura literária em sua dimensão social, merece ser considerada. De acordo com Paulino (2005), não podemos pensar nessa natureza de leitura que é a literária “sem levarmos em conta a

hibridização e a complexidade dos processos histórico-sociais nela envolvidos”. Para a autora seria um equívoco “tentar estabelecer competências e habilidades específicas para a leitura literária”. No entendimento da pesquisadora “a competência social de leitura literária depende de prioridades políticas e econômicas, capazes de influenciar opiniões e comportamentos coletivos”. (PAULINO, 2005, p. 65)

No bojo dessa relação entre leitura, literatura e aprendizagem significativa, cabe lembrar a biblioteca escolar, local que concentra os acervos literários na escola e que, conforme Pinto (2012, p. 17), representa “um espaço de aprendizagem por excelência” que deve estar centrada em propostas pedagógicas norteadoras de práticas que possibilitem a ampliação do interesse pela leitura.

Em sua pesquisa sobre a contribuição desse espaço para a formação do leitor, Pinto (2012) constatou a ausência do bibliotecário no ambiente da biblioteca escolar, dificultando a mediação no processo de dinamização da leitura nesse espaço. Conforme a autora, por falta de profissionais técnicos para atuarem na biblioteca, no caso o bibliotecário, a biblioteca da escola tem sido substituída pela sala de leitura, ou mesmo, cantinhos de leitura. (PINTO, 2012). É o caso da Escola Municipal do Pau Miúdo, meu campo de pesquisa, a qual possui a Sala de Leitura Professora Maria Helena Nunes Ferreira que se encontra sob a responsabilidade de uma professora em readaptação, que assume a função de organização, manutenção e empréstimo dos livros. Considerando o que Barbosa e Barbosa (2013, p. 11) apropriadamente me ensinou “[...] tudo começa com a mediação, com o encontro com o livro mediado por uma voz, uma entonação, uma indicação e, sobretudo, como uma clara orientação acerca de como ir ao texto, de como olhá-lo como espaço de interlocução, de diálogos com outros textos”.

E assumindo o compromisso com o objeto do estudo que empreendi – mediação da leitura literária – amplio o debate com o trato de modo especial sobre essa mediação no capítulo seguinte.

3 A MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA: “UMA CIRANDA ENCANTADA”

Desde a mais tenra idade, a criança se relaciona com o mundo à sua volta de modo direto ou por intermédio da mediação. No decorrer de seu desenvolvimento, a mediação se faz, cada vez mais presente, de diversas maneiras em variadas circunstâncias de sua vida.

O termo mediação, frequentemente usado no meio educacional surgiu na França, no século XV, utilizado para denominar situações de intermediação de conflitos e conciliação de pessoas. A partir de informações extraídas de Depresbiteris (2015), o termo mediação originário do latim *mediatio*, significa, entre outros sentidos, intervenção, intercessão. Em outras palavras, mediação simboliza a aproximação das partes interessadas por meio de um terceiro, um intermediário. Como mecanismo de interação, a mediação vem sendo empregada em diversas áreas do conhecimento, como o jurídico, o terapêutico, apresentando significados e abordagens próprias a cada uma delas, afirma o autor. Para este estudo, me concentrei na concepção da mediação no âmbito educacional.

Como potencial recurso pedagógico no processo de ensino e aprendizagem, a mediação vem sendo objeto de estudos de historiadores, antropólogos, psicólogos e educadores. De acordo com Feuerstein (apud SOUZA; DEPRESBITERIS; MACHADO, 2003, p. 38), a mediação teve sua origem nos primórdios da humanidade, à medida que o homem, consciente de sua condição como mortal, desejou dar continuidade à sua existência através das posteriores gerações. Para esse autor, a mediação, no campo da educação, caracteriza-se como um processo intencional em que se partilham significados e processos superiores favoráveis à construção de estruturas cognitivas que fazem parte da constituição do indivíduo, aluno mediado.

Outro estudioso de mediação, Vygotsky (1896-1934) entende que ser humano, diferentemente dos demais seres vivos, depende de contextos sociais para construir conhecimentos e se constituir como sujeito. Nesse sentido, o desenvolvimento humano ocorre mediante a interação com o outro e na apropriação de experiências histórico-culturais. Nessa lógica, as funções cognitivas e psicológicas superiores dos humanos, como a linguagem, o pensamento, a imaginação, a formulação de ideias, desenvolvem-se nas relações sociais, por meio da interação.

Segundo os pressupostos de Vygotsky traduzidos por Oliveira (2008, p. 24),

Não podemos pensar o desenvolvimento psicológico como um processo abstrato, descontextualizado, universal: o funcionamento psicológico,

particularmente no que se refere às funções psicológicas superiores, tipicamente humanas, está baseado fortemente nos modos culturalmente construídos de ordenar o real.

Na perspectiva de Vygotsky (apud OLIVEIRA, 2008), é importante se prever o desenvolvimento do indivíduo, que está relacionado com uma de suas abordagens mais importantes: a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Para Oliveira (2008, p. 61),

[...] a concepção de Vygotsky sobre as relações entre desenvolvimento e aprendizado, e, particularmente sobre a zona de desenvolvimento proximal, estabelece forte ligação entre o processo de desenvolvimento e a relação do indivíduo com seu ambiente sócio-cultural e com sua situação de organismo que não se desenvolve plenamente sem o suporte de outros indivíduos de sua espécie. É na zona de desenvolvimento proximal que a interferência de outros indivíduos é a mais transformadora.

A partir das considerações de Oliveira (2008), baseadas em Vygotsky, conclui-se que a ZDP pode ser definida como a diferença entre o que o indivíduo consegue realizar sem a ajuda do outro – o nível real de desenvolvimento e o que ele ainda não consegue sozinho – o nível proximal de desenvolvimento. No processo ensino e aprendizagem, a mediação do professor, na ZDP, colabora para que o aluno alcance avanços, os quais, sem interferência de um outro mais experiente, não seria possível. (OLIVEIRA, 2008)

Como no espaço escolar a interação não ocorre apenas entre professor e aluno, na concepção de Vygotsky (OLIVEIRA, 2008), aquele aluno menos experiente pode também beneficiar-se da interação com seu colega mais experiente, em elaborações que sozinho não conseguiria realizar. Para esse psicólogo russo, no processo de interação, o indivíduo mais experiente também pode ser beneficiado, pois, na medida em que tenta ajudar o outro, ele também é levado a reestruturar seu conhecimento, suas concepções.

Atenta aos pressupostos de Vygotsky, traduzidos por Oliveira (2008), pude compreender que o humano é mediado culturalmente, em especial, pela linguagem. No bojo dessa compreensão, faço extensão para o âmbito da leitura, entendendo que o exercício da mediação tem papel importante no desenvolvimento de competências leitoras dos alunos, sujeitos sociais.

Além desses estudiosos sobre mediação, busquei respaldo acerca da mediação da leitura literária, foco desta dissertação, em Teberosky e Colomer (2003), Colomer (2007), Barbosa e Barbosa (2013) e Souza (2014). À luz das concepções de Colomer (2007), em seu livro *Andar entre livros: a leitura literária na escola*, encontrei suporte para qualificar o ato da leitura compartilhada, de ler as obras literárias com o outro, como benefício de mão dupla, aquele

que, conforme a autora, traz para aquele que lê e para aquele que ouve, ampliação de sentidos, na medida em que ambos se envolvem com o livro e com a sua leitura.

Uma das concepções dessa autora é a de que, “andar entre livros” é condição essencial para a educação literária das novas gerações. Para que isso ocorra, um fator importante a ser considerado é a promoção da leitura compartilhada, recurso importante e garantia do acesso do aluno aos livros literários presentes na escola. (COLOMER, 2007, p. 197)

Ainda conforme essa autora, antes mesmo de ingressarem na escola, antes mesmo de saberem ler, meninos e meninas se beneficiam das práticas da leitura compartilhada, as quais lhes permitem um maior aproveitamento escolar, duplicando a possibilidade de tornarem-se leitores de livros. Essa leitura compartilhada pode ocorrer em momentos distintos, seja por meio de rodas de contação de histórias, manuseio dos livros, saraus, entre outros tantos modos e gestos que possam reunir os alunos em volta dos livros, afirma Colomer (2007, p. 107).

Embora reconheça a importância da leitura individual, autônoma, silenciosa, de livre escolha, Colomer (2007) considera que ler com o outro, compartilhar leitura com os outros é a melhor maneira de formar leitores, de provocar o gosto pela leitura. Com base em seus argumentos, é possível reconhecer que a leitura compartilhada, desenvolvida de modo intencional, constitui-se procedimento pedagógico, de fundamental importância, para o movimento escolar de formação de leitores.

Em seus estudos, Colomer faz referência à leitura como forma de aprendizado social e afetivo. À medida que o indivíduo compartilha suas leituras, compartilha-se também “o entusiasmo, a construção do significado e as conexões que os livros estabelecem entre eles”, afirma. (COLOMER, 2007, p. 107). Para que isso se efetive, acredito ser imprescindível que o professor planeje suas ações e estratégias de mediação favoráveis ao incentivo da leitura integral dos livros.

Concordando com o que dizem Teberosky e Colomer (2003), penso que oportunizar a interação das crianças com a leitura literária dos diversos gêneros existentes na escola é indispensável. Dizem elas:

[...] é uma condição essencial para favorecer o acesso à língua e para motivar o desejo de aprender a ler. O espaço de sala de aula deve refletir essa imersão induzida no mundo da escrita, sendo atrativo e bem organizado, para que os alunos possam movimentar-se com segurança. (TEBEROSKY; COLOMER, 2003, p. 145)

Para essas autoras, a interação com textos, através da mediação do leitor mais experiente, que lê em voz alta, é um processo de aprendizagem que colabora para adentrar a

criança em territórios desconhecidos, nos quais eles poderão explorar diferentes formas de linguagem. Relacionado a isso, Colomer (2007, p. 147) afirma que

[...] compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade cultural que a interpreta e avalia. A escola é o contexto de relação onde se constrói essa ponte e se dá às crianças a oportunidade de atravessá-la.

Em consonância com a concepção das autoras, Cosson (2014, p.65) concorda que, no exercício de partilha de suas interpretações, os leitores ampliam os sentidos que foram construídos individualmente e se reconhecem como membros de uma coletividade, o que pode favorecer a ampliação de seus horizontes de leitura.

Tendo em vista que a leitura literária é um fator essencial à humanização, conforme Candido (1995), pressupõe-se que as atividades de mediação na escola, que envolvem a leitura do acervo do PNBE, favorecem a formação do sujeito leitor ou do leitor em potencial. A atuação de um leitor mais experiente, tomando de empréstimo as formulações vigotskianas, é fundamental na relação do leitor com o livro e no desenvolvimento de seu gosto pela leitura literária. Nesse processo, o mediador tem papel de relevância como um dos responsáveis pela interação do aluno com a literatura e pela democratização da leitura das obras presentes na escola.

Como potencial mediador dessa leitura na escola, é necessário que o professor vivencie, junto com seu aluno, práticas de leituras compartilhadas, para que, mediante a própria prática, compreenda os sentidos do trabalho da mediação da leitura, do ato de ler para e com o outro. Não podemos deixar de lembrar também que nesse mundo, cada dia mais complexo, a mediação acontece para além do ambiente escolar, na perspectiva de múltiplos e diferentes ambientes de aprendizagem.

No parecer de Barbosa e Barbosa (2013, p. 11) a mediação “começa com uma disponibilidade para a hospitalidade, esta entendida como o ato de acolher aquele que chega e dar-lhe lugar e condições para que, após essa chegada, possa prosseguir com força e vigor a sua própria caminhada”. A materialização dessa hospitalidade, em forma de acolhimento, conforme os autores, permite ao aluno sua aproximação com o mundo da leitura. Essa generosidade em acolher o outro é, quem sabe, uma porta que se abre para o admirável universo da leitura, em especial, da leitura literária.

Os estudos realizados levaram-me a supor que a mediação da leitura pressupõe a interação entre os sujeitos e que, por meio dessa com textos literários, o aluno passa a ter

acesso a um universo que antes, sem o auxílio do mediador, talvez não lhe fosse possível.

Para Souza (2014), no processo de mediação da leitura há de ser considerado também o espaço que acolhe os leitores em formação. A biblioteca escolar, como também a sala de leitura, apresentam-se como ambientes propícios, onde os diversos sujeitos – professor-aluno e aluno-aluno – podem interagir. Contudo, a autora ressalta a necessidade de organização, estabelecimento de estratégias e desenvolvimento de ações capazes de potencializar a prática e o incentivo da leitura literária.

Um dos fatores importantes à promoção da leitura, segundo Depresbiteris (2015), é o estímulo ao pensamento por meio de perguntas, por considerar como estratégia de mediação da leitura que possibilita, ao mediado, desenvolvimento de sua forma de pensar, sendo valiosa no sentido de estimular o seu processo cognitivo e afetivo.

A partir da perspectiva de estratégias, formulada por Depresbiteris (2015), e sob a orientação da coordenadora do Projeto Leitura Com..., nós, integrantes do grupo que compunham esse Projeto, formulamos oficinas e as realizamos com alunos da Escola Municipal do Pau Miúdo, para a mediação das obras literárias, que compõem o acervo do PNBE nessa escola. As quais estão apresentadas no capítulo seguinte.

4 PROJETO LEITURA COM...: “QUANTA HISTÓRIA, QUANTO INVENTO”

Neste capítulo, tenho como objetivo principal apresentar as informações produzidas na EMPM que se constituem corpus da pesquisa de campo. Para isso, faço um percurso mais longo, apresentando histórias do Projeto Leitura Com..., já que é tecido por fios de muitos inventos. Para narrá-las e trazê-las ao debate é preciso que apresentemos vários Era uma vez..., de vários momentos, do ano de 2007 a 2016. Como se observa, são várias sincronias numa linha de tempo em que o Leitura Com... é expressivo.

A primeira sincronia consiste nas atividades desenvolvidas em espaços públicos de Salvador. A segunda, consiste na atividade desenvolvida na FACED. Ambas constituem a seção Leitura Com... primeira história.

Na continuidade, subseção 4. 2, apresento o Projeto na escola e em 4.3 apresento as informações produzidas na EMPM que se constituem corpus da pesquisa de campo. As oficinas, em número de três são apresentadas em cotejo com os seus efeitos produzidos nos sujeitos participantes, alunos do Grupo 4 ao 5º ano.

Vamos, então, à leitura!

4.1 LEITURA COM...: PRIMEIRA HISTÓRIA

O Projeto Leitura Com... formulado e implementado em 2007, está inscrito no Programa Permanecer³ da Universidade Federal da Bahia - UFBA, como parte das Ações Afirmativas, Educação e Diversidade da Pró-Reitora de Assistência Estudantil – PROAE, dessa Universidade. Está vinculado ao Projeto de pesquisa “Observatório de Leitura”, que faz parte de um Projeto maior intitulado Salvador Lê, desenvolvido no GELING – UFBA. Seu objetivo principal era investigar o ato da leitura compartilhada e os níveis de participação dos leitores envolvidos no movimento.

Além de sua peculiaridade como Projeto de pesquisa, o Leitura Com... se elevou à condição de proposta de extensão, que se constituiu na realização de procedimentos e atividades de leitura voltados para o ato de ler na sua diversidade, atingindo a população de leitores ou não leitores. (SANTOS, 2009)

³ Programa de formação integrada e apoio social aos estudantes da UFBA cujo objetivo é assegurar a permanência de estudantes em vulnerabilidade socioeconômica por entender que estes têm maior probabilidade de ter que adiar ou mesmo interromper sua trajetória acadêmica devido a condições desfavoráveis que interferem concretamente na sua presença no contexto universitário.

De autoria das professoras Mary Arapiraca e Lícia Beltrão, integrantes do GELING, o Projeto, a princípio, tinha como perspectiva, a formação de um grupo de dez bolsistas, com vistas a atingir uma área significativa de Salvador, para a realização de práticas de leitura em espaços comunitários, com procedimentos e atividades diferenciadas, de forma a alcançar jovens e adultos já leitores ou não. Como naquele ano o Projeto foi contemplado por uma bolsista apenas, fez-se necessária a redução das ações projetadas.

A primeira versão, o Projeto contou com a participação da bolsista Normaci Correia, estudante do curso de Biblioteconomia, do Instituto de Ciências da Informação – ICI da Universidade Federal da Bahia – UFBA, a qual desenvolveu atividades de leitura de textos literários: crônicas, contos, poemas, envolvendo o público constituído de jovens e adultos, em espaços públicos das comunidades de Ilha Amarela, subúrbio de Salvador, e Bravo, distrito de Serra Preta.

Reinscrito em 2008, passei a fazer parte do Projeto, como bolsista, juntamente com a estudante do curso de Letras, Marília de Jesus. Nessa segunda versão, a coordenadora do Projeto propôs ampliação de seu campo de atuação, em parceria com o Projeto Livro Livre Salvador⁴ e ações conjuntas com os estudos empreendidos nos componentes do Currículo do Curso de Pedagogia EDC 306 - *Leitura e Produção de texto* e EDC 326 - *Oficina de leitura: Porque ler...*, que cuidaram das questões teóricas e práticas sobre o ato de ler, sem perder o foco no objetivo primeiro de investigar o ato da leitura compartilhada e os níveis de participação dos leitores.

Ampliando sua condição de pesquisa para extensão, o grupo Leitura Com..., contando com o ICI e estudantes dos componentes de educação, referidos, todos no âmbito da Universidade Federal da Bahia, promoveram atividades de leitura em diferentes espaços - praças e biblioteca - do Município de Salvador: Na Praça Divaldo Franco no Shopping Iguatemi, à época, na Praça Marques de Olinda no Garcia e na Praça do Candeal Pequeno no bairro Candeal e em biblioteca: na Biblioteca Juracy Magalhães Júnior.

As atividades de leitura compartilhada e socialização das obras literárias dos expressivos escritores: Monteiro Lobato, Roseana Murray, Ricardo Azevedo, Daniel Mudurukum foram articuladas com um grupo em estágios diferenciados de formação constituído por professoras, cursistas em formação no Curso de Pedagogia da FACED – Projeto Salvador, Ana Cristina Andrade, Célia Ribeiro, Claudia Silva, Ednalva Santos, Maria

⁴ Projeto de incentivo à leitura que tem como objetivo ampliar o número de leitores, estimulando pessoas e instituições a desenvolverem ações coletivas e estratégicas que incentivem a circulação de livros em locais públicos, coordenado pela Prof^a Dra. Vanda Angélica Cunha, do Instituto de Ciência da Informação.

Íris Souza; estudantes do Curso de Pedagogia da FAGED – Carolina Campos, Marília de Jesus, Joilda Albuquerque (eu), Patrícia Nunes, Patrícia Saray, Patrícia Santana, Vanessa Brito e professores colaboradores: José Romilson Nascimento e Aline de Silva, integrantes do GELING. Participar das atividades possibilitou experiências pessoais e coletivas beneficiadas pelo exercício de leituras prazerosas e enriquecedoras para o exercício de nossa prática pedagógica profissional.

Desde sua constituição o Projeto tem se ocupado com ações que compreendem: a) a identificação dos espaços para realização da leitura compartilhada; b) realização do levantamento bibliográfico e estudo de acervo literário do PNBE para utilização nas oficinas pedagógicas (APÊNDICE D); c) elaboração do planejamento das atividades que descreve os roteiros do trabalho de mediação seria realizado, considerando o público-alvo; d) implementação de oficinas em escolas e espaços públicos; e) avaliação das atividades desenvolvidas; f) constituição de acervo teórico para o estudo em grupo, composto pelas integrantes do projeto e voluntárias g) realização de relatórios e produções de textos acadêmicos – resenhas, comunicações e artigos – que são apresentados em sessão científica promovida pelo grupo de estudo GELING e eventos educacionais em nível nacional.

Em sua condição extensionista, o Projeto Leitura Com..., sob a liderança da coordenadora, realizou práticas de leitura de diferentes nuances como forma de acesso às múltiplas linguagens. Essas atividades realizadas nesses espaços, dentre os anos de 2008 e 2009, descritas em Santos (2009), consistiram em seis oficinas práticas, assim nomeadas: *Gestos de Delicadeza*; *Bazar do Ricardo*; *Daniel Munduruku: sua história e outras histórias*; *Do Reino das Águas Claras ao Candéal*; *Notícias do Sítio* e *Leituras e viagens*. Na continuidade, passo a fazer considerações sobre cada uma.

A primeira atividade, **Gestos de Delicadeza**, foi realizada na Praça Divaldo Franco do Shopping Iguatemi, em 2008, com o objetivo de levar para um espaço público a poesia, tão incomum em espaços comerciais. O trabalho teve como suporte os poemas do livro *Manual da delicadeza de A a Z* da carioca Roseana Murray (2001), ilustrado por Elvira Vigna. No âmbito da literatura infantil brasileira, a autora tem sido uma das representantes de nossa poesia no âmbito da lírica moderna.

Figura 2: Recital de poesia na Praça Divaldo Franco do Shopping Iguatemi (2008)



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Na época, a atividade contou com minha participação e da colega Marília de Jesus como integrantes do Projeto Leitura Com..., em conjunto com estudantes de Pedagogia Ana Cristina Andrade, Célia Ribeiro, Claudia Silva, Ednalva Santos, Maria Íris Souza, Patrícia Nunes, Patrícia Saray, Patrícia Santana, Vanessa Brito que cumpriam os componentes curriculares EDC 326 *Oficina de Leitura: Porque ler...* e EDC 306 *Leitura e Produção de texto*. Além de nós contamos com a colaboração de dois professores integrantes do GELING Romilson Nascimento e Aline de Silva.

Com o objetivo já concretizado, o que fazer para conduzir os ouvintes, com sutileza, ao alfabeto das delicadezas? Para nos preparar, realizamos o estudo dos textos - conteúdo e forma - e pensamos nas estratégias com vistas a atrair atenção daqueles que cumpriam sua jornada de trabalho, ou, daqueles que passeavam pelo Shopping, para que ouvissem e desfrutassem dos poemas lidos.

Além da leitura para compreender a essência dos poemas em estudo, tivemos momentos de vocalização dos poemas; trabalho de aquecimentos da voz, para uma sua melhor projeção; exercícios de articulação, para assegurar dicção adequada dos poemas; leitura oral articulada com gestos, de forma a se obter harmonia.

Chegado o dia de realizarmos o recital de poesias no Shopping, tínhamos o desafio de fazer acontecer a magia da poesia naquele espaço, aparentemente desprovido de sensibilidade ao gesto de delicadeza dos poemas. Lá, já se encontrava o grupo do Livro Livre Salvador,

coordenado pela professora Vanda Angélica, dispondo dos livros literários para que os transeuntes pudessem pegar e levar para ler.

Com a expectativa de grande público, nos dirigimos ao local destinado para a atividade. Apesar do número limitado de ouvintes para apreciação da arte poética, o grupo permaneceu motivado recitando os poemas de Roseana Murray (2001). Conforme, expresso no meu TCC o desejo de ler para o outro, declamar palavras doces que colhemos no jardim das delicadezas: o *afago* das palavras belas; o *bem-estar* para acolher o outro; a *carícia* com seu toque delicado na pele; a *dádiva* com suas minúcias; a *esperança* como estrela na lapela... era forte e motivou-nos a compartilhar e também desfrutar daquele instante mágico.

Foi maravilhosa e gratificante a experiência vivida, os desafios enfrentados, os imprevistos superados. A inexperiência de nunca antes ter participado de uma atividade desse porte se contrapôs às adversidades dando lugar à criatividade e superação. Ao final as leitoras e leitores que passavam pelo espaço do Shopping foram prestigiados não só por nossa atividade de recitação dos poemas, mas, também pela ação do Projeto Livro Livre Salvador. Crianças, jovens e adultos, curiosamente folheavam os livros e escolhiam aquele de que mais gostavam e levavam consigo.

Viver a poesia daquele momento, recitar poemas, esse gênero textual fértil, capaz de fazer despertar sentimentos que a razão pode não compreender foi... como o “invisível” do poema de Murray (2001, p.13) que é difícil se conseguir apalpar.

Invisível

A alma é invisível,
 um anjo é invisível,
 o vento é invisível,
 e, no entanto,
 com delicadeza,
 se pode enxergar a alma,
 se pode adivinhar um anjo,
 se pode sentir o vento,
 se pode mudar o mundo
 com alguns pensamentos.

A segunda atividade, intitulada **Bazar do Ricardo**, realizada na Praça Marques de Olinda localizada no bairro do Garcia, em 2008, teve como objetivo prestigiar a leitura de textos da tradição oral como: contos, adivinhas, parlendas extraídos dos livros *Armazém do folclore* (2000), *Contos de espanto e alumbramento* (2005) e *Dezenove poemas desengonçados* (2000) do escritor e ilustrador paulista Ricardo Azevedo.

O primeiro livro caracteriza-se por um conjunto de contos, adivinhas, quadras populares, ditados, trava-línguas e outras manifestações da cultura do povo brasileiro, além de apresentar vários personagens do imaginário e lendas populares como o Saci, o Curupira, o Bicho-papão a Iara e o Lobisomem que fazem parte do folclore brasileiro.

O segundo reúne contos populares em que estão presentes heróis, animais mágicos, monstros e encantamentos.

O terceiro é composto de 19 poemas, fruto de um trabalho cuidadoso com palavras e imagens que estimulam reflexão sobre temas importantes da vida como, por exemplo, o poema *Lição de Biologia* lido pela professora coordenadora do Projeto no encerramento da atividade.

Eu plantei um pé de amor
no fundo da minha vida
a semente foi brotando
primeiro criou raiz
da raiz nasceu o broto
do broto nasceu o caule
do caule nasceu o galho
do galho nasceu a folha
da folha nasceu a flor
e da flor nasceu o fruto
e o fruto que era verde
depressa ficou maduro
e com ele eu fiz um doce
que eu dei pra você provar
que eu dei pra você querer
que eu dei pra você gostar.

A atividade contou com a participação de Carolina Campos, Célia Santos, Patrícia Saray, alunas do componente curricular EDC 326 *Oficina de Leitura: Porque ler...* (FACED/UFBA). Além de nossa presença, o trabalho também contou com participação do Projeto Ilê da própria comunidade do Garcia.

Como a anterior, essa atividade foi desenvolvida em conjunto com o Projeto Livro Livre Salvador. Para que a comunidade participasse da programação, contamos com a ajuda de um carro de som de um dos moradores do bairro. Este recurso ajudou na promoção do evento que contou com presença de moradores da localidade e, especialmente, dos estudantes Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima, os quais participaram, se envolveram e apreciaram, ora silenciosamente atentos, ora fazendo alarido e se movimentando com toda energia e entusiasmo de criança.

Utilizando-se da arte discursiva, a responsável pelo Projeto Livro Livre Salvador abriu as atividades falando da intencionalidade da atividade para a comunidade e, em seguida, foi

realizada a atividade proposta. Na sequência, a aluna da disciplina *Oficina de Leitura: Por que ler...*, Carolina Campos, representando a personagem Joana Perguntadeira, deu continuidade à atividade apresentando a biografia do escritor Ricardo Azevedo e a leitura de seu poema *Dentro do livro* (2000, p.48) mostrando aos ouvintes a diversidade de coisas que o autor diz poder se encontrar dentro do livro: mito, lenda, saga, dito, caso, conto, estrada, viagem, mentiras, verdades.

Figura 3: Leitura Com... jovens, crianças e adultos no Largo do Garcia (2008)



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Dando prosseguimento ao planejamento, o grupo compartilhou com os ouvintes a leitura de quadras, parlendas e adivinhas. Esta última envolveu crianças e adultos na interação com o jogo de charadas desafiadoras proporcionado pelo gênero textual. Em seguida, foi apresentada o conto *Dois cegos briguentos* de Ricardo Azevedo (2000, p. 27), com o qual pude me divertir com a colega Célia Santos, representando esse texto bem humorado do autor. Como estratégia e forma de agradecimento pela participação do público leitor presente, à medida em que as respostas das adivinhas surgiam, combinando saber com sabor, foi oferecida às crianças pirulitos. Por fim, a coordenadora Lícia Beltrão realizou a leitura do poema “Lição de Biologia”, já descrito, tecendo nossos agradecimentos. A literatura produzida por Ricardo Azevedo e estudada pelo Projeto Leitura Com... traduz a riqueza da literatura popular.

Além do *Bazar do Ricardo*, foi realizada também a atividade intitulada “Baú da leitura”, pelas crianças que fazem parte do Projeto Ilê. Estas exploraram de forma lúdica o Estatuto da Criança e do Adolescente e também realizaram dramatização enfatizando a importância do estudo e da leitura. “Pois quem não lê e não estuda não chega a lugar nenhum” - palavras proclamadas em coro pelas crianças do projeto.

A terceira atividade **Daniel Munduruku: sua história e outras histórias**, realizada no dia 16 de abril de 2009, na Biblioteca Juracy Magalhães Júnior, teve como objetivo compartilhar leituras de contos indígenas com os alunos da Escola Municipal Hercília Moreira e funcionários da biblioteca, tendo em vista a proximidade da data instituída em homenagem ao índio. Os contos foram extraídos dos livros de Daniel Munduruku: *Histórias de índio* (1997), *Você lembra, pai?* (2005), *Contos indígenas Brasileiro* (2005), *Um estranho sonho de futuro* (2004), *História que ouvi e gosto de contar* (2004) e *Tempo de histórias* (2005).

A atividade de mediação planejada para a biblioteca foi desenvolvida pelas integrantes do Projeto Leitura Com... em conjunto com alunas do componente curricular EDC 306 *Leitura e Produção de texto*, sob a coordenação da professora Lícia Beltrão que não só coordenou, como também, foi coparticipante das atividades. A proposta consistiu na exposição da biografia do autor Daniel Munduruku e leitura de suas obras literárias cuja temática envolve o universo indígena, histórias vividas pelo autor e o povo da sua tribo.

Na oportunidade, antes de começarmos a atividade, pudemos conhecer o setor de Literatura Infantil, de literatura nacional e estrangeira para adultos nos familiarizarmos com as obras à disposição naquele espaço.

A atividade foi inicialmente conduzida pela coordenadora do Projeto que utilizou uma dinâmica de interação, com o propósito de conhecer o nome dos alunos da Escola Municipal Hercília Moreira e de nos apresentar aos leitores. Após conclusão da dinâmica, seguiu-se o momento da narração da biografia do autor Daniel Munduruku por uma das alunas da disciplina EDC 326 *Oficina de leitura: Porque ler...* por meio da qual os alunos puderam se aproximar do índio escritor, conhecendo fatos de sua vida e das histórias que estavam prestes a conhecer. No terceiro momento, outra integrante do grupo, lendo o mapa geográfico do Brasil, apresentou às crianças e funcionários o percurso de viagens já realizadas por Munduruku, fazendo palestra buscando conhecer novos mundos, compartilhando suas histórias e as histórias de seu povo.

Na continuidade, foi realizada a contação das histórias do autor regadas a um toque de suspense, mistério, emoções. Um a um, os livros foram apresentados, o gênero capa do livro com suas ilustrações foi explorado e os alunos, atentos, com os olhos fitos na contadora, demonstravam encantamento pelas obras, possivelmente desconhecidas por eles. Ao final da contação, intencionando fazê-los chegar até o autor, foi proposto aos alunos a reescrita da história de que mais gostaram, por meio de desenhos ou reconto escrito.

O encontro com essas obras, durante o planejamento e elaboração da atividade, nos proporcionado pela coordenadora do projeto foi mais um tempo de aprendizado sobre o índio, sobre sua vida, seus costumes, suas histórias, e o mais importante: contado pelo próprio índio. Foi uma experiência que guardo na memória, me sinto realizada em poder ter vivenciado esse momento de partilha com os estudantes da Escola Municipal Hercília Moreira.

Figura 4: Leitura Com... estudantes da Escola Municipal Hercília Moreira na Biblioteca Juracy Magalhães Junior (2009)



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Atividades, como a realizada na Biblioteca Juracy Magalhães Filho podem ser importantes para aproximar os estudantes desse ambiente profícuo, habitado pelos livros. Realizando atividades como esta, o professor e a escola podem contribuir para que o aluno perceba a biblioteca como um espaço de aprendizagem e se torne familiar a este, despertando assim o desejo de frequentá-la e usufruir de seu acervo, exercendo neste espaço práticas de leitura.

A quarta atividade **Do Reino das Águas Claras ao Candeal** foi realizada pelo Projeto Leitura Com... na praça do Candeal Pequeno em 2009. A proposta teve como objetivo compartilhar com o outro a obra de Monteiro Lobato, celebrando o Dia Nacional do Livro, 18 de abril, criado em sua homenagem como importante protagonista da história da literatura brasileira, em especial da literatura infantil. Inspirada no livro de Lobato *Reinações de Narizinho* (2007), a atividade desenvolvida também, em ação conjunta com o Projeto Livro Livre Salvador, contou com a participação de dois alunos da Escola Comunitária Maria de Lurdes, localizada no próprio bairro. O livro estudado e apresentado ao público da comunidade é composto por várias histórias que acontecem no próprio Sítio ou num mundo imaginário criado pelos personagens. Dentre essas histórias escolhemos compartilhar a do Reino das Águas Claras, um mundo fictício criado pela personagem lobatiana Narizinho.

Após saudações à comunidade feitas pela professora Lícia Beltrão, deu-se início às atividades. Para que conhecessem um pouco Oe escritor da história que seria apresentada à comunidade, primeiramente, foi realizada a leitura da biografia de Monteiro Lobato pelos dois alunos da Escola. Após essa leitura, convidei a comunidade a embarcar conosco em uma viagem até um certo Reino das Águas Claras. Feito o convite, diante de muitos olhares atentos iniciei a contação da história sobre esse tal reino, um reino encantado que fazia parte do mundo imaginário da menina Narizinho, Reino das Águas Claras. (LOBATO, 2007)

Finalizada a contação ainda num clima de encantamento e magia, que a literatura pode proporcionar, a coordenadora, retomou a palavra para transmitir o que dizia uma determinada carta enviada por uma distinta senhora moradora do Sítio do Picapau Amarelo, Dona Benta, aos moradores do Candeal Pequeno.

Carta de D. Benta à comunidade do Candeal

17 de abril de 2009,

Prezados moradores do Candeal, crianças, jovens, adultos,
 Tomando conhecimento
 De que minhas conterrâneas lobatianas (leitoras da obra de Lobato)
 Estariam visitando a comunidade
 Resolvi escrever-lhes esta carta
 Aqui, no Sítio, tudo vai bem
 A Narizinho e a Emília, como sempre,
 Inventando, cantando, brincando, tagarelando
 A Tia Nastácia da cozinha não sai,
 Preparando seus deliciosos quitutes
 E fez questão de preparar para vocês
 Com muito carinho
 Saborosos docinhos
 Docinhos que seguem viagem

Levando a alegria, a amizade,
 A doçura, a felicidade
 Daqui para a cidade.
 Espero encontrá-los a qualquer hora
 Lendo em casa ou na escola
 As fabulosas histórias
 Que Monteiro Lobato
 Tirou de sua cachola.

Beijo a todos, com carinho,
 D. Benta, avó de Narizinho e Pedrinho

Concluída nossa parte da atividade a professora Vanda Angélica coordenadora do Projeto Livro Livre Salvador assumiu a direção das ações. Em caminhada pelo bairro, o grupo saiu a dispor os livros livres, pelas ruas e praça, para que os moradores pudessem pegar e levar consigo, para que seguissem viagem com a leitura livresca. Sobre as impressões dessa ação descrevo em Santos (2009, p. 53),

Enquanto as crianças apanhavam os livros de literatura disponíveis, observávamos os comportamentos: pegavam os livros como se fossem verdadeiros achados, pareciam nunca tê-los visto. Algumas crianças conseguiram dois, três até quatro livros outros um ou mesmo nenhum. Tentamos argumentar no intuito de que as crianças que apanharam mais livros pudessem oferecer um ao colega que não tinha nenhum. Eufóricos, alguns folheavam, sentiam e, curiosamente, focavam nas gravuras existentes nos livros, enquanto outros, com seu livrinho debaixo do braço ou preso às mãos pareciam querer protegê-lo, se assegurando de que ninguém fosse pegá-lo.

Em meio a esses flagrantes, fomos surpreendidas por um garoto de olhos arregalados nos fazendo a proposta de troca do livro *Reinações de Narizinho*, que havíamos lido por três livros que ele havia conseguido com a distribuição na praça. Tal atitude da criança nos levou a mensurar o efeito causado pela leitura realizada, aquele leitor, de alguma forma foi tocado, o que me levou a lembrar do velho desejo de Lobato de que a leitura de seus livros pudesse despertar no leitor o desejo de quererem morar neles. E acredito que essa criança sentiu esse desejo de conhecer mais o que havia dentro daquele livro, em especial, de, quem sabe “mergulhar no livro de Lobato para desvendar os mistérios, outros segredos do Reino das Águas Claras que não foram revelados, mas deixados em suspenso”. (SANTOS, 2009, p. 53)

A quinta atividade elaborada pelo Projeto intitulada **Notícias do Sítio: O São João está sendo preparado** teve como objetivo compartilhar a leitura de poemas de Manuel Bandeira e textos da tradição oral de Ricardo Azevedo (2000) na Escola Comunitária Maria de Lourdes situada no bairro do Candéal. A oficina foi baseada nas obras literárias de Manuel Bandeira e Ricardo Azevedo (2000).

O contato com dois alunos dessa escola durante a atividade realizada na Praça do Candeal Pequeno (ver página 48) e as atitudes das crianças com seus olhares atentos, curiosos e desejosos de ouvir mais leituras motivaram a volta do Projeto à mesma escola para realização dessa nova atividade. Desta vez, em consideração à proximidade dos festejos juninos e ao clima junino que já se instalava, elaboramos a atividade para os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental da comunidade escolar. Descobrimos que o São João também era festejado no Sítio do Picapau Amarelo, buscamos partilhar a descoberta encontrada na obra *Reinações de Narizinho* (2007, p.51):

O dia de São João era a grande festa no Sítio do Picapau Amarelo. Reuniam-se lá todas as crianças dos arredores para soltar bombinhas e pistolões e dançar em torno da fogueira. Pedrinho jamais faltou a essa festa anual, como jamais deixou de queimar o dedo. Um ano em que não queimou o dedo ficou muito admirado. Nos últimos tempos era Pedrinho quem pintava o mastro, caprichando em formar arabescos de todas as cores cada ano um estilo diferente. Também era ele quem fornecia a bandeira com o retrato de São João menino, de cruz ao ombro e cordeiro no braço.

Ao chegar à escola para realização da atividade, as professoras reuniram suas turmas em uma sala ampla para que todos participassem. Com o livro *Reinação de Narizinho* nas mãos, iniciamos a conversa falando da festa junina que também acontecia no sítio e era diversão garantida para Pedrinho e toda a turma. Perguntei se conheciam a cantiga *Cai, cai, balão*; alguns alunos sinalizaram que conheciam, então seguimos cantando (Marília e eu) a cantiga e, em seguida, ouvimos o poema de Manuel Bandeira (1967) *Na rua do sabão* relacionado com o que havíamos acabado de cantar. Para que as crianças interagissem conosco, fizemos um combinado: no momento que levantássemos a mão direita todas repetiriam o verso *cai, cai, balão; Cai, cai balão; na rua do sabão!* Assim foi. Ao término de cada estrofe, ao levantar a mão, as crianças cantavam conosco.

Conversamos com as crianças sobre semelhanças da festa junina do sítio com a nossa, as danças, as brincadeiras, as comidas, as vestimentas, propondo, em seguida, uma atividade da qual Narizinho, Emília e Pedrinho certamente também gostariam de participar que eram as adivinhas, descobrir o que é, o que é? Ao fazer a proposta, a criançada se entusiasmou e à medida que Marília e eu dizíamos a adivinha todos tentavam, responder aleatoriamente, espontaneamente, acertar a charada. As crianças também participaram propondo novas adivinhas para que os colegas e nós pudéssemos adivinhar. Ao término desse momento, em que houve interação de todos, recitamos quadras e parlendas, um texto que percebemos ser familiar aos alunos, pois, à medida em que recitávamos, éramos acompanhadas por eles.

Ao final da atividade, pedimos que os alunos representassem em forma de desenho ou escrita como eles imaginavam que fosse o São João no Sítio do Picapau Amarelo. Usando a imaginação, as crianças representaram, a seu modo, a festa do São João. Foi muito prazerosa e gratificante a realização desta última oficina do Projeto Leitura Com... no ano de 2009.

Com o objetivo de favorecer o aprendizado, propondo atividades que permitem ampliar a capacidade leitora, promovendo a internalização e aprimoramento do conhecimento, o Projeto Leitura Com... tem assumido, tal como se pôde observar, a oficina como metodologia pedagógica. Oficina, assumida, conforme Vieira e Volquind (2002, p. 11), como “uma modalidade de ação, [...] um tempo e um espaço para aprendizagem; um processo ativo de transformação recíproca entre sujeito e objeto; um caminho com alternativas, com equilíbrios que nos aproximam progressivamente”.

Trata-se de uma modalidade de ação capaz de promover o agir, o refletir; de unir o trabalho individual e o coletivo; de integrar teoria e prática. Para as autoras, são elementos fundamentais, numa oficina, o agir/sentir, articulando conceitos, pressupostos e ações, realizando e vivenciando atividades, construindo coletivamente os saberes. (VIEIRA; VOLQUIND, 2002)

Por compreendermos que a nossa preparação se fazia necessária para a mediação ser realizada com o devido empenho, o grupo de mediadoras, tão logo encerrava a fase de planejamento das oficinas, se transformava em sujeitos da aprendizagem, experimentando todo o processo. Isso foi de fundamental importância para viabilizar estudos teóricos e metodológicos, nos preparando para a prática mediadora da leitura no espaço escolar. Por meio de oficinas pedagógicas que foram planejadas e desenvolvidas pelo Projeto Leitura Com..., têm sido desencadeados momentos que favorecem a mediação da leitura literária em espaços públicos e escolas que podem proporcionar situações de aprendizagens significativas, na perspectiva já referida: a de Ausubel (apud MOREIRA; MASINI, 1982).

Em sua continuidade, no ano de 2010, Grupo do Leitura Com..., com a participação de três bolsistas integrantes: Marília de Jesus (Letras), Adenilza Santana (Pedagogia) e Romilda Rosa Albuquerque (Pedagogia) realizou, na comunidade da Faculdade de Educação – FACED/UFBA, uma atividade específica denominada de Livro Livre, inspirada no Projeto Livro Livre Salvador, parceiro de nossas oficinas, já referido.

A atividade consistiu na instalação de uma exposição de livros de literatura, artisticamente dispostos, na área de circulação da Faculdade de Educação (UFBA) para empréstimo a, estudantes, funcionários, professores, enfim, aqueles que circulavam por lá.

Levava-se o livro e aguardávamos sua devolução, num prazo de quinze dias a partir da data do empréstimo. A data de realização dessa atividade é sempre motivada pela proximidade dos dias 2 e 18 de abril em que se comemora ao Dia Internacional do livro e Dia Nacional do livro, respectivamente.

Figura 5: Projeto Leitura Com...: atividade do Projeto Livro Livre na FACED (2011)



Fonte: Arquivo pessoal da autora

A exemplo dos títulos intencionalmente escolhidos, literatura clássica, nacional e estrangeira de escritores e escritoras, para essa ação tivemos: *A canoa virou* (MARY, FRANÇA); *Sapato furado* (QUINTANA, 1998); *Mais respeito, eu sou criança* (BANDEIRA, 2000); *História meio ao contrário* (MACHADO, 1986); *Corcunda de Notre Dame* (HUGO, 1998); *Coração não toma sol* (QUEIRÓS, 1998) *Poesia numa hora dessas?!* (VERÍSSIMO, 2002) *Armazém do folclore* (AZEVEDO, 2000); *Advinhe se Puder* (FURNARI, 2002); *A mão na massa* (COLASANTI, 1990); *Isso ninguém me tira* (MACHADO, 2004); *Pacto de Sangue* (ABRAMOVICH, 2001); *Reinações de Narizinho* (LOBATO, 2007); *A bela borboleta* ZIRALDO (2007); *As Meninas* (TELLES, 1985); *Memórias de um Sargento de Milícias* (ALMEIDA, 2004); *A Ilha do Tesouro* (STEVENSON, 1997); *Quem roubou o meu futuro?* (Orthof, 1989); *O papel roxo da maçã* (BAGNO, 2009); *Crônicas 4* (BRAGA; ANDRADE; SABINO 1994); *Perdas e Ganhos* (LUFT, 2003). Dentro de cada um desses livros continha um bilhete para o leitor que dizia:

Olá, Leitor (a)!

Hoje, 18 de abril, é dia de celebrarmos o meu dia Nacional do Livro Infantil. É dia também de darmos viva ao pai de muitos livros, Monteiro Lobato. Quero por isso, compartilhar minha alegria com você e fazer uma sugestão: leve-me, leia-me, se deleite comigo e compartilhe minhas palavras com quem mais quiser. Você tem 15 dias para viver em minha companhia. No dia 02 de maio, você me devolve, pois tenho compromisso inadiável na Biblioteca Anísio Teixeira – FACED/UFBA. Agradeço seu gesto. (LEITURA COM... 2011)

Figura 6: Alunas de Pedagogia apreciam acervo literário do Projeto Livro Livre - FACED (2011)



Fonte: Arquivo pessoal da autora

O desenvolvimento dessa atividade com o livro infantil revelou que o contato com esse gênero literário por parte dos graduandos (futuros educadores) ainda é pouco. A maioria das estudantes que participaram da atividade afirmaram não dispor nem em casa, nem encontrar na biblioteca da Faculdade aquele tipo de literatura. Livros estes que fazem ou devem fazer parte do cotidiano dos alunos, principalmente, nas séries iniciais do Ensino Fundamental. E como diria Colomer, andar entre livros, em especial dessa natureza, é uma condição essencial para educação literária das novas gerações (2007, p. 197). Esse fato é passível de reflexão em vista de se tratar de futuros profissionais da educação, que estão se formando para atuarem no ensino e aprendizagem, intrinsecamente ligados à formação da leitura literária das crianças.

Figura 7: Funcionária da copiadora sediada na FACED participa do Projeto Livro Livre



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 8: Alunas e professoras participam do Projeto Livro Livre – FACED



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Dentre as impressões que chegaram até mim, por e-mail, dos leitores itinerantes que participaram do Livro Livre na FACED copio literalmente a mensagem escrita de Liviane, Grazielle e Genilda, estudantes de Pedagogia:

Eu achei a atividade de vocês muito interessante e importante também, pois hoje em dia as crianças e as pessoas no geral perderam o interesse pela leitura e estão vivendo muito em seus "mundinhos virtuais" e esquecendo o quanto a leitura é prazerosa e enriquecedora. E através dessa atividade de vocês é possível levar até nossos irmãos, primos, parentes, vizinhos e etc. livros de literatura infantil para despertar ou reacender a "chama" da importância da leitura. Gostei muito mesmo! (Liviane Almeida, FACED, 2011)

Eu adorei! Achei bem legal porque isso faz com que os estudantes, que estão tão alienados na sua realidade técnica se utilizem dessa literatura que proporciona tanto prazer. Espero poder participar de outras. (Graziele Silva, FACED, 2011)

A proposta de vocês sobre o empréstimo dos livros eu adorei, acho que esse tipo de trabalho não pode parar. Li duas vezes o livro *Uma História de Natal*, gostei demais. (Genilda França, FACED, 2011)

As falas dos leitores são um exemplo do que pensa Lajolo (2000, p.7), “como fonte de prazer e de sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola”.

A avaliação e reflexão sobre a importância da mediação de leitura, realizada pelo grupo, levou ao questionamento, suscitado pela colega Adenilza Santana, sobre a relevância que teria a atuação do Projeto na escola pública. A partir de informações já obtidas pelo grupo de estudo GELING sobre a riqueza do acervo literário distribuídos às escolas e nossas reflexões sobre a mobilização da acervo literário do PNBE, concluímos que a ampliação das ações do Leitura Com... no âmbito escolar seria importante.

Nessa perspectiva a partir de 2011 as ações do Projeto foram direcionadas para Escola Municipal do Pau Miúdo e nos anos seguintes estendidas a outras escolas como a Escola Municipal Batista Vasco da Gama e Escola Municipal São José. A seguir, apresento a descrição das ações desenvolvidas pelo Projeto Leitura Com... na EMPM, correspondentes aos anos de 2011 e 2012, que constituem o corpus de estudo da pesquisa.

4.2 ERA UMA VEZ...: O PROJETO NA ESCOLA MUNICIPAL DO PAU MIÚDO

A partir do ano de 2011, além da realização de atividades com a comunidade da FACED – UFBA, o Projeto Leitura Com..., passou a desenvolver, prioritariamente, a mediação de leitura literária, em classes da Educação Infantil e dos primeiros anos do Ensino Fundamental, nas escolas da rede municipal de Salvador, tomando como referência o acervo que compõe o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).

A primeira escola escolhida pelo projeto foi a Escola Municipal do Pau Miúdo, instituição escolhida intencionalmente como campo de pesquisa realizada. A seguir passo a tecer as considerações que concorreram para a escolha dessa escola.

Em 2006, com o intuito de desenvolver atividades de Práticas Formativas, componente curricular do curso de Licenciatura em Pedagogia, promovido pela FAGED/ UFBA, coordenado pela professora Mary de Andrade Arapiraca e sub-coordenado pela professora Lícia Beltrão e professora Zuleica Rios, foi realizada uma visita pedagógica à escola. Devido à cordialidade, demonstrada pelas professoras e gestoras, bem como da arquitetura da escola, favorável para o desenvolvimento de atividades coletivas, foi planejada e realizada pela professora Lícia Beltrão e seus alunos do componente curricular *Oficina de leitura: Porque ler...*, a oficina de leitura literária: *Você conhece o filho de D. Zizinha e Sr. Geraldo?*⁵, com os alunos da EMPPM.

Na ocasião, a diretora da escola apresentou a SL, recentemente inaugurada, que guardava o novo acervo do PNBE. No local, foram encontradas, dispostas em prateleiras, obras literárias, em quase sua totalidade, pertencentes à ação empreendida pelo PNBE Literatura em Minha Casa, referente ao ano de 2003, composto de gêneros variados, aproximadamente dez exemplares de cada título.

Comprometido com o estudo e a pesquisa, o *Projeto Salvador Lê: Observatório de Leitura*, no ano de 2007, o grupo GELING passou a desenvolver ações em torno dessas obras literárias no intuito, dentre outros, de colaborar para a mobilização e incentivo do uso desse acervo, até então, apenas conservado na Escola. A partir do estudo do acervo, pôde-se perceber a relevância do Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE e do acervo que o compõe, como ainda sobre a desatenção involuntária da comunidade escolar com relação ao que guardavam de precioso.

De acordo com Paiva (2012, p. 14), o PNBE foi criado em 1997 com o objetivo principal de, “democratizar o acesso a obras de literatura brasileira e estrangeira infantis e juvenis, além de fornecer materiais de pesquisa e de referência a professores e alunos das escolas públicas brasileiras”.

Os acervos literários distribuídos pelo Programa são destinados às bibliotecas das escolas públicas. Com exceção do acervo “Literatura em Minha Casa”, distribuído entre os anos de 2001 e 2003, que foi destinado para uso pessoal e propriedade do aluno. Composto

⁵ Oficina pedagógica realizada na EMPPM com o objetivo de abrir a *Maletas do Ziraldo*, material adquirido pela Secretaria de Educação Municipal e distribuído nas escolas da rede e desenvolver atividades de leitura das obras Ziraldo com os alunos da EMPPM.

por diferentes títulos, esse acervo abrange uma diversidade de gêneros literários: poesia de autores brasileiros, contos, novelas, clássicos da literatura universal e peças teatrais. Dentre os títulos existentes na Sala de Leitura da EMPM apresento como ilustração: Poesia: *Nossos poetas clássicos* (ABREU; VARELA; CORREIA, 2003), *Meus primeiros versos* (MEIRELES; MURRAY; BANDEIRA, 2003); Conto: *Contos de Hoje e de Ontem* (BARRETO; BOJUNGA; CUNHA, 2002), *Meninos eu conto*: (QUEIROZ; TORRES; GATTA, 2002); Novela: *Ludi vai à praia* (SANDRONI, 2002); Clássico Universal: *O Pequeno Príncipe* (SAINT-EXUPÉRY, 2002), *Chapeuzinho Vermelho* (BARROS, 2003); Texto de Tradição Popular: *Bazar do Folclore* (AZEVEDO, 2001), *Histórias Daqui e Dali* (MELLO; BARBOSA; ÉBOLI, 2003).

Conforme Paiva (2012), todas as obras selecionadas pelo Programa passam basicamente por três critérios: a qualidade textual, a adequação temática e o projeto gráfico. A avaliação e seleção das obras que compõem o acervo do PNBE têm sido realizadas pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita - CEALE da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, em conjunto com pareceristas vinculados a instituições públicas de nível superior e básico (PAIVA, 2012, p.24). Com a preocupação de tornar o processo seletivo o mais democrático possível, são contempladas obras de diferentes editoras que participam do edital do FNDE, afirma Paiva (2012, p.27). Depois da seleção feita, uma listagem com os títulos é encaminhada ao MEC que dá prosseguimento ao processo de aquisição e distribuição para as escolas.

Paiva (2012), ainda afirma que todos os segmentos do ensino básico são contemplados pelo Programa. Nos anos pares, são distribuídos livros para as escolas de Educação Infantil (creche e pré-escola), anos iniciais do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. Já nos anos ímpares, a distribuição é destinada às escolas dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Os acervos literários enviados para as escolas abarcam diversos gêneros literários como:

[...] antologias poéticas brasileiras; antologias de crônicas; novelas ou romances brasileiros e estrangeiros (adaptados ou não); peças teatrais brasileiras e estrangeiras; obras ou antologias de textos de tradição popular brasileira, ensaios sobre um aspecto da realidade brasileira; biografias ou relatos de viagem. (PAIVA, 2012, p. 15)

Após a conclusão da pesquisa sobre o PNBE e suas obras, no ano de 2009, já referido, juntamente com as professoras do GELING, acompanhei a apresentação, na EMPM, dos

resultados até então obtidos. Na ocasião, realizamos com os professores um Sarau literário - leitura de poemas e fragmentos dos livros do acervo, atividade que foi apreciada pelos profissionais que reagiram com aplausos e risos ao final da atividade, em tom de agradecimento. Visando estimular professoras a ler e apreciar o acervo literário do PNBE que faz parte da coleção Literatura em Minha Casa, existente na escola, foi entregue, ao final do ano letivo, à comunidade escolar, representada pela diretora, uma caixa com cartas-resenhas sobre os livros do PNBE estudados escritas por pesquisadoras do Observatório de Leitura/Projeto Salvador Lê/GELING para as professoras, abordando o teor dos livros analisados pelo grupo. As cartas eram compostas de textos biográficos como o exemplo que segue escrita pela professora Regina Gramacho.

Cara professora,

As histórias de amor sempre me encantaram. Aliás, acredito que encantam a todos os mortais. E quando as histórias parecem impossíveis, aí é que aguçam mais a nossa curiosidade e por que não dizer a nossa torcida para que tenha um “final feliz”? Agora, imagine uma história dessas contada pelo ilustre Jorge Amado, nosso amado Jorge, tendo como protagonistas, um gato e uma andorinha? Parece não ser verdade, já que só conhecemos a literatura adulta desse escritor, mas nosso célebre Jorge escreveu “O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá”, uma fábula, em homenagem a seu filho, quando do seu primeiro aniversário. É uma história encantadora, de uma pureza que comove, mas que permite uma reflexão profunda sobre o preconceito, as artimanhas do amor e de toda sua capacidade de transformar.

Sinhá era uma andorinha que vivia numa mata onde era admirada por todos pela sua beleza. O Gato Malhado também vivia lá, mas, ao contrário de Sinhá, era por todos temido por sua feiura e mau humor. A ele era atribuído todas as maldades que aconteciam na mata. Um belo dia, os dois se encontram e Sinhá, num rasgo de ousadia e inconseqüência própria da juventude, resolve insultá-lo, chamando-o de feio. E aí que começa o maior alvoroço na mata; todos passaram a temer pela vida de Sinhá. Bem, vou parar por aqui, pois sei que você já está ansiosa para começar a ler a belíssima fábula. Imagine como seus alunos ficarão entusiasmados para conhecer a história de dois inimigos do reino animal que... O final é por sua conta. Boa leitura.

Abraços, Regina Gramacho

(Carta às professoras da Escola Municipal do Pau Miúdo - 2009)

Na perspectiva de continuar contribuindo, no ano de 2010, o grupo GELING realizou, na escola, a Oficina Trem dos Escritores: na Estação da Leitura, para as professoras. Composta de atividades interativas na área da Literatura Infantil, a oficina tomou como base também o acervo do PNBE 2003, com leitura de textos biográficos de escritores e escritoras, autores de livros da Coleção Literatura em Minha Casa.

A partir desse vínculo já existente com a EMPM, o grupo Leitura Com..., vinculado ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem – GELING FACED/UFBA, passou a planejar e desenvolver oficinas com os alunos, na perspectiva da leitura compartilhada, entendida como ato de ler para e com o outro que tanto favorece o uso dos livros considerando a mobilização do acervo do PNBE e a ampliação das capacidades leitoras dos estudantes envolvidos nas atividades e das responsáveis pelas atividades de mediação, como eu. (COLOMER, 2007)

Com o objetivo de apresentar o trabalho de mediação desenvolvido através projeto, na escola, passo a fazer relatos, destacando o tempo e as ações realizadas entre os anos de 2011 e 2012, pelas integrantes do Projeto Marília de Jesus (Letras), Adenilza Santana (Pedagogia) e professoras voluntárias como Carmen Silva, por mim, Joilda Albuquerque, na condição também de pesquisadora.

4.3 OFICINAS PEDAGÓGICAS: VAMOS VER AGORA, SEM MAIS DEMORA!

Tal como já fiz referência, o Leitura Com... sempre foi dinamizado por oficinas pedagógicas que constituíram o corpus da pesquisa. Sobre oficinas, retomando Vieira e Volquind (2002), trata-se de uma modalidade de ação capaz de promover o agir o refletir; de unir o trabalho individual e o coletivo; de integrar teoria e prática. Nesse sentido, apoiada nesses pressupostos, sugiro que passemos, agora, sem mais demora, a ler as oficinas pedagógicas.

4.3.1 Oficina Sussurradores de poesia

A primeira oficina implementada pelo Projeto Leitura Com... na Escola Municipal do Pau Miúdo, intitulada *Sussurradores de poesia*, foi desenvolvida por mim e pelas graduandas Marília de Jesus dos Santos (estudante de Letra) e Adenilza Almeida Santana (estudante de Pedagogia), sob orientação da coordenadora do Projeto, no mês de setembro de 2011.

Diferente das demais oficinas que também foram realizadas na escola, apresentadas nas subseções 4.3.2 e 4.3.3, esta oficina se diferencia pelo público destinado, trata-se de um grupo específico do Programa Mais Educação, pelo objetivo específico de preparação dos alunos para participação em um evento e suas ações centradas no estudo e apropriação dos poemas pré-selecionados para recital poético.

Para elaboração da oficina, nos inspiramos no grupo performático francês *Les Souffleurs* (Os Sopradores). Trata-se de um coletivo constituído por Olivier Comte, em 2001, após o *Manifeste du Chuchotement* (Manifesto de Sussurros). Desde então, o grupo composto de vários artistas, atores, escritores, bailarinos, músicos tem realizado performances em espaços públicos como praças e bibliotecas. São sussurros de textos poéticos ou filosóficos ao ouvido das pessoas através de um instrumento feito de tubo/cano.

Em semelhança ao instrumento utilizado pelo grupo, optamos por reaproveitar a embalagem do papel filme ou alumínio, em formato de tubo/canudo. Um objeto que, nas mãos das crianças, pôde também se tornar um material lúdico e de arte, ao ser decorado pelos alunos/Sussurradores, sob orientação das professoras de arte JT e SA.

No momento em que tomamos conhecimento do Manifesto dos Sussurradores de Poesia (ANEXO A), ativamos o estudo sobre a poesia na escola. De acordo com Huizinga (1980), em sua origem, na Antiguidade, a poesia desempenhava um papel vital que era tanto social quanto litúrgico. “Nasceu durante o jogo e enquanto jogo – jogo sagrado, sem dúvida, mas sempre, mesmo em seu caráter sacro, nos limites da extravagância, da alegria, do divertimento”. (HUIZINGA, 1980, p. 136)

Um exemplo da relação ente o jogo e a poesia que pode ser elencado seria a prática de recitação, mantido até nossos dias. Além dessas funções o autor aponta ainda, para sua função lúdica que, conforme seu entendimento, está para além da seriedade. Situa-se naquele plano mais primitivo e originário a que pertence a criança, na região do sonho, do encantamento, do riso.

Caracterizada por sua forma peculiar, por seu trabalho com a palavra, com a linguagem, a poesia tem sua relação com o leitor assegurada pelo encantamento, por sua beleza, o gosto pelo ritmo, pelo jogo de palavras, além das imagens. Segundo Pondé (1986), a poesia é, por excelência, um meio de criação de novas linguagens e responsável por desenvolver a sensibilidade, criatividade, fantasia, ampliando, a compreensão sobre o mundo real. Ela valoriza o mundo da criança que tem sua lógica particular, e como arte, propicia a reflexão, a humanização. Para Pondé, a poesia tem a palavra como representação daquilo que deseja expressar, sendo a experiência poética “irredutível à palavra, embora só a palavra a exprima”. (PONDÉ, 1986, p. 98)

Essa palavra nas mãos de um poeta “tem o poder de projetar seres e mundos nunca antes vistos, assim como pode sacudir os modos costumeiros de apreensão da realidade, fazendo com que o leitor a represente para si como uma mais refinada aproximação à

verdade”, é no que acredita Bordini (2009, p. 151). Esse artesão, com seus jogos de palavras, aguça a imaginação, conquista a atenção da criança, aumentando sua criatividade, sua capacidade de criação de novos jogos.

Após realização de estudo sobre poesia e o gênero poema, partimos para a constituição da coletânea de poemas (ANEXO B) de autores contemporâneos e consagrados, cuja qualidade das obras é indiscutível, com o propósito de oferecermos poemas como um gesto de delicadeza aos participantes do *II Encontro de Leitura e Escrita – ELEGE: O que dizem teus olhos* foram selecionados os poemas que seguem citados: *Colar de Carolina e Leilão de jardim*, de Cecília Meireles (2012); *Tempo reinscrito e Precisão da meteorologia*, de Damário Dacruz (2008); *Conforto e Terremoto*, de João Paulo Paes (1999); *Da descrição e Bilhete*, de Mário Quintana (2005); *A bailarina, Horizonte, Riachinho e Uma baleia*, de Roseana Murray (2001); *A casa de dona rata, A Semana Inteira, Minha Cama e O limão*, de Sérgio Capparelli (2011); *A foca, As borboletas, O elefantinho e O peru*, de Vinícius de Moraes (2002).

Após a seleção dos poemas, o grupo passou a realizar oficina de leitura, no intuito de compreensão e elaboração de estratégias para o desenvolvimento das atividades com as crianças. Com o planejamento da Oficina *Sussurradores de poesia* concluído, nos dirigimos para a EMPM onde seriam desenvolvidas as atividades com um grupo de alunos e alunas que fazem parte do Programa Mais Educação⁶.

Já na escola, primeiramente nos atemos à socialização da proposta de atividade dos sussurradores de poesia, manifestando nosso desejo de que participassem do evento na Faculdade. Na sequência, foi realizada uma roda de conversa onde cada aluno pôde se apresentar.

Como participariam de uma atividade de sussurros de poemas, não poderíamos deixar de propor, antecipadamente, uma discussão sobre o gênero, com estratégia de levantamento do conhecimento prévio dos alunos, foi o que fizemos. Para Solé (1998), a realização de atividades de antecipação de sentidos, elaboração de hipóteses e motivação para crianças são imprescindíveis. Para a autora é errôneo pensar que as hipóteses dos alunos são absurdas, pois mesmo não sendo confirmadas, elas são respostas possíveis, além disso, a elaboração dessas hipóteses integra o processo de motivação para leitura.

Na continuidade da atividade, foi lido para os alunos o Manifesto Francês dos *Sussurradores de Poesia* para que conhecessem o movimento criado pelo grupo Francês que

⁶Ação implementada pelo Ministério da Educação que visa a ampliação da jornada escolar com desenvolvimento de atividades que expandem o tempo diário de escola para o mínimo de sete horas e que também ampliam as oportunidades educativas dos estudantes das escolas públicas de ensino fundamental.

inspirou a oficina. O Manifesto fala da inquietude causada pelos barulhos, conforme exemplifico:

Os sons mais característicos do mundo atual são, de fato, barulho, ruído. Esta inquietude diante do que ouvimos está cada vez mais forte e inspira a arte contemporânea através de propostas que incorporam, ao sentido da visão, a experiência auditiva. Não raro, essas experiências remetem aos sons da cidade, à velocidade, à dificuldade de comunicação, à superposição de vozes, ao grito... ao incômodo. (MANIFESTO, [20--?])

Logo em seguida, foi realizada leitura vocalizada do poema *O elefantinho*, de Vinicius de Moraes, extraído do seu livro *A arca de Noé* (MORAIS, 2002, p. 15) para instalação da oficina. A primeira leitura foi realizada por mim e, em seguida, por todo o grupo coletivamente.

Na continuidade da preparação para os sussurros poéticos, foram encaminhados exercícios de aquecimento da voz para uma projeção adequada e articulação para assegurar leitura apropriada dos poemas a partir da cantiga *Mané Pipoca* (20--?):

M-a, ma,
n-é, né, mané
p-i, pi,
mané-pi,
p-o, po
mané pipo
c-a, ca
Mané Pipoca

Realizado o trabalho de aquecimento e articulação com os alunos/sussurradores, foram-lhes apresentados os poemas previamente selecionados pelo grupo Leitura Com... Com a ajuda do professor de teatro FL, foi realizada a distribuição dos poemas, já referidos, para cada aluno. Com vistas a compreenderem a essência dos textos poéticos foram propostas atividades de leitura e vocalização. Primeiramente, sob orientação, os alunos realizaram a leitura individual de seu poema. Concluída essa etapa, os alunos foram orientados a formarem duplas para a vocalização do poema com o colega, por fim em círculo cada aluno teve a oportunidade de socializar seu poema para o coletivo. Após atividade, os alunos passaram ao exercício propriamente do sussurro, utilizando os tubos de papel filme reciclados, inicialmente em dupla, e prosseguindo com a partilha por todo o grupo. Esse foi o primeiro exercício como sussurradores de poesia.

Contando com a ajuda do professor de teatro, foram desenvolvidos com os alunos exercícios para desinibição do ato de ler e leitura oral articulada com gestos, de forma a se

obter harmonia que seguiu durante todos os encontros. Assim como FL, as professoras de arte JT e SS, também colaboraram realizando com os alunos oficina de arte para confeccionar e decorar os tubos que utilizariam na apresentação.

Considerando a relevância de experimentarem outras linguagens poéticas, foi promovida uma ciranda de roda com a música *Abre a roda Tin do lê lê* que faz parte da coletânea do CD de Lydia Hortélio, *Abre a roda Tin do lê lê* e os poemas musicados: *O pato*, *A foca*, *A casa* e *O peru*, do CD *A Arca de Noé* de Vinícius de Moraes.

Após conclusão da oficina, o grupo de sussurradores constituído esteve em apresentação na Faculdade de Educação – UFBA. E os sussurradores abrilhantaram o ELEGE, nos presenteando, nos emocionando com os poemas sussurrados, num verdadeiro gesto de delicadeza.

E esse trabalho frutificou na EMPM. O professor FL juntamente com as professoras de Arte JT e SS, com quem os alunos confeccionaram os instrumentos/tubos para o sussurro, deram continuidade ao trabalho com os Sussurradores. Ao grupo de 13 alunos que se apresentaram na FACED se juntaram mais oito crianças que seguiram por Salvador, durante seis meses, a semear, encantar e emocionar muitos leitores com seus sussurros poéticos. Dentre os locais que se apresentaram estão: no evento de “Encerramento de trabalhos com as CEMEIS”, na Universidade Estadual da Bahia (UNEB) e na celebração dos festejos natalinos, o “Natal da Secretaria de Educação de Salvador”. Todo trabalho desenvolvido “serviu de incentivo à leitura, ao gosto pelo poema e aprender a falar baixo, além de transformar o ambiente em um lugar mais tranquilo, calmo”, considerou, à época, o professor FL.

4.3.1.1 *O que dizem os teus olhos, sussurradores de poesia?*

Com poemas a mão cheia e grandes expectativas em mente, eu, juntamente com as colegas, integrantes do Projeto leitura Com..., Adenilza Santana e Marília de Jesus, chegamos à escola para o primeiro encontro com os alunos, futuros sussurradores.

A oficina realizada com o grupo, alunos e alunas do 4º e 5º ano da EMPM, sussurradores de poesia, foi marcado pelo envolvimento e entrega dos alunos à poesia. Logo que chegamos, não pude deixar de perceber a expressão de curiosidade de grande parte deles, os olhares atentos voltados para nós como que ansiosos por saberem o que faríamos, qual seria a novidade. Após saber que o professor de teatro FL, que os acompanhava, lembrando

que esses alunos faziam parte do Programa Mais Educação⁷, já havia comentado sobre a nossa presença, pude entender melhor o porquê das expressões e olhares. Já havia uma expectativa.

Após socializar a proposta da atividade que desejávamos realizar com eles e o nosso desejo de que fossem sussurradores de poesia em um evento da Faculdade o grupo teve a oportunidade de se expressar. Para nossa felicidade o grupo se manifestou favorável à participação. Alguns com expressão de entusiasmo levantaram a mão e verbalizaram seu desejo:

Eu quero...
Eu também quero participar...

Outros, a seu modo, se expressaram apenas levantando a mão.

No momento das apresentações dos alunos pude notar uma maior desinibição por parte dos meninos, sempre mais falantes. Ao abrimos a roda de conversa, por exemplo, norteadas por perguntas como: quem gosta de poesia?, alguém conhece algum poema? AF um dos alunos começou a recitar:

Batatinha quando nasce... se esparrama pelo chão... carrego papai no bolso... e mamãe no coração....

Uma das meninas, MC, também se expressou:

Com a escrevo amor... com p escrevo paixão.... com R escrevo Rodrigo dentro do meu coração.

Como textos poéticos característicos da tradição oral, eles revelam “o verdadeiro prazer do texto, aquele em que o leitor se entrega de corpo e alma às encantações da linguagem”, afirma Bordini (1991, p. 49). Estendendo a reflexão sobre o comportamento desses alunos ao recitarem esses versos, foi possível contar com colaboração de Araújo e Arapiraca (2011), as quais acreditam que a ludicidade e afetividade têm estreita relação com esses textos, que ecoam vida afora.

No desenvolvimento das atividades de mediação, notei que algumas crianças se interessaram desde o princípio pela proposta, em frequente interação, outras, porém, só demonstraram interesse no decorrer das atividades, quando foram conquistadas, acredito eu.

⁷ Ação implementada pelo Ministério da Educação que visa a ampliação da jornada escolar na perspectiva da Educação Integral. O Programa consiste no desenvolvimento de atividades que expandem o tempo diário de escola para o mínimo de sete horas e que também ampliam as oportunidades educativas dos estudantes das escolas públicas de ensino fundamental.

Com a ajuda de Sant'Anna (1985), pude compreender que esse fato poderia ter uma explicação: existem pessoas que, desde cedo, têm uma sensibilidade e intimidade com as formas poéticas; outras, porém, precisam ser despertadas por meio de atividades, oficinas que lhes permitam experimentar e vivenciar essas formas diferenciadas carregadas de sentido. Isso, portanto, justificaria tal atitude.

Um momento importante da oficina norteado por perguntas contribuiu para instigar alunos e alunas a pensarem e se expressarem: Vocês já perceberam como vivemos rodeados de sons, de barulhos? Como vivemos num mundo barulhento? Que tipos de sons estão ouvindo agora? Quantos barulhos ouvimos no nosso dia a dia? Logo, AF complementou citando, as buzinas dos carros, ER, por sua vez, lembrou da sirene da polícia e da ambulância.

Na continuidade, perguntamos, mais uma vez, instigamos a pensarem, a refletirem: vocês não acham que esses barulhos têm deixado o mundo agitado? O barulho não dificulta muitas vezes ouvirmos um ao outro, compreendermos o que o outro diz? A maioria dos alunos, com um gesto de balançar a cabeça, deram a entender que concordavam. JS, porém, se pronunciou verbalizando:

É mesmo professora... é muita zoada...

Na sequência, uma menina, AS, também se expressou opinando:

O meu vizinho mesmo... liga o rádio muito alto que chega dói o ouvido...

Ao propormos que todos fizessem silêncio por alguns instantes para que pudéssemos ouvir os sons a nossa volta, todos se mostraram solícitos e acolheram a proposta. O exercício de experimentar o silêncio, numa sala de aula, numa escola em horário de funcionamento, espaço repleto de movimentação e sons, foi uma oportunidade de ter novas experiências, experimentar novas sensações através do silêncio. Para Orlandi (2003, p. 70) “o silêncio não é vazio, sem sentido; ao contrário, ele é o indício de uma totalidade significativa”. E mais que isso é garantia de mobilização dos sentidos. Como categoria do discurso, o silêncio, representa matéria significativa “é o real do discurso” (ORLANDI, 2003, p. 89). Compreendo que o exercício de sensibilização realizado foi importante para que pudesse favorecer a compreensão da proposta dos *Sussurradores de poesia*.

No entanto, um momento de mediação que considero mais importante para instalação da oficina foi a leitura vocalizada do poema *O elefantinho*, de Vinicius de Moraes, extraído do seu livro *A arca de Noé* (MORAIS, 2002, p. 15):

Onde vais, elefantinho
 Correndo pelo caminho
 Assim tão desconsolado?
 Andas perdido, bichinho
 Espetaste o pé no espinho
 Que sentes, pobre coitado?
 – Estou com um medo danado
 Encontrei um passarinho!

Nesse momento, os alunos pararam, ouviram, os olhos atentos. Ao perguntar o que acharam? Ouvi a voz de FF, que até então estava calada, dizendo:

Isso é poesia?... eu gostei...

O que foi ratificado por IC, ao dizer que também gostou do poema lido.

Na concepção de Bordini (1991), o tratamento pedagógico adequado ao texto pode potencializar ainda mais o gênero. Para a autora a própria estrutura do poema seduz e estimula o leitor, ora por seus atributos físicos como seus ritmos e efeitos acústicos, ora afetivamente por suas representações e vivências produzidas.

A reação de surpresa e encantamento de FF me chamou a atenção, transpareceu ser uma novidade para ela, e, pelo visto, uma novidade da qual ela gostou: ouvir aquele poema inusitado, daquele jeito. Concordando com Abramovich (1997, p. 67)

A poesia para crianças, assim como a prosa, tem que ser antes de tudo, muito boa! De primeiríssima qualidade!!! Bela, movente, cutucante, nova, surpreendente, bem escrita [...]. Mexendo com a emoção, com as sensações, com os poros, mostrando algo de especial ou que passaria despercebido, invertendo a forma usual de a gente se aproximar de alguém ou de alguma coisa [...]. Prazerosa, gostosa, lúdica, brincante, se for a intenção do autor.

Um momento também significativo durante a oficina foi o exercício de aquecimento de voz para projeção e articulação adequada para assegurar leitura apropriada dos poemas. Para isso utilizamos a cantiga *Mané Pipoca* (ver subseção 4.3.1). Repetida várias vezes em diferentes níveis de tonalidade vocal baixa, alta, moderada, sussurrada, a cantiga encantou todas as crianças. Ao término dessa atividade percebi que os alunos foram envolvidos pela cantiga, tanto sim que ao término da atividade pude ouvir ressoar a cantiga pelo pátio da escola sendo cantarolada pelas crianças. A atividade intencionada foi fundamental para posicionamentos que seriam assumidos no momento dos sussurros poéticos.

A cada passo que dávamos foi possível perceber a disposição e envolvimento das crianças. Víamos crescer o entusiasmo delas pela poesia, o que nos deixava bastante satisfeita. Afinal, estávamos contribuindo para despertar o gosto pela poesia.

Para Coelho (2000), o jogo de palavras proporcionado pela poesia é um dos principais fatores de encantamento que as crianças têm pela poesia, transformada em canto, ouvida ou lida em voz alta, provocando emoções, sensações, impressões, numa interação lúdica e gratificante.

Ao distribuímos os poemas que seriam lidos e memorizados pelos alunos, a reação de algumas crianças chamou minha atenção. Percebi certo desconforto e insatisfação por parte de alguns deles o que me levou a propor que cada um pudesse trocar com o colega e escolher o poema que desejasse para o sussurro, considerando a importância de cada um se identificar com o poema que memorizaria. Então houve algumas trocas entre as crianças de forma que todas manifestaram contentamento.

Mesmo depois da livre escolha, me chamou a atenção a apreensão por parte da aluna ER, do 4º ano. A mesma passou a demonstrar desinteresse em continuar participando da oficina, se intensificando no momento em que foi proposto que formassem duplas para que compartilhassem com o colega seu poema para, posterior realização de roda de leitura. Explicitamente, a aluna se pronunciou dizendo que não queria mais participar. Após revelação de alguns colegas, compreendi que a atitude da aluna estava relacionada ao fato de apresentar limitações na leitura oral por estar em desenvolvimento de requisitos como entonação, o ritmo ainda por se ajustar. A intervenção, nesse momento, foi decisiva, e após conversa, exaltando seu potencial e capacidade de memorização e nosso desejo de que participasse do evento, conseguimos convencê-la a continuar prometendo-lhe dar suporte, realizando a leitura com a aluna, e incentivando a turma a trabalharem em conjunto.

Não só ER, mas todos aqueles que notamos estar em fase de desenvolvimento da leitura oral e que requisitos da leitura oral como entonação, ritmo ainda não se ajustavam foram acolhidos, não só pelas integrantes do projeto que passaram a sussurrar a poesia para que o aluno ouvisse seu próprio poema, fazendo com que repetissem o que ouviram, mas também pelos próprios colegas. Esse foi um dos momentos de tensão, mas também de sensibilização e mobilização quando vimos a solidariedade, a cumplicidade de colegas que se uniram para ler o poema com a colega ER o que a encorajou a prosseguir, num exercício de superação.

Ocorrido o exercício inicial de leitura e vocalização dos textos poéticos, os alunos passaram ao exercício do sussurro, utilizando os tubos de papel filme reciclados, inicialmente

em dupla e prosseguindo com a partilha por todo o grupo. Esse foi o primeiro exercício como sussurradores de poesia. As crianças se mostraram entusiasmadas, inclusive ER já se mostrava mais confiante.

Eu gostei... é diferente a voz...

Disse a aluna se referindo ao efeito produzido ao ouvir a voz da colega. Ao ouvir AF, sussurrar ao seu ouvido AS comentou:

Parece até que é outra pessoa que está falando... a voz fica diferente...

E se empolgaram desejando ouvir os outros colegas também sussurrar. Logo estavam os próprios alunos dando dicas um ao outro:

Você falou muito rápido... não deu pra entender...

Fale mais baixo...

Fale um pouco mais alto...

Atentas à desenvoltura dos alunos, foi dada continuidade às atividades de forma a ajustar a vocalização das palavras, orientar quanto aos aspectos relacionados à modulação e entonação da voz e a desaceleração da fala.

As atividades desenvolvidas pelo professor FL durante toda oficina foram também essenciais no processo de preparação dos sussurradores. Com o objetivo de favorecer a desinibição os alunos foram levados a se movimentarem, participando de exercícios de alongamento e relaxamento, orientados pelo professor de teatro FL, o que acredito ter contribuído para maior desenvoltura dos alunos.

Além dessa atividade com a expressão corporal e gestual o professor realizou uma atividade de sensibilização dos sentidos. Após degustar alguns alimentos como açúcar, café, limão, leite, farinha, sal, chocolate amargo, os alunos foram instigados pelo professor a pensar no gosto de seus poemas, fazendo associações. Então, se pronunciaram uns dizendo que tinham gosto doce outros diziam que o seu poema tinha gosto amargo, outros, achavam o poema azedo. Então perguntei por que achavam que tinham esses sabores: AF e FF se pronunciaram dizendo que os seus eram poemas bonitos e alegres, CV afirmou que o seu era engraçado, IC disse que achou seu poema azedo por ter palavras tristes.

Figura 9: Alunos e professoras no ensaio da atividade Sussuradores de poesia - EMPM (2012)



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Ainda durante a oficina, as crianças puderam exercitar o aprendido sussurrando para seus colegas de outra turma, para seus pais, professoras da própria escola e integrante do GELING/UFBA como no caso da professora Auxiliadora Wanderley que esteve presente, na oficina, prestigiando e colaborando com o trabalho em desenvolvimento, sugerindo e opinando no que poderiam melhorar além de expressar sua alegria e satisfação em ter ouvido os poemas expressos com entusiasmo pelas crianças.

As crianças participaram de forma caprichosa, se entregando a um momento ímpar em suas vidas, se deleitando e proporcionando momentos de deleite aos participantes do Encontro promovido pelo GELING que saíram do evento maravilhados pela performance dos alunos, e os educadores levando consigo essa ideia “toda azul” dos sussurros poéticos que certamente, a essa altura, foram multiplicadas.

Figura 10: Participação dos alunos do 4º e 5º anos da EMPM no ELEGE - FACED /UFBA



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Toda a turma foi parabenizada pela dedicação e esforço, e o que estava bom ficou ainda melhor quando se apresentaram no II ELEGE, quando foi possível perceber o quanto foi significativo desenvolver a oficina com as crianças. Para Pinheiro uma demonstração de que a função social foi atingida é quando podemos captar o brilho no olhar de cada um de nossos alunos, na hora da leitura. (PINHEIRO, 2007)

Figura 11: Participação dos alunos da EMPM no ELEGE como Sussurradores de poesia – FACED /UFBA



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Como pesquisadora e integrante do Projeto Leitura Com..., também responsável, pelas ações que desencadearam tais acontecimentos, me sinto realizada compreendendo a importância e significado que uma atividade com poemas pode ter na escola.

E enquanto instituição responsável pela formação de leitores e desenvolvimento cognitivo de seus alunos, a escola pode fomentar ainda mais, através do trabalho com a poesia, valorando a experiência linguística que as crianças já trazem consigo, nas séries iniciais, proporcionando um maior contato com os textos poéticos. Não se esquecendo de que o papel do professor, sua atuação na apresentação dos poemas para os alunos pode ser determinante na aproximação ou afastamento desse discente em relação ao gênero.

E, como enunciado na subseção anterior, os sussurradores continuaram encantando toda gente com seus sussurros poéticos, como aconteceu na UNEB e Secretaria de Educação de Salvador no final do ano de 2011.

Figura 12: Participação dos alunos da EMPM como Sussurradores de poesia – Cerimônia de encerramento de trabalhos com as CEMEIS – UNEB



Fonte: Arquivo pessoal da autora

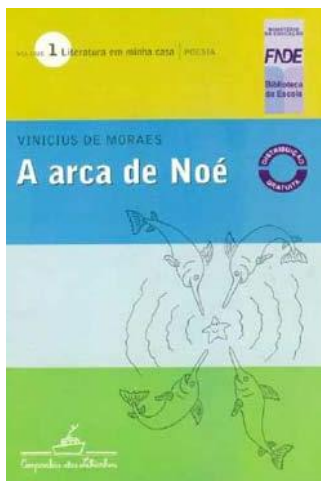
As ações desenvolvidas na EMPM que resultaram na apresentação pública no Evento do GELING/FACED motivaram a continuidade de vínculo com a escola, sendo realizadas, posteriormente, outras oficinas que se encontram descritas nas próximas subseções 4.3.2 e 4.3.3. Para fins da pesquisa, apresentarei uma representação do ocorrido nessas oficinas, um “corpus”, selecionado intencionalmente.

4.3.2 Oficina Trem dos Escritores: na Estação da Leitura

Em continuidade às ações do Projeto na EMPPM, em novembro de 2011 voltei à escola, juntamente com as colegas Marília e Adenilza, para realização da Oficina Trem dos Escritores: na Estação da Leitura. Essa segunda oficina teve como objetivo compartilhar leituras literárias de diferentes escritores, levando os leitores a conhecerem os gêneros: poema e textos da tradição oral presentes no acervo do PNBE.

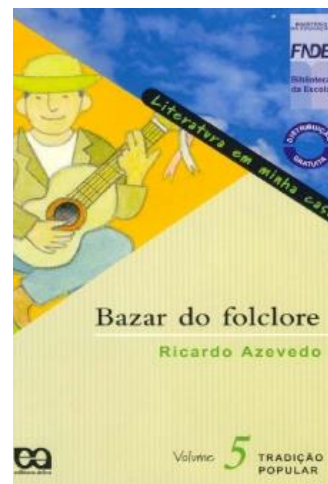
Nossa primeira iniciativa antes da execução da oficina com os alunos, foi a realização de um levantamento dos livros que compunham o acervo literário presente na SL da escola, para posterior seleção daqueles que iríamos utilizar. A partir do levantamento constatamos uma variedade de gêneros literários, como o foco de nossa oficina seria os gêneros poema e textos da tradição oral, foram selecionados os livros: *A arca de Noé* de Vinicius de Moraes (2002); *Bazar do Folclore* de Ricardo Azevedo (2001); *Meus primeiros versos* de Cecília Meireles, Roseana Murray e Manuel Bandeira e outros (2003); *Poesia fora da estante* de Millôr Fernandes, Dilan Camargo e Elias José (antologia) (2003) e *Trem de Alagoas e outros poemas* de Álvares de Azevedo (Org.) (2003), pertencentes a coleção Literatura em Minha Casa, já mencionado na subseção 4.2.

Figura 13: Exemplar da coleção Literatura em Minha Casa - PNBE 2002



Fonte: Acervo da Sala de Leitura da Escola Municipal do Pau Miúdo

Figura 14: Exemplar da coleção Literatura em Minha Casa - PNBE 2001



Fonte: Acervo da Sala de Leitura da Escola Municipal do Pau Miúdo

Figura 15: Exemplos da coleção Literatura em Minha Casa - PNBE 2003



Fonte: Acervo da Sala de Leitura da Escola Municipal do Pau Miúdo

Com os livros em mãos, foi realizada pelo grupo a leitura e estudo dos poemas, e posteriormente, uma reflexão teórica apoiada em Araújo e Arapiraca (2011). Após esse momento de contato e conhecimento dos livros, passamos para a etapa de composição da oficina delineando as ações e estratégias de mediação da leitura para posterior execução. Levando em consideração as particularidades das séries envolvidas, a elaboração das atividades se deu de formas distintas entre as séries. Com os grupos 4, 5 e 1º ano, foi desenvolvido o trabalho com o livro *A arca de Noé* (2002), tendo como suporte a versão musicada dos poemas de Vinícius de Moraes; com os alunos do 2º e 3º ano, foi viabilizado o trabalho com os textos da tradição oral com base no livro *Bazar do folclore* (2001); com os alunos do 4º e 5º ano foi desenvolvido o trabalho com o gênero poema, explorando os títulos *Meus primeiros versos* (2003), *Poesia fora da estante* (2003) e *Trem de Alagoas e outros poemas* (2003), conforme roteiro no Apêndice F.

Das atividades desenvolvidas com os alunos da EMPM, selecionei para compartilhar os estudos referentes ao trabalho realizado com a turma do 2º ano, turno matutino, norteados pelo livro *Bazar do Folclore* (2001) de autoria de Ricardo Azevedo, por se tratar de uma série que compreendo ser intermediária entre o Grupo 4 e o 5º ano.

Antes de descrever a atividade com os alunos passo a tecer considerações pertinentes à obra e o gênero em questão, retomando estudos teóricos realizados com o grupo do Leitura Com... para construção das oficinas.

Composto de textos da tradição oral, o livro faz parte do acervo literário do PNBE (2001), distribuído para os alunos. No *Bazar do folclore*, encontra-se de tudo um pouco:

quadras, trava-línguas, adivinhas, ditados populares, contos. Enfim, tudo feito com muita criatividade e uma linguagem envolvente. Um universo de palavras inspiradas na cultura da tradição popular que, por sua dinâmica, está sempre adquirindo novos ingredientes, conforme os exemplos listados abaixo:

Você me mandou cantar
Pensando que eu não sabia
Pois eu sou que nem cigarra
Canto sempre todo dia.
(AZEVEDO, 2001, p. 11)

O tempo perguntou pro tempo
qual é o tempo que o tempo tem.
O tempo respondeu pro tempo que
não tem tempo de dizer pro tempo
que o tempo do tempo
é o tempo que o tempo tem.
(AZEVEDO, 2001, p. 20)

O que é, o que é:
Ele é magro pra chuchu
Tem dentes mas nunca come
E mesmo sem ter dinheiro
Dá comida a quem tem fome?
Resposta: Garfo
(AZEVEDO, 2001, p. 37)

Desde os tempos mais remotos, os textos da tradição oral são repassados de geração a geração. Ao serem transmitidos, eles produzem vida e, se entrelaçando a outras tantas palavras ditas pelo outro, vão passando por modificações sem, muitas vezes, nos darmos conta disso. Esse gênero de amplitude universal está interligado às nossas vidas desde cedo (SILVA, 2008).

De fato, qual a mãe já não embalou seu filho com cantigas de ninar para que pudesse dormir como:

Boi, Boi, boi
Boi da cara preta
Pega essa menina
Que tem medo de careta.
(ARAÚJO; ARAPIRACA, 2011, p. 56)

Para Araújo e Arapiraca (2011, p. 13) os textos da tradição oral, como é o caso da obra de Azevedo, por exemplo: “São, por sua natureza e características – curtos, facilmente

memorizáveis, sonoros – gêneros de textos privilegiados para a alfabetização. E, para as autoras, o trabalho com esse material favorece

[...] a apreciação e valorização da cultura oral, da diversidade cultural, do imaginário popular, da tradição poético-musical atemporal, herança de uma convivência mais próxima, na rua, entre parentes e vizinhos, menos massificada pelos meios de comunicação. Faz parte disso valorizar a sua ludicidade e sonoridade, seu nonsense, dizê-los de memória, reconhecer versões diferentes (em diferentes regiões, culturas), que se relacionam com seu caráter de texto oral. (ARAÚJO E ARAPIRACA, 2011, p. 19)

É, neste contexto, que desenvolvi, em conjunto com o grupo com o grupo Leitura Com..., atividades de mediação de leitura com os alunos do 2º ano do Ensino Fundamental da EMPM, valorizando essa literatura presente no livro de Ricardo Azevedo *Bazar do Folclore* (2001).

Dos gêneros textuais que compõe esse livro, destaco, inicialmente, a parlenda. Conforme Silva (2008), esse gênero trabalha basicamente com a repetição e recorrência. Para Araújo e Arapiraca (2011, p. 17), diferente das cantigas e acalantos que são cantados, “As parlendas, chamadas também de parlangas, são textos com arrumação rítmica em forma de verso, geralmente com rimas e paralelismos. Muitas vezes, envolvem alguma brincadeira, jogo ou movimento corporal”.

O trava-língua, outro gênero de texto presente na obra de Azevedo, considerada uma modalidade de parlenda, tem como característica marcante, “o jogo verbal de pronunciar uma sequência de palavras que apresentam desafios de pronúncia, e o texto, sem tropeços na língua”, elucidada Araújo e Arapiraca (2011, p. 17). Já as quadras são formas poéticas de forma fixa, apresentando-se sempre em quatro versos e tendo os segundo e quarto versos rimados. (2011, p. 18)

Outro gênero que aprecio bastante no livro de Azevedo (2001) são as adivinhas, os desafios em forma de perguntas que, muitas vezes, nos surpreendem com indagações aparentemente sem lógica. Quem já não foi desafiado, por exemplo, a responder: "O que é, o que é?" Por falar nisso:

O que é, o que é:
São luzes, mas não têm fio
São quietas e agitadas
Se dormem durante o dia
À noite passam acordadas?
Resposta: Estrelas

O que é, o que é:
 Que coisa, que coisa é
 Passa a vida na janela
 E mesmo dentro de casa
 Está fora dela?
 Resposta: Botão

Escritor de obras literárias para todas as idades o autor Ricardo Azevedo (2001) acredita que não importa qual seja a faixa etária criança, jovem ou adulto, ambos fazem parte do mesmo mundo onde compartilham suas experiências. O essencial para Azevedo é escrever numa linguagem clara, direta e acessível a todos. O escritor confessa amar escrever sobre os assuntos da vida humana concreta e situada. “Trazer esses temas à baila através da ficção e da poesia é o que de fato nos faz abraçar e amar a literatura, seja ela popular ou não”, afirma Azevedo em entrevista para o blog biblioteca cultura popular (2011).

Após o estudo e constituição das práticas de leitura a serem desenvolvidas com os alunos do 2º ano nos encaminhamos para a escola. Onde foi realizada a Oficina Trem dos Escritores: na Estação da Leitura marcada pela intertextualidade e ressignificação da literatura por meio da aproximação com outras expressões culturais como, por exemplo, a música. A exemplo disso posso citar a versão musicalizada do poema *Trem de Ferro* de Manuel Bandeira (2001) pelo maestro Tom Jobim, utilizada na oficina.

4.3.2.1 *O que dizem os teus olhos, passageiros do trem da leitura?*

Como todo início do trabalho, a ansiedade e expectativa nos acompanharam em nosso primeiro encontro com a turma do 2º ano. Com as crianças não pareceu diferente. Ao chegarem à SL, onde as aguardávamos, percebi um misto de euforia e curiosidade no movimento e atitude das crianças enquanto se acomodavam em cadeiras dispostas em torno de uma grande mesa, forrada com todo zelo pela professora Maria Helena. Após nos apresentarmos, a curiosidade das crianças se revelara em forma de pergunta: Vocês são professoras de quê? Dissemos que estávamos lá para realizar uma atividade de leitura de histórias, de causos, de adivinhas, de parlendas, de quadras que estão dentro dos livros. Minha resposta foi inspirada no poema *Dentro do livro*, de Ricardo Azevedo, um dos escritores selecionados para a oficina.

Após apresentações buscamos acolher as crianças utilizando o poema *Trem de Ferro* (ANEXO C), estratégia que compreendo ser importante para nos aproximar do leitor. Antes

de tocar a música anunciamos que acabava de chegar na EMPM, o Trem dos Escritores. Nesse momento duas crianças se pronunciaram:

É verdade pró... que chegou trem aqui na escola?
Como é que um trem... vai chegar aqui JT?... tá vendo que não pode...

Para instigá-los perguntei por que não podia. O aluno enfaticamente disse:

Porque não... como é que ele vai chegar aqui?

Após resposta de JT tentei explicar que o nosso trem era um trem imaginário: Imaginem que ele chegou à escola trazendo escritores que escreveram os livros. Disse isso apontando para as prateleiras dos livros na Sala de Leitura. Nesse instante AC se pronuncia dizendo:

É um trem de mentirinha... né pró?

A resposta de AC me chamou atenção. Sua fala revelou a associação feita entre o que é real, de certa forma palpável, e o que é fantasia, o que não é perceptível. O que é admirável, porque demonstra certo grau de desenvolvimento intelectual. O que remete aos estudos de Vygotsky (2001). Segundo o estudioso o desenvolvimento humano ocorre a partir de apropriações por meio de experiências histórico-culturais e na relação que o homem estabelece com o outro, social.

E assim, guiada pela metáfora do trem, assumida pelo grupo, seguimos viagem. Com um cartaz com a letra do poema preso à frente da lousa colocamos o poema musicado para as crianças ouvirem. Depois de ouvirmos realizamos junto com as crianças a leitura do poema escrito no cartaz.

O poema musicado representou a chegada do primeiro autor que desembarcou do “trem”, Manuel Bandeira que saudava a todos com seu “Café com pão”, trazendo a alegria das suas palavras, musicalizada pelo maestro Tom Jobim.

Encantados com a musicalidade dos versos, as crianças não paravam de repetir “café com pão, café com pão” fazendo com que se espalhassem pela escola, após o término da atividade. Fosse no pátio, até mesmo na rua, onde nos encontrássemos com os alunos, ouvíamos recitar “café com pão, café com pão”. Como produto cultural, a música é uma forma de expressão que envolve aspectos estéticos, cognitivos, culturais com seu potencial de atrair as crianças e foi o que aconteceu com a turma.

Após a saudação com o poema musicado realizei a leitura de uma biografia de Manuel Bandeira (ANEXO D), para que os alunos conhecessem um pouco sobre o primeiro escritor a desembarcar do trem. Na sequência da atividade buscamos conhecer o gosto dos nossos leitores lhes indagando sobre o que gostavam de ler, o que gostavam de ver dentro dos livros, quais as histórias dos livros que conheciam. Mesmo ainda ressoando os efeitos da cantoria do “café com pão” alguns se pronunciaram. Disse AS:

Eu gosto de história de princesa...

RA, por sua vez, declarou:

E eu de dragão...

Enfatizou TO:

Eu gosto da história de Chapeuzinho Vermelho....

A aluna SC disse:

E eu da Cinderela...

MS também se pronunciou:

Eu gosto da história dos três porquinhos...

Mas dentro dos livros não tem só histórias, não é verdade? pronunciei, redarguindo as crianças. E logo iremos descobrir que dentro dos livros tem muito mais coisas. Ao mencionar a expressão “dentro dos livros” propositalmente quis deixar pistas para o leitor de um dos poemas do próximo escritor, que iríamos ler, na sequência. Criando novas expectativas no leitor, anunciamos que um outro autor também estava no trem. Disse SC, num tom de curiosidade:

Quem é?...

Suscitado o interesse dos alunos, primeiro apresentei o livro do autor *Bazar do folclore* (2001), presente na SL e disse que aquele livro tinha sido escrito por um poeta que também veio no trem e que este escrevera um poema que tratava de coisas que existem dentro dos livros. Na sequência foi entregue a cada aluno cópia impressa do poema *Dentro do livro* (AZEVEDO, 2000, p. 48), em anexo E. Estava anunciado que dentro do livro tem princesa, tem herói, tem fada, tem feiticeira, tem gigante, tem passado, tem presente e muito mais.

Depois de ouvirem da diversidade que poderiam encontrar dentro de um livro foi anunciado então o nome de Ricardo Azevedo. Da diversidade existente no livro do escritor foi partilhado com os alunos do 2º ano da EMPM: quadras, adivinhas, trava-línguas e contos. Dentre o que foi lido, compartilho:

Parlenda:

Subi na serra do fogo
Com sapato de algodão
O sapato pegou fogo
E eu voltei de pé no chão
(AZEVEDO, 2001, p. 13)

Uma velha muito velha
Mais velha que o meu chapéu
Foi pedida em casamento
Levantou as mãos aos céus.
(AZEVEDO, 2001, p. 12)

Adivinha:

O que é, o que é:
Essa adivinha é dureza
Quem começa nunca acaba
Responda quem tem certeza
Por que é que o boi sempre baba?
Resposta: Porque não sabe cuspir
(AZEVEDO, 2001, p. 36)

Um sapo dentro do saco
O saco com o sapo dentro
O sapo batendo papo
O papo cheio de vento
(AZEVEDO, 2001, p. 21)

Conto:

Era uma vez um fazendeiro muito rico. O fazendeiro tinha dois orgulhos. Primeiro, seu boi Barroso, o maior, o mais forte, o mais bonito, o animal mais valioso de toda a região. Segundo, um vaqueiro que trabalhava na fazenda. O moço era de confiança. O moço não sabia mentir. O fazendeiro costumava dizer:

- Por esse eu ponho a mão no fogo! Esse só mente pra mim no dia de São Nunca!

O povo caçoava: - Todo mundo mente! Vai esperando. Um dia esse vaqueiro ainda lhe passa a perna!

Mas o fazendeiro discordava: - Não tem como! Confio nele demais. Tanto é verdade que deixo meu boi de estimação na mão dele. Só aquele moço pra cuidar do boi Barroso, o meu bichinho adorador, aquela joia cheia de carne, que muge, tem dois chifres e quatro patas.

Um dia, o fazendeiro vizinho, um sujeito malvado e invejoso, resolveu acabar com aquela história. Foi visitar o outro e veio com essa:
 - Quer valer quanto? Aposto um saco cheio de dinheiro como faço aquele moço safado contar uma mentira da grossa.
 O fazendeiro não pensou duas vezes: - Tá apostado! – disse, estendendo a mão para selar o compromisso. [...]
 (AZEVEDO, 2001, p. 47)

O que será que aconteceu? Será que o vaqueiro que não sabia mentir acabou mentindo mesmo? As crianças souberam o que aconteceu. E gostaram do final do conto *O vaqueiro que não sabia mentir*, versão de um conto popular. (AZEVEDO, 2001, p. 47)

Para quem ficou curioso, para saber o que sucedeu o fim desse caso, que será que aconteceu? Estão todos convidados a lerem o livro *Bazar do folclore* (2001). Partindo da realização de perguntas, feitas ao grupo em torno dos textos da tradição oral iniciamos o desenvolvimento de leitura do livro.

Demonstrando conhecimento prévio sobre os textos da tradição oral, os alunos revelaram familiaridade e gosto pelas adivinhas, parlendas, textos da tradição oral, que são movidos pela riqueza do imaginário popular, embora, ao mencionarmos se conheciam alguma quadra ou parlenda, os alunos não se expressassem, ao aludirmos as adivinhas, sem titubear, começaram a dizer:

Eu sei... o que é... o que é?... tem coroa e não é rei?
 O que é... o que é?... entra na água e não se molha?
 O que é... o que é?... tem dente mas não morde?

As crianças, ao mesmo tempo, tentavam se acertar respondendo de forma aleatória:

É a chuva... é o vento.... é o pente, é abacaxi?

Como “enigmas do povo que contêm desafios para “pegar” o decifrador, o que torna a resposta certa uma vitória sobre o adversário”, as adivinhas são essencialmente, jogos que se sabe de cor, de coração, que levam ao divertimento. (ARAPIRACA; ARAÚJO, 2011, p. 39)

Comum ao universo infantil, as adivinhas, também acompanham os adultos, que ouviram de seus pais, tios ou avós. E essa contação de um para o outro, passando de geração a geração, a partir das memórias, é que constitui os textos da tradição oral.

Intimamente relacionados às “funções lúdicas e afetivas” que ecoam durante “vida afora”, esses textos, como as adivinhas, as parlendas, as quadras, os trava-línguas e tantos

outros de nossa cultura, proporcionam prazer e encantamento, concordam as autoras Arapiraca e Araújo (2011, p. 20).

Com toda sua riqueza os textos da tradição oral proporcionam diálogo com as mais diversas formas de expressão e de conhecimento. E a literatura, a obra literária de Ricardo Azevedo, objeto de estudo e ação pedagógica do Projeto Leitura Com... na EMPM, traduz a nossa literatura popular. Na criação de suas adivinhas, quadras, ditados populares, trava-línguas, contos, o autor, contagiado por toda essa riqueza cultural, revela toda sua engenhosidade e imaginação.

As crianças do 2º ano da EMPM, assim como as turmas subsequentes, demonstraram conhecimento de textos da tradição oral. Percebendo então a familiaridade com as adivinhas e que lhes interessavam, foi aberto o livro de Ricardo Azevedo (2001), *Bazar do Folclore*, partindo da exploração da leitura de adivinhas.

Dada a percepção da importância do trabalho com os textos da tradição oral, foco principal da oficina, com as turmas do 2º e 3º ano, em concordância com Colomer (2007) acredito que compartilhar essa leitura:

[...] não apenas estabelece vínculos entre os leitores de alguns livros em um momento determinado, como os conecta com sua tradição cultural. [...] A escola tem dever de velar para que assim seja, já que as novas gerações têm direito a não ser despojadas da herança literária da humanidade. (COLOMER, 2007, p. 151)

Propondo que a turma explorasse a riqueza dos demais textos da tradição oral, existentes no livro de Azevedo, posteriormente, foi distribuído a cada criança um exemplar do livro *Bazar do folclore* e realizada a mediação da leitura de quadras e parlendas. Ao término da leitura da primeira quadra e de uma parlenda, a reação das crianças se revelou. Os alunos manifestaram seu conhecimento:

Ah... é isso que é quadra?... eu sei uma pró...

Em seguida um outro aluno se pronunciou e logo foi recitando.

Eu sei uma parlenda...

Hoje é Domingo,
pede cachimbo
O cachimbo é de ouro,
Bate no touro,
O touro é valente,
Bate na gente,
A gente é fraco,

Cai no buraco,
O buraco é fundo,
acabou-se o mundo.
(ARAPIRACA; ARAÚJO, 2011, p. 20)

Após recitar a primeira estrofe da parlenda os outros colegas passaram a acompanhar a uma só voz: Hoje é Domingo, pede cachimbo...

Explorando a diversidade textual existente no “Bazar do Ricardo”, as crianças descobriram que dentro desse livro havia muito mais que adivinhas. Apesar das primeiras impressões acerca do desconhecimento, por parte das crianças, sobre quadras e parlendas, por não se pronunciarem de imediato, quando inquiridas se conheciam tais textos, as mesmas revelaram certo conhecimento por meio de exemplos que eram ditos sem dificuldade, como se estivessem guardados na memória, e de fato estão.

Figura 16: Oficina Trem dos Escritores: na Estação da Leitura em ação – Desenvolvimento



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Para as autoras Arapiraca e Araújo (2011, p. 21) esses gêneros da tradição popular,

[...] são, justamente, textos que se sabe de cor. Por serem conhecidos de memória (ou por serem fácil de memorizar), propiciam o ajuste do que se sabe de cor ao que está escrito, em vários níveis, como perceber a direção da escrita, a versificação e a relação do tamanho do verso falado ao verso escrito, reconhecer pedaços de palavras, etc. O ritmo e a estrutura em versos, assim como os versos repetitivos ou palavras repetidas ajudam na identificação das partes e palavras no texto.

Afirmam ainda que, a riqueza e o valor do trabalho com esses textos com as crianças estão em explorarmos o caráter oral, a sua ludicidade, o seu formato original, “com seus objetivos primeiros, que é brincar, contar, cantar, desafiar, rir, interagir”. (ARAPIRACA; ARAÚJO, 2011, p. 21)

No dia a dia, nossas relações são permeadas de oralidades que vão da notícia a um provérbio, da canção a uma adivinha, de um verso a uma piada, de uma metáfora a uma parábola. A interação com os textos da tradição oral proporcionada pelas atividades da oficina aproximou as crianças da literatura presente na escola.

O Trem dos escritores causou alvoroço nos alunos do 2º ano e, embalados pelo *Trem de Ferro* de Manuel Bandeira, as crianças puderam se divertir e descobrir que dentro do livro de Ricardo Azevedo *Bazar do folclore* (2001) tinha muitas coisas: adivinhas, parlendas, quadras e trava-línguas, textos da tradição oral que “em sua essência, circulam através da memória e da voz humana, muitos deles ligados a brincadeiras corporais”, afirmam Arapiraca e Araújo (2011, p.14). Verdadeiros jogos de produção de sentidos que não têm fim, como diria Silva (2008).

4.3.3 Oficina De Livro em Livro

A terceira oficina desenvolvida na SL da Escola Municipal do Pau Miúdo, entre os meses de julho e agosto, outubro e novembro, De Livro em Livro, celebrou o centenário do escritor baiano natural da cidade de Ilhéus, Jorge Amado.

O objetivo da oficina foi a mobilização e valorização de dois livros de autoria de Jorge Amado que também compõem o acervo do PNBE: *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, (2008), e *A Bola e o Goleiro* (2008), presentes no acervo da escola, aproximando, assim, as crianças dessas obras literárias destinadas ao público infantil.

Lembramos que o mundo das crianças tem suas peculiaridades, ou melhor, possui uma maneira de conceber e sentir a vida que difere do adulto. Logo, as obras que são elaboradas para esses leitores precisam ser compatíveis com seu mundo seja no assunto, na forma, no estilo. (AGUIAR, 2002)

Dividida em dois momentos distintos, a oficina foi realizada por mim e Carmen Silva, na condição de professoras voluntárias, e pelas graduandas Marília dos Santos e Adenilza Santana. O primeiro momento da oficina se ateve ao trabalho com o livro *O Gato Malhado e*

a *Andorinha Sinhá* (2008) e o segundo com o livro *A Bola e o Goleiro* como principais objetos das práticas de leitura planejadas e realizadas.

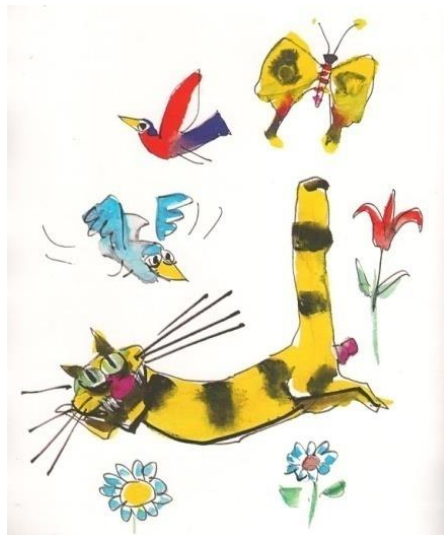
Tratando do **primeiro momento** da oficina assim como é feito em todas as oficinas, primeiramente, nos dedicamos à leitura e estudo do livro norteador das atividades, sobre o qual compartilho algumas apreciações.

Escrita pelo reconhecido autor baiano Jorge Amado, em 1979, com o objetivo de presentear seu filho, João Jorge, em seu primeiro ano de vida, a surpreendente narrativa retrata a história de amor impossível entre um gato e uma andorinha que vivem o dilema de pertencerem a espécies diferentes.

A história se desenvolve ao longo das quatro estações do ano, num parque, onde vivem os personagens e outros animais: papagaio, sabiá, coruja, pombo, vaca, cachorro, galo, galinha, pintinhos, pato, pata e uma cobra cascavel.

A chegada da primavera “vestida de luz, de cores e de alegria, olorosa de perfumes sutis, desabrochando as flores e vestindo as árvores de roupagens verdes [...]”, marca o início dessa incrível e inesquecível história de amor, um tempo de felicidade para os enamorados. (AMADO, 2008, p. 31)

Figura 17: Ilustração do livro *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* por Kiko Farkas



Fonte: Amado (2008, p. 30)

Quanto ao verão, um tempo ainda de alegria, “passou muito depressa com o seu sol ardente e suas noites plenas de felicidade”. Mas antes que a estação findasse o gato, movido

pela tristeza de não pertencer à mesma espécie da andorinha, faz uma declaração, na verdade um desabafo. “Se eu não fosse um gato, te pediria para casares comigo...” (AMADO, 2008, p. 75-76)

Mas chegou o outono que “trazia consigo uma cauda de nuvens e com elas pintou o céu de cores cinzentas”, e a alegria deu lugar à tristeza, tempo difícil marcado pela separação e partida embalado por um soneto de amor. (AMADO, 2008, p. 87)

Soneto do amor impossível

Para a minha adorada Andorinha Sinhá

A Andorinha Sinhá
A andorinha Sinhô
A andorinha bateu asas e voou.

Vida triste minha vida,
não sei cantar nem voar,
não tenho asas nem penas,
não sei soneto escrever.

Muito amo a andorinha,
Com ela quero casar.
Mas a andorinha não quer,

Comigo casar não pode
Porque sou gato malhado, ai!
Gato Malhado

Após ter recebido o soneto do gato, que escrevera numa “manhã de lírica inspiração”, conta a história, que a andorinha enviou-lhe por meio do pombo-correio “uma carta triste e definitiva”. A carta foi lida tantas vezes pelo gato que até chegou a aprender de memória. Da carta o autor só nos faz saber alguns detalhes como a revelação de que “jamais fora feliz exceto no tempo em que vagabundeava com o Gato Malhado pelo parque”, a decisão de que eles não poderiam se ver mais, afinal “Uma andorinha não pode jamais casar com um gato”. A partir daquele dia tudo seria diferente. (AMADO, 2008, p. 97-98)

Afinal, como poderia um gato, considerado por todos um inimigo mortal dos pássaros casar-se com uma andorinha? Apaixonado pela avezinha “risonha e inconsequente, jovem e aloucada, pouco afeita a regras e códigos”, o gato se depara com a triste conclusão de que jamais poderia se casar com tal pretendente. “Envolto em tristeza e solidão”, diz o narrador, o gato decide ir ter com a coruja, sua única amiga e conselheira, com quem teve uma longa

conversa. Esta, sem rodeios lhe adverte que nada poderia ser feito porque, “desde que o mundo é mundo às andorinhas é proibido casar com gatos. Essa proibição é mais do que uma lei e está plantada com fundas raízes no coração das andorinhas. [...] E para romper uma lei é preciso uma revolução”. (AMADO, 2008, p. 55)

Assim termina o outono. Quanto ao inverno, “foi um tempo de sofrimento”. O gato perde definitivamente sua Andorinha que se casa com o Rouxinol. E, em meio aos dilemas e dissabores gato e andorinha vivem essa inesquecível história.

É importante ressaltar o papel relevante das imagens na obra, ao retratar o estado de espírito do gato. Nessa estação, para mostrar a tristeza do gato, o ilustrador apresenta um gato diferente com cores frias, acinzentado. A fisionomia também não era mais a mesma, como se pode ver na imagem da página 100 da obra.

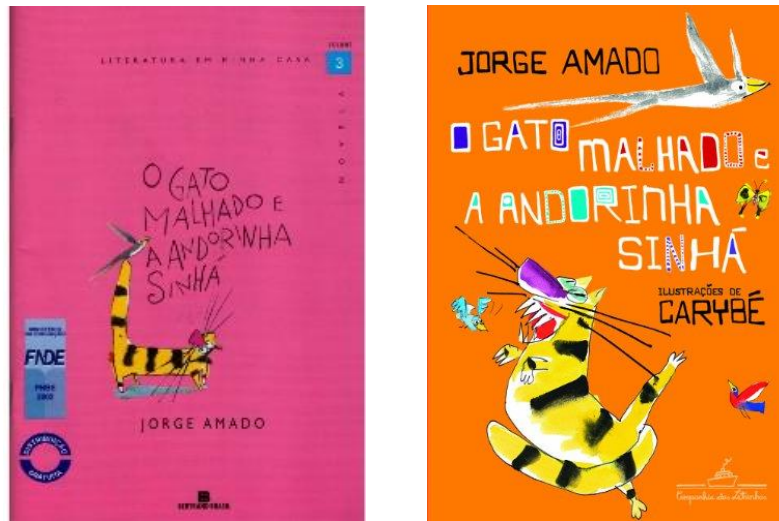
Figura 18: Ilustração da obra *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* por Kiko Farkas



Fonte: Amado (2008, p. 30)

Esse recurso muito importante utilizado pelo ilustrador revela como texto e imagens se complementam, além de colaborar com a compreensão da história. O livro *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* (2008), presente na EMPM, se apresenta em duas diferentes edições, como se vê.

Figura 19: Capa do livro *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* de Jorge Amado (2002 e 2008) ilustrada por Kiko Farkas



Fonte: Acervo da Sala de Leitura da Escola Municipal do Pau Miúdo

A primeira capa corresponde à edição que fez parte da coleção Literatura em Minha Casa distribuída, no ano de 2002 pelo PNBE/FNDE, e a segunda, mais nova edição datada de 2008, foi distribuída pelo mesmo Programa em 2012, ano de celebração do centenário de nascimento do autor. Ambas se distinguem pela qualidade do material, pela estética e composição gráfica.

Desde sua primeira publicação, o livro preserva belas ilustrações do artista plástico Carybé articuladas com o novo projeto gráfico do ilustrador Kiko Farkas, em sua atual edição, tornando-se ainda mais atrativo para as crianças. Para compor esse livro, o escritor baiano, “um homem que olhava para as coisas, que gostava de valorizar a língua popular” (RAILLARD, 1985), se inspirou, conforme relato na quarta página do livro, em um poema de Estevão da Escuna, poeta popular que costumava recitar no Mercado das Sete Portas em Salvador. Na continuidade, segue citado o poema que na sua obra está incluído, como epígrafe.

O mundo só vai prestar
para nele viver
no dia em que a gente ver
um gato maltês casar
com uma alegre andorinha
saindo os dois a voar
o noivo e sua noivinha
dom gato e dona andorinha.
(AMADO, 2008, p. 6)

A atividade de mediação da obra amadiana teve como referência sua edição mais recente e sobre esta se aterá a descrição a seguir. A despeito dos demais livros do autor, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* se destaca pelo seu caráter narrativo proposto para o público infantil. Segundo Tatiana Belinky que escreve o posfácio, trata-se de uma obra com característica fabular,

[...] uma fábula, sim, já que acontece entre bichos “humanizados”. Ou, se quiserem, entre “gentes” disfarçadas de bichos, gentes da única raça de gente que existe, a raça humana; de qualquer cor de pele, origem, cultura, religião e tudo o mais, como na maioria das fábulas. (Amado, 2008, p. 26)

Sua composição chama a atenção pelo fato de conter traços de diferentes gêneros literários como a fábula, já sinalizado por Belinky, os contos de fadas e o romance. Como na fábula, observa-se que os animais apresentam características humanas, tais como a fala, as atitudes e sentimentos. Para Nóbrega (2012, p. 16), autora do artigo *Amores (im)possíveis: Jorge Amado, o livro O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, a partir do gênero narrativo da fábula, o autor inaugura um olhar crítico sobre as relações sociais demarcadas por um modelo de conduta moral que privilegia o exercício da diferença.

Começando com a expressão, “Era uma vez”, a história é situada num tempo indeterminado. Esse recurso característico dos clássicos contos de fadas possibilita que o leitor a situe no tempo que desejar de sua imaginação. Como nos contos, apresenta recursos linguísticos da linguagem figurada, reconhecidos como prosopopeia ou personificação, como exemplifica o trecho: “Era uma vez antigamente, mas muito antigamente, nas profundas do passado, quando os bichos falavam [...]”. (AMADO, 2008, p. 13)

Além da expressão inicial “Era uma vez” o autor recorre a expressões que não são comumente utilizadas, como se quisesse demarcar o tempo, a época em que a história se desenrola. Mas, diferente dos romances e dos contos de fada, o final da história não é o desfecho tão esperado com final feliz. Ele não atende às expectativas das crianças que desapontadas se expressaram das mais diferentes formas, demonstrando certa frustração. Uns apenas lamentando disseram: Ah...

Outros mais falantes enfatizaram:

Não gostei... a andorinha tinha que ficar com o Gato...

Não pode... não pode... o gato tem que ficar com a Andorinha...

Segundo Santos (2003, p. 39), no âmbito social a função desse gênero é “contribuir na difusão de valores da sociedade – os conceitos religiosos, os interditos, os tabus. Criar e

desenvolver o espírito de amizade, fraternidade e solidariedade, além de ser um fator de continuidade de tradições”. Além dessas contribuições o conto também ajuda a desenvolver a memória, “as sessões de contos, constituem um exercício para estimular a coerência e a lógica”, afirma a autora. (SANTOS, 2003, p. 39)

A narrativa também fez lembrar a conhecida história de Romeu e Julieta, peça teatral shakespeariana, inspiradora da obra, também intitulada Romeu e Julieta, de Ruth Rocha, levando em consideração o tema de ambas as obras, referente aos amores impossíveis. Mas, transcendendo a essa questão, a obra também nos leva à reflexão tão eminente em nossos dias que é a intolerância e o respeito ao diferente. Essa peculiaridade da existência, em uma mesma obra, da intertextualidade e intergenericidade é um aspecto que chamou minha atenção nessa obra amadiana.

Conforme Koch (2013, p. 75) “a intertextualidade tem sido um dos grandes temas a que se tem dedicado a Linguística Textual”. Pode ser (re) conhecida no processo da leitura e produção de sentido, no (re) conhecimento de outro (s) texto (s) em determinada obra lida.

Quanto à intergenericidade ou intertextualidade intergêneros, também estudado pela Linguística Textual, por sua vez, está relacionada aos diferentes gêneros textuais. Trata-se de um fenômeno, segundo o qual, um gênero pode assumir a forma de outro gênero, levando em conta o propósito de comunicação, afirma Koch (2013, p. 114). Segundo a autora, a hibridização, outra denominação para a intergenericidade, pode ser encontrada em anúncios publicitários, tirinhas ou até mesmo em artigos de opinião. E essa mistura de gêneros provocada pela intergenericidade, indiscutivelmente, consegue deixar os textos mais atraentes. É o que acontece com o livro *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* (2008).

De acordo com Faria (2004, p. 19), “[...] o texto literário narrativo oferece ao leitor a possibilidade de experimentar uma vivência simbólica por meio da imaginação suscitada pelo texto escrito e/ou imagens”. Tratando das imagens, a autora também nos lembra da importância da ilustração na obra destinada ao público infantil, quando diz que: “Nos bons livros infantis ilustrados, o texto e a imagem se articulam de tal modo que ambos concorrerem para a compreensão da narrativa”. A autora também considera, que “a relação entre a imagem e o texto pode ser de repetição ou complementaridade”. A boa ilustração seria aquela que complementa a história, descrevendo o que não foi possível dizer, porque se fosse explicitado tornaria o texto longo, pesado, enfadonho. (FARIA, 2004, p. 39-40)

Ainda sobre a ilustração nas obras literárias, Fernandes (2013) ressalta que do mesmo modo que o texto literário possibilita ao leitor múltiplas leituras, a ilustração também é capaz

de apresenta plenas possibilidades. Daí a importância, afirma a autora, de levar em consideração a interação entre a linguagem visual e a verbal. (FERNANDES, 2013, p. 21)

Diante da leitura e apreciação das ilustrações da obra amadiana, posso considerar que, ao escrever a história do *Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, para seu filho João Jorge, o escritor Jorge Amado acabou também nos presenteando com uma surpreendente obra, capaz de encantar não só crianças como também os adultos.

A estratégia de mediação da obra para os alunos da EMPM, ocorreu de forma distinta, com o Grupo 4, 1º e 2º por meio de contação da história, previamente internalizada, sem perder de vista a estrutura da narrativa com seus fatos marcantes e com o 3º, 4º e 5º ano foi realizada a leitura da história com o livro. O fato da existência de aproximadamente vinte exemplares do livro possibilitou que toda a turma acompanhasse a leitura da história.

Além de favorecer discussões e diálogos variados que podem ser motivação para o uso pedagógico da leitura literária, essa obra pode desencadear reflexões favoráveis sobre o convívio com o outro e o respeito às diferenças. Por falar em diferenças, quem já ouviu falar que uma bola de futebol poderia se apaixonar por um goleiro? E o que veremos a seguir.

O **segundo momento** da Oficina De Livro em Livro norteado pelo livro *A Bola e O Goleiro* foi desenvolvido por mim, Marília de Jesus e Adenilza Santana. Primeiramente realizamos a leitura e estudo da história amadiana. Com seu senso de humor, muita imaginação e criatividade Jorge Amado conseguiu dá vida a um objeto bastante familiar aos brasileiros, uma bola.

Figura 20: Capa do livro *A Bola e o Goleiro* de Jorge Amado ilustrada Kiko Farkas.



Fonte: Acervo da Sala de Leitura da Escola Municipal do Pau Miúdo

Apaixonado por futebol e torcedor fiel do Ipiranga, na Bahia, e do Bangu, no Rio, o escritor não se furtou em escrever essa história a pedido de um editor. Trata-se da história

sobre a bola “Fura Redes” conhecida como Esfera Mágica, Pelota Invencível e o goleiro “Bilô-Bilô” também conhecido como Cerca-Frango, Mão-Furada, pelo fato de não agarrar as bolas. Porém, ao conhecer Fura Redes, o goleiro franguista transforma-se no aplaudido, no popularíssimo Pega-Tudo, Tranca Gol, o Maior de Todos. E isso acontece quando nasce a paixão entre os dois personagens, Bilô-Bilô e Fura Redes.

Na história bem-humorada, ilustrada por Kiko Farkas, semelhantemente ao livro *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, o autor também descreve um romance inusitado entre dois seres diferentes, um objeto e um ser humano: a bola e um goleiro,

Um dia, porém, como acontece com todas as criaturas, Fura- Redes se apaixonou e logo por quem! [...] entregou seu coração a um goleiro, ao último dos goleiros, a Bilô-Bilô Mão Podre, engolidor de frangos. [...] Outra coisa não desejava Fura-Rredes além de aninhar-se nos braços de seu namorado. (AMADO, 2008, p. 12,15)

Figura 21 - Ilustrações do livro *A Bola e O Goleiro* por Kiko Farkas.



Fonte: Acervo da Sala de Leitura da Escola Municipal do Pau Miúdo

E esse par romântico, que só a fantasia e criatividade de Jorge Amado poderiam criar, é protagonista inclusive, na história, do milésimo gol do Rei do Futebol, Pelé. Mas, ao contrário da história *O Gato Malhado e da Andorinha Sinhá*, o autor propõe um desfecho diferente nessa obra, associado aos finais felizes, comuns nos contos de fada, como mostra o último trecho da obra: “Assim terminou a carreira futebolística da bola Fura-Redes e o goleiro Cerca-Frangos que foi o pior e o melhor de todos os goleiros. O que fizeram depois? Ora, o que fizeram! Se casaram e viveram felizes para sempre”. (AMADO, 2008, p. 34)

Figura 22 - Ilustração do final da história *A Bola e O Goleiro* por Kiko Farkas.



Fonte: Acervo da Sala de Leitura da Escola Municipal do Pau Miúdo

Mas, concordando com Ruth Rocha, escritora da quarta capa da obra, devemos reconhecer, “Os grandes escritores são assim: fazem de uma coisa absurda uma verdade. E ainda fazem desse absurdo uma história interessante”. Além de ter sido publicado em Portugal, a obra também ganhou traduções para o alemão, para o francês, para o italiano e para o espanhol. Distribuída em nova versão em 2012 às escolas públicas, pela celebração do centenário de vida do escritor baiano, a leitura da obra também foi realizada com todas as turmas da EMPM.

Percebemos que as duas obras do autor, utilizadas na oficina têm o caráter narrativo e são complementadas por ilustrações favoráveis à construção de *aprendizagens significativas*, aquelas em que, conforme Moreira e Masini (1982), ocorrem interações entre aquilo que o indivíduo já sabe, já existe em sua estrutura cognitiva, e o conhecimento novo que lhe é apresentado.

Com relação ao contato do leitor com livros de imagem, com ou sem texto escrito, Faria (2004, p. 22), afirma que esta aproximação seria uma boa alternativa para a iniciação à leitura, “pode ser uma grande alavanca na aquisição da leitura, para além da simples decodificação”.

Mas para que isso aconteça é necessário haver uma medição entre a criança e o livro, e o professor, em especial, como esse mediador, precisa compreender a relevância das ilustrações, nas obras literárias, pois é por meio delas que a criança vivencia novas experiências ao ter contato com cores, formas e significações variadas. A ilustração apresenta elementos favoráveis para despertar o interesse pela leitura e pela literatura.

Segundo Faria (2004), a ilustração nos livros literários não serve apenas como um elemento adicional à história, sendo tão importante quanto o texto escrito, já que toda a

polissemia que o texto literário possui é capaz de provocar no leitor reações diversas, que vão do deleite emocional ao intelectual.

Com essa compreensão da importância e necessidade da mediação da leitura literária na escola, o Projeto Leitura Com... propôs a realização das oficinas, aqui apresentadas. Na sua constituição, foram levadas em consideração as especificidades de cada série – do grupo 4, da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental, conforme pode ser observado a partir das descrições feitas na próxima subseção.

4.3.3.1 *O que dizem os teus olhos crianças, ouvindo a história O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá?*

Era uma vez... crianças pequenas, não eram quaisquer crianças, faziam parte de um grupo, Grupo 4 da EMPM que conheceram a história *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* de Jorge Amado. E tudo começou assim:

Numa tarde de inverno, julho de 2012, nos encontramos com as crianças que foram acolhidas com a música *Abre a roda Tin do lê lê* – Cancioneiro Popular (ANEXO F), as quais se envolveram e se entregaram à brincadeira em ciranda de roda ao som da música proposta.

Realizada a roda de conversa sobre o que gostavam de ler, de ouvir sua professora ler, as crianças não só declararam o seu gosto como juntas recontaram, do jeito delas, a história dos Três porquinhos, recém-contada pela professora RS em sala de aula. Fiquei maravilhada com a forma como as crianças iam relembando os personagens, suas ações, um colega acrescentando à fala do outro, com o que recordava da história.

De acordo com Colomer (2007) é importante estarmos atentos para saber o que agrada às crianças, os nossos alunos, e como poderemos ampliar suas preferências. Para isso é preciso “escutá-las falando sobre livros, vê-las formar e explicar suas opiniões”. (2007, p.136).

A fala dos alunos também pode revelar que tipo de literatura, de livros infantis é valorizado em sala. Foi possível notar que a leitura mais citada, como aquela de que gostavam, se referia aos contos de fadas. Posso inferir que, mesmo com uma variedade de obras literárias na atualidade, os contos de fada ainda têm seu lugar de prestígio entre os alunos, como também por professores em sala de aula.

Estabelecido o clima de interação com a turma, na sequência, ao apresentar o livro, as crianças se surpreenderam ao saber que a história que iriam conhecer havia sido escrita por Jorge Amado de presente para seu filho:

Foi mesmo... pró?

Disse AS com o olhar fito em mim. Pude sentir a surpresa em saber daquele fato. Transpareceu que lhes agradou saber que o pai escrevera o livro de presente para seu filho. Talvez uma situação inédita para eles. Talvez, no seu ambiente familiar não tenha ocorrido ainda essa expressão autoral de texto de pais para filhos, questão que ainda desejo voltar em trabalhos pedagógicos futuros. Realizamos a leitura da capa com sua cor vibrante e bela arte gráfica do ilustrador Carybé mostrando o Gato Malhado em toda sua imponência.

As crianças, movidas pelo encantamento e pela curiosidade que lhes são próprios, se aproximaram, queriam pegar o livro em suas mãos. Não foram poucas as vozes que ressoaram dizendo:

Pró... deixe eu ver?...

Deixe eu ver... pró?...

Em outras palavras, deixa eu pegar. Tal atitude, segundo Martins (1997, p. 42), seria um comportamento salutar, com relação ao livro, uma vez que, “o fato de folheá-lo, abrindo-o e fechando-o, provoca uma sensação de possibilidades de conhecê-lo; seja para dominá-lo, rasgando num gesto onipotente, seja para admirá-lo, conservando-o a fim de voltar repetidamente a ele.” (MARTINS, 1997, p. 42-43)

Para a autora o contato sensorial com o objeto livro, revela “um prazer singular” na criança. (MARTINS, 1997, p. 42). Considerando suas reflexões sobre a leitura sensorial, é possível inferir que esse objeto, livro, por ter cor, cheiro, forma, textura, instiga a leitura pelos sentidos, servindo de estímulo para o mundo da linguagem. Além disso, propiciar o contato com esse objeto singular, que mesmo sendo distinto dos demais brinquedos com os quais as crianças estão acostumadas, pode configurar-se como fonte de prazer capaz de motivar o ato da leitura, desenvolvimento da habilidade de escolha e a descoberta de novas emoções, sensações, tal como traduz Martins:

O livro, esse objeto inerte, contendo estranhos sinais, quem sabe imagens coloridas, atraindo pelo formato e pela facilidade de manuseio, pela possibilidade de abri-lo, decifrar seu mistério e ele revelar – através da combinação rítmica, sonora e visual dos sinais – uma história de

encantamento, de imprevistos, de alegrias e apreensões. E “esse jogo com o universo escondido no livro” pode funcionar como estímulo para o leitor descobrir e aprimorar a linguagem e desenvolver sua capacidade de criação com o mundo. Surgem as primeiras escolhas: o livro com ilustrações coloridas agrada mais; se não contem imagens atrai menos. (MARTINS, 1997, p. 42-43)

Desde esse instante, senti que o livro faria sucesso entre os pequenos, e as expectativas foram se confirmando ao longo da atividade de contação. Estou certa de que se hoje alguém perguntar àquelas crianças sobre os livros de sua preferência, certamente, que o livro *O Gato malhado e a Andorinha Sinhá* estará na lista de muitos alunos da EMPM.

A oficina transcorreu como planejada, dividida em momentos distintos. No primeiro como já mencionado ocorreu o acolhimento dos alunos. No segundo momento, passamos à apresentação da obra selecionada, seguida de contação da história para as séries do Grupo 4 ao 3º ano e da leitura da história com os alunos do 4º e 5º ano. O terceiro momento se deu com a realização de atividade de reconto da história oral ou escrito, desenhos e elaboração de painel. Desde o primeiro dia da instalação da oficina, pude observar pela reação das crianças do Grupo 4, o encantamento e a afeição pela história amadiana.

Com uma sacola colorida contendo um tapete, fantoches dos personagens, o livro nas mãos e já criada a expectativa, todos sentados em círculo, em esteiras dispostas no chão, era a hora de contar a história.

Figura 23: Adereços que dão suporte à contação da história *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*



Fonte: Arquivo pessoal da autora

A história se passa em uma floresta. Além das flores, das árvores, do sol o que mais faltava nessa floresta? Com os olhos atentos, curiosas, como quem não quisesse perder nada, as crianças buscavam o que havia na sacola e mais que depressa responderam. Levantando a mão disse DS:

O urso...

Logo, LS pronunciou:

Os animais...

Mais uma vez DS:

A cobra...

Saltitantes e com seus olhos leitores vibrantes, à proporção que cada animal saia da sacola, demonstrando surpresa e encantamento as crianças pronunciavam seu nome. Na hora em que o sapo saiu da sacola, cantaram:

Sapo cururu... na beira do rio....

A ao retirar a cobra, AL se afastou, mas logo voltou a se aproximar do tapete onde estavam os animais. Ao surgir o gato, o Gato Malhado, ouviu-se: Miau... miau...

Era DS que logo exclamou:

O gato faz... miau... miau...

E logo foi seguido por seus colegas que também repetiam miau, miau. Pronunciando-se sobre o que achavam da amizade entre um gato e uma andorinha, se achavam que daria certo, apontando para o gato e a andorinha (brinquedos) HS declarou:

Ele pode machucar...

Ainda quando lhes perguntei sobre o que achavam que iria acontecer com os personagens principais, as opiniões foram distintas. DS e também LS se manifestaram respectivamente:

Acho que vai casar...

Eu acho que vai beijar....

O colega, LO discordando afirmou:

Acho que vai comer...

Ele vai comer essa andorinha!

Reiterou PA, concordando também seu colega AL.

Figura 24: Contaçon da história O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá de Jorge Amado em ação - Desenvolvimento



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Confirmando o que já foi mencionado neste estudo, estimular antecipações, estabelecer previsões sobre o texto, incentivar as crianças a comentar suas expectativas são estratégias importantes no processo de mediação da leitura. As reações das crianças são reflexo de resposta aos estímulos realizados pela natureza de estratégia de mediação utilizada, a predição, debatida por Solé (1998). Para a autora, situações de leitura motivadoras são mais concretas, permitem às crianças uma leitura libertadora e prazerosa. Tal natureza de estratégia utilizada, prestigia a produção de leitura, valorizando o leitor como aquele que está em processo.

Durante a contaçon da história, as crianças estiveram atentas, faziam inferências e se pronunciavam expressando suas opiniões, sobre os personagens, arguindo, numa continua interação, como se pode observar na Figura 24, 25 e 26. Considerei de grande relevância e respeitei a iniciativa, desse movimento de interação das crianças, durante o processo de mediação.

No tocante ao manuseio da obra lida pelas crianças, vale destacar como momento significativo a criação do vínculo com o livro, do desejo de não só manuseá-lo como levá-lo

para casa. O que foi possível constatar diante da fala de LS quando se pronunciou dizendo: Pró... posso levar para casa?

Impulsionada pelo desejo de que as crianças pudessem estar mais tempo com o livro, mas reconsiderando posteriormente por não estar autorizada a emprestá-los e pelo fato de estarmos ainda em vias de desenvolvimento da oficina. De forma que, reconsiderando minha fala, desta feita apoiada na orientação da responsável pela SL, de que as mães dos pequenos poderiam tomar o livro de empréstimo em nome das crianças, disse a JR que, ao término da oficina, ele poderia pegar o livro de empréstimo desde que estivesse acompanhado por sua mãe.

Na perspectiva de contribuir para a capacidade da leitura linguística e escrita do educando, o processo de mediação envolveu também a exploração das imagens que compunham a obra. A leitura imagética favoreceu a realização do reconto da história pelas crianças. A relevância da ilustração no livro infantil é indiscutível e para Faria (2004), quando articulada com o texto, ela colabora para a compreensão da narrativa. Mas a autora ressalta que a imagem no livro literário precisa conter elementos que tenham significado e que sejam claras quanto às ações.

Com a integração de recursos visuais à contação da história, como um tapete e fantoches, que representavam os personagens, as crianças se envolveram ainda mais. Cunha (2006) ressalta justamente a importância do dinamismo da história, nessa fase da infância, não apenas por meio de movimento físico como a dramatização da ação dos personagens, mas pelo uso de técnicas narrativas que promovam a movimentação, evitando as descrições e digressões longas. Considerados pelo grupo como indispensáveis no trabalho com as crianças pequenas, esses recursos lúdicos foram manuseados pelas crianças e foi possível perceber o contentamento delas ao tocarem nos personagens.

A construção coletiva do painel sobre a história, desenvolvido concomitantemente aos acontecimentos da história, demarcados pelas estações do ano, constituiu-se um momento também de relevância, na medida em que mobilizou todas as crianças que, no processo de interação puderam se sentir co-participantes da atividade desenvolvida:

A Andorinha é perto do gato...
A coruja é na árvore.... não é pró?...

Perguntavam, expressando compreensão adequada em relação à recomposição do cenário da história, como se vê na Figura 25. Ao perguntar, por exemplo, se a andorinha é

perto do gato LS revela a coerência na distribuição das personagens no cenário para atribuições de sentidos requeridos pela história.

Figura 25: Releitura da história *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* em painel - Construção coletiva



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Outra proposta metodológica utilizada na oficina foi o jogo de memória, atividade lúdica com os personagens da história. Nessa atividade que demanda que seja estabelecida relação de coerência e associação de ideias, as crianças estiveram bem à vontade, demonstrando familiaridade com o jogo, com a brincadeira. A atividade proporcionou um momento de descontração em que todo o grupo esteve envolvido.

Outro recurso utilizado ao final da contação da história, como o reconto, contribuiu para que pudéssemos estimar o grau de compreensão das crianças.

O conflito da narrativa apresentada pelo autor por meio do amor impossível entre duas espécies diferentes instigou as crianças, as quais tiveram posicionamentos diferenciados ao final da história. Algumas não se conformaram com o fato de o Gato não ficar com a Andorinha como foi o caso de DS, o mesmo que, no início, achava que os personagens iam se casar. HS, porém retrucou:

A andorinha tem que ficar com o rouxinol... não é pró?...

LS com um tom de desapontamento, de indignação desabafou:

Eu não gostei... eu queria que o gato ficasse com a Andorinha...

Como um valioso instrumento de desenvolvimento, as histórias, em especial nas séries iniciais, são consideradas como relevantes no processo educativo não só por estudiosos, mas também pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, v. 3, p. 143), que considera que:

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence.

Em consonância com o referencial, Abramovich (1997) entende que, através de uma história, a criança pode descobrir outro lugar, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica. Ouvindo a história *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, as crianças do Grupo 4 da EMPM, puderam se identificar com os personagens, sentir as emoções das situações vivenciadas pelos personagens, descobrir outros jeitos de agir, se surpreenderam com o romance inusitado, com o desfecho da história dado pelo autor, como foi demonstrado pelas respostas dadas.

Figura 26: Contaçon da história *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* de Jorge Amado em ação – Conclusão



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Além disso, foi possível perceber os sentimentos que afloraram como a alegria, satisfação, comoção, bem-estar, mas também tristeza, inquietude, medo, efeitos que as narrativas provocam nas crianças, que provocam em nós. Ao se posicionarem também, diante da história, do enredo que foi apresentado, as crianças puderam exercer o censo crítico, o poder de argumentação para justificar suas escolhas, atitudes muito significativas no processo educativo.

A culminância da atividade esteve permeada de acontecimentos que revelaram o quanto foi importante a presença do Projeto Leitura Com... na escola. Naquela ocasião, foi possível flagrar atitudes dos alunos que deixaram todo o grupo alegre e motivado a prosseguir, protagonizando a mediação da leitura literária. Vimos as crianças transitando, pelo pátio da escola, com o livro trabalhado nas mãos e, além disso, desejando folhear, ler outros títulos, em exposição, do mesmo autor, como mostra a Figura 27 e 28.

Figura 27: Atividade de culminância da Oficina De Livro em Livro – leitura das obras de Jorge Amado em exposição por alunos da EMPM



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 28: Atividade de culminância da Oficina De Livro em Livro – leitura das obras de Jorge Amado em exposição por alunos da EMPM



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Um fato marcante a destacar foi a feliz coincidência de que, ao passo que estávamos realizando a leitura na escola do livro *O gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, a TV Globo exibia *Gabriela*, a versão televisiva inspirada na obra de Jorge Amado *Gabriela cravo e canela*. Publicada pela primeira vez em 1958, ela representa uma das mais importantes obras do escritor baiano pela sua projeção em nível internacional.

O fato de estarem assistindo à novela, inspirada na obra de Jorge Amado e ao mesmo tempo, estarem lendo uma história, do mesmo autor, na escola, instigou a curiosidade, provocando alvoroço entre os adolescentes, alunos do 5º ano.

No momento em que localizaram em uma das mesas dispostas no pátio da escola, durante a culminância da oficina, o livro *Gabriela cravo e canela*, os alunos curiosamente passaram a folheá-lo. Cuidadosamente, a coordenadora do projeto fez uma pré-seleção de fragmentos da obra, que satisfizes a curiosidade e o desejo dos alunos que se mostraram envaidecidos por estarem lendo *Gabriela*.

Figura 29: Aluno da EMPM lendo trecho do livro de Jorge Amado Gabriela Cravo e Canela para os colegas.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Dentre as peculiaridades da culminância que encantaram a comunidade escolar presente e todos os que estiveram presentes para prestigiar foi a apresentação dos alunos, caracterizados como os personagens das obras amadiana. Nessa atividade, estiveram envolvidos alunos representantes de todas as turmas como é possível visualizar nas fotografias.

Figura 30: Atividade de culminância da Oficina De Livro em Livro – Representação dos personagens de Jorge Amado pelos alunos da EMPM



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 31: Exposição de releitura da história O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá de Jorge Amado



Fonte: Arquivo pessoal da autora

A exposição da releitura da história de Jorge Amado *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* no pátio da EMPPM também chamou a atenção. Além da apresentação dos alunos e a exposição dos trabalhos, vale ressaltar a releitura da história lida com as crianças, sob forma de paráfrase criativa, uma adaptação da música “A linda rosa juvenil” criada pelo GELING, que também encantou a comunidade escolar:

Uma história contada ao modo do GELING

Era uma vez uma Andorinha, Andorinha, Andorinha
 Era uma vez uma Andorinha, An-do-ri-nha.
 O nome dela era Sinhá, era Sinhá, era Sinhá
 O nome dela era Sinhá, An-do-ri-nhaSi-nhá.
 Vivia alegre no seu lar, no seu lar, no seu lar
 Vivia alegre no seu lar, no seu lar.
 Um dia veio um Gato Malhado enamorado, enamorado
 Um dia veio um Gato Malhado e-na-mo-ra-do.
 E conquistou Sinhá assim, bem assim, bem assim
 E conquistou Sinhá assim, bem assim
 E o tempo correu a passar, a passar, a passar.
 E o tempo correu a passar, a passar.
 O vento soprou ao redor, ao redor, ao redor
 O vento soprou ao redor, ao redor.
 Um dia veio um Rouxinol, Rouxinol, Rouxinol
 Um dia veio um Rouxinol, Rouxinol.
 E paquerou Sinhá assim, bem assim, bem assim
 E paquerou Sinhá assim, bem assim.

E os dois pensaram em casar, em casar, em casar
 E os dois pensaram em casar, em casar
 Mas veio, então, um cantador, cantador, cantador
 Mas veio, então, um cantador, cantador
 E recitou uns versos assim bem assim bem assim
 E recitou uns versos assim, bem assim.

*O mundo só vai prestar
 para nele se viver
 no dia em que a gente ver
 um gato maltês casar
 com uma alegre andorinha
 saindo os dois a voar
 o noivo e sua noivinha
 Dom Gato e Dona Andorinha*

Esse texto criado pelo Grupo GELING, pela via da intertextualidade, a paráfrase criativa, é uma categoria prevista por Meserani (1995). Para o autor, a paráfrase criativa vai além da simples recriação ou do simples resumo do texto original. O texto criado nesse formato ele se expande, se desdobra.

Por meio do exercício da contação da história amadiana, experienciada com as crianças na EMPM, foi possível constatar que narrar é uma arte, seja contando o acontecido ou apalavrando o imaginário,

[...] toda a sua invenção reside no detalhe: evidenciar uma palavra, iluminar uma pausa, desdobrar um gesto, incorporar a participação dos ouvintes, buscar um tom de voz, encaixar um comentário, introduzir uma personagem, arquear as sobrancelhas. [...] Desenrolar o enredo e enredar as palavras são as duas páginas da mesma folha. O ouvinte não se envolve apenas com o rumo dos acontecimentos, mas também com o rumor das palavras. (MARQUES, 2008, p. 171)

Ao final da culminância do primeiro momento da Oficina De Livro em Livro, com o livro *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, integrantes do Projeto Leitura Com... juntamente com a coordenadora Lícia Beltrão e as professoras Neuza Silva e Regina Gramacho do GELING, foram nas salas de aula para apresentar e incentivar os alunos a lerem o próximo livro *A Bola e o Goleiro* que seria o foco da mediação no segundo momento da Oficina. Ao revelar que, além do livro que leram, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, Jorge Amado também escrevera outro livro destinados para eles, *A Bola e o Goleiro*, que seria o foco do próximo trabalho, os alunos foram instigados a conhecerem o livro.

Essa estratégia de aguçar o interesse, a curiosidade do grupo foi muito positiva pois levou muitos alunos a solicitarem o empréstimo do livro, de forma que, ao retornarmos à

escola para a realização do segundo momento da Oficina, vários alunos já haviam lido a obra. Reforçando mais uma vez o que Solé (1998) nos adverte quanto à relevância desse tipo de estratégia de leitura, a predição. Nessa perspectiva, é importante que toda atividade tenha como ponto de partida a motivação dos educandos, sendo elas significativas.

A próxima subseção descreve os efeitos da leitura do livro *A Bola e o Goleiro* de Jorge Amado realizada em um grupo específico, sujeitos da pesquisa, intencionalmente escolhidos, os alunos do 5º ano, turno vespertino.

4.3.3.2 *O que dizem os teus olhos crianças, ouvindo a história A Bola e o Goleiro?*

Era uma vez... crianças, não quaisquer crianças, eram os alunos do 5º ano do turno vespertino da EMPM que conheceram a história *A Bola e o Goleiro* de Jorge Amado. E tudo começou assim:

Em uma tarde de primavera, primeiro encontro. Os alunos, instigados a relembrem a primeira história lida de Jorge Amado, demonstraram que não haviam esquecido, que tinham guardado na lembrança, ao dizerem em coro o título do livro: *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, seguido de reconto oral coletivo.

Visto que se lembravam da obra, logo anunciei o propósito de estarmos ali: realizar mais uma atividade de leitura com eles, partilhar a leitura de mais um livro de Jorge Amado. Sem que houvesse ainda mencionado o título, ouvi um dos meninos prontamente anunciar: *A Bola e o Goleiro*.

Fui surpreendida pela maravilhosa notícia de que parte da turma já havia lido o livro, o que atribuo à atividade de mediação da leitura com o primeiro livro, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, e à ação de incentivo encaminhada pelas integrantes do Projeto e professoras do grupo GELING na ocasião da culminância, já mencionada na subseção 4.3.3.2. Logo, os alunos já motivados, buscaram a leitura do livro proposto e presente na SL.

O trabalho de mediação e incentivo à leitura e a própria obra com sua atraente temática tornaram-se um chamariz para a atividade. Por se tratar de futebol, um tema de familiaridade e com que os alunos se identificam, a realização da leitura dessa história na turma do 5º ano Fundamental se mostrou vantajosa. O encontro significativo entre os alunos/leitores e uma obra literária com a qual haja identificação, constitui-se como fator motivador para o ato de ler.

Acolhidos com a canção *É uma partida de futebol*, de Samuel Rosa e Nando Reis (ANEXO H), os alunos se deleitaram acompanhando a música. Com um clima de entusiasmo pela turma é possível prever que o gosto pela história *A Bola e o Goleiro* realmente se concretize.

Como em todas as oficinas, fazendo uso de estratégia de leitura, que conforme Solé (1998), deve estar presente em toda atividade, iniciamos estimulando e instigando o conhecimento prévio do aluno, realizando inferências.

Em roda de conversa sobre a temática futebol, encaminhada por perguntas como: Alguém gostava de futebol? Qual o time de que vocês mais gostam? os alunos se expressaram demonstrando suas opiniões. Parte dos meninos se manifestaram, expressando o apreço que tem por futebol, revelando seus times de preferência. Um dos meninos, TS, ao contrário dos demais que se posicionaram, revelou não torcer por nenhum time, admitiu assistir aos jogos de futebol apenas quando é jogo do Brasil, da seleção brasileira. Quanto às meninas duas se pronunciaram afirmando gostar de futebol, citando como referência a jogadora Marta do time feminino da seleção brasileira.

Participando da discussão sobre a temática, JR, seguido por FS, levantaram as mãos e se pronunciando citaram seu time de preferência e os jogadores que admiravam. Nesse momento, veio à tona a velha rivalidade dos times baianos Bahia x Vitória:

Meu time é o melhor... porque é campeão baiano...
E o meu que foi campeão brasileiro...

Após esse clima de competição, como em todo torneio futebolístico e de descontração, a euforia instalada no momento inicial, desencadeado pelas perguntas sobre a temática, deu lugar a instalação do momento de leitura do livro *A Bola e o Goleiro* (AMADO, 2008).

Propondo uma roda de leitura, na qual cada aluno que desejasse participar iria ler um trecho da obra, iniciei o ato da leitura do livro seguida pelos alunos. Durante a leitura, alguns alunos envolvidos com a leitura, interferiram manifestando opinião crítica a respeito do goleiro franguista, outros balançando a cabeça, em desacordo, com o fato de a bola se apaixonar pelo goleiro. Dentre eles LS que indagou:

Como é que uma bola... pode se apaixonar por um goleiro?... isso não existe...

Nesse momento fiz uma breve colocação dizendo que a história era fictícia, o autor utilizou a imaginação e criatividade para criar aquela história e que no mundo da fantasia isso era possível, aliás, tudo era possível.

À propósito, essa discussão me faz recordar o artigo da professora Lícia Beltrão, “Literatura no ensino: laboratório do possível”. Como “laboratório do possível”, a literatura se torna “um lugar onde se pode experimentar, onde se pode alocar, deslocar, simular, dissimular, fingir. Onde se pode fazer a mistura do velho com o novo, do urbano com o rural, do inimaginável com o imaginável” (BELTRÃO, 2011, p.167). E essa obra amadiana é fruto de toda convivência do autor com o mundo da literatura.

Assim foi realizada a mediação da leitura dessa obra descontraída de Jorge Amado, que assim como os alunos, era apaixonado por futebol. Como fruto do trabalho de mediação da obra, ao final da realização da oficina, fomos presenteados com um Rap, que segue abaixo, criado pelos alunos MO e SS do 5º ano B da EMPM:

Gol de atacante

O futebol é assim
 Posso morrer pelo meu time
 Posso agarrar pela minha galera
 No futebol não existe tamanho
 Nem idade
 O futebol é assim
 Tem zagueiro, tem goleiro
 Tem atacante, tem volante
 Tem lateral direito
 Tem lateral esquerdo
 E também tem o meia de campo
 O meia toca pro volante
 Lança a bola
 É gol do atacante
 Gol!, gol!, gol!
 Tem gol do meu atacante e do volante
 Tem gol do meu zagueiro
 Tem gol do meu goleiro.⁸

Envolvidos com a temática da história lida, a composição criada pelos alunos revela o potencial criativo e evidencia o manejo que os alunos possuem com as palavras. Brincando com elas construíram esse estilo musical, o Rap, utilizando a linguagem poética.

⁸ Rap criado pelos alunos da Escola Municipal do Pau Miúdo, ao final da Oficina De Livro em Livro, 2012.

Figura 32: Leitura da história *A Bola e o Goleiro* de Jorge Amado em ação – Conclusão



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Além dessa reação desencadeada, fruto do trabalho de mediação das histórias trabalhadas, vale salientar o envolvimento das crianças com as histórias, em especial, as crianças da Educação Infantil. Interagindo durante todo processo de contação da história, os pequenos envolvidos com o enredo das narrativas e sentindo-se à vontade, opinaram, demonstraram suas satisfações, alegrias, e também frustrações, a exemplo, quando o final da história *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* não ocorreu do modo como gostariam que fosse, o Gato ficar com a Andorinha.

As oficinas encaminhadas tiveram como objetivo compartilhar leituras literárias, levando os leitores a conhecerem universo literário. Para isso foram desenvolvidas práticas de leitura planejadas privilegiando a intertextualidade e a re-significação da literatura por meio da aproximação com outras expressões culturais como a música, por exemplo.

As práticas de mediação da leitura literária, focadas nas obras do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), para alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental I, englobaram momentos coletivos que ocorreram de formas diversificadas, em forma de recital poético, rodas de histórias, manuseio do acervo literário e outras tantas formas que também envolveram o objeto livro. Por meio dessas ações, novas formas de relação com a obra literária, com o acervo do PNBE presente na escola se estabeleceram, as crianças passaram a

ter mais curiosidade em descobrir o que há dentro dos livros, passaram a gostar mais de estar na SL, a procurar mais os livros, revelou a professora VM, em entrevista (ver subseção 5.1.3). Para a professora KM, também entrevistada, “é como se algo tivesse sido despertado”, acredito que nas crianças.

Foi instigando os alunos, estimulando-os por meio de perguntas, contextualizando a história, o conteúdo, utilizando de estratégias de mediação previstas por Depresbiteris (2015), que foi possível provocar esse despertar, aproximando os alunos do universo literário e incentivando o gosto pela leitura.

A mobilização do acervo literário, através das atividades encaminhadas, favoreceu a circulação das obras. Os alunos passaram não apenas a andar entre os livros, apreciando-os nas estantes da SL, mas passaram a andar com os livros, levá-los para casa.

Como pesquisadora e integrante do Projeto Leitura Com..., também responsável pelas ações de mobilização do acervo literário da Escola Municipal do Pau Miúdo, me sinto realizada considerando os efeitos produzidos na comunidade escolar, campo de minha pesquisa: a inclusão dos alunos no universo da literatura, o despertar do desejo de não só andarem entre livros mas habitá-los.

Com as atividades concluídas na EMPM, a partir de 2013, o grupo do Projeto Leitura Com... passou a desenvolver suas ações em outras duas escolas municipais de Salvador. Considerando que os objetivos pretendidos através do Projeto maior e os subprojetos tinham sido alcançados na EMPM, a saber: o mapeamento dos acervos e livros constantes na escola, o estudo do acervo literário do PNBE, presente na escola, discussão e sugestão de modos de mobilização e uso dos livros, realização de ações pedagógicas com professores.

Com vistas à realização de minha pesquisa de Mestrado, pelo vínculo já existente com a EMPM, no ano de 2014, retornei à escola em razão de tê-la escolhido como campo de pesquisa. Ao me reencontrar com um dos alunos que esteve presente na Oficina De Livro em Livro, no ano de 2012, fazendo parte do Grupo 4, fui recepcionada calorosamente. Não escondendo seu contentamento, sem muitas palavras se dirigiu a mim com um pedido surpreendentemente marcante:

Pró... lê pra mim... a história do Gato Malhado e Andorinha Sinhá...

Movida pelo sentimento de alegria e satisfação, abracei o aluno e perguntei-lhe se queria ouvir a história de novo. E ele, mais que depressa, balançando a cabeça enfatizou que sim, queria ouvir de novo aquela história de que tanto gostara. Há outras histórias para você

conhecer que você também gostará, disse-lhe. Aparentemente conformado, o aluno seguiu para sua sala.

Com misto de contentamento e entusiasmo, me dirigi ao encontro da direção escolar. Não poderia deixar de registrar também o fato de ter sido tratada pela funcionária OL, que se encontrava no pátio da escola, pelo apelido carinhoso de Andorinha Sinhá, o que me deixou alegre por perceber que não só as crianças guardaram na memória lembranças da atividade realizada, interagiram com ela, mas também funcionárias, a comunidade escolar, interação essa propiciada através da mediação desenvolvida.

Ao retornar à escola no ano de 2014 e constatar que as atividades de leitura, pensadas para a SL estavam suspensas, mobilizei o grupo de alunas, voluntárias e integrantes do Projeto para que retomássemos as atividades de leitura que caracterizam o Laboratório de Leitura. O ano de 2014 se findou, com a presença do GELING, mais uma vez, na Escola Municipal do Pau Miúdo.

A respeito dessas considerações é importante enfatizar que o acesso à literatura, às obras literárias, como as que fazem parte da SL, é um direito de todos os alunos, de todo ser humano. Retomo a concepção de Candido (1995), ao dizer que a literatura é um bem essencial à vida, é imprescindível a medição da leitura na escola com vistas à mobilização das obras literárias e formação de leitores literários. Com base nesse entendimento, as práticas de leitura dessa natureza devem ser vivenciadas cotidianamente no ambiente escolar.

5 GESTOS E PALAVRAS: “FEITO BORBOLETAS BATENDO ASAS”

Este capítulo apresenta as reações e singularidades evidenciadas por professoras, coordenadora e diretora da EMPM, que acompanharam as atividades de mediação da leitura literária realizadas pelo grupo Leitura Com....

Após análise das informações obtidas por meio de entrevistas, foi definida a estratégia de composição deste capítulo, no qual são abordadas as informações produzidas a partir das descrições feitas pelas entrevistadas que manifestaram suas opiniões, sentimentos e anseios. As categorias selecionadas para a análise das informações foram as seguintes: Sobre a vida e o exercício profissional, que trata do perfil profissional das entrevistadas; o acervo do PNBE na escola, e atividades pedagógicas relacionadas, que verifica a implicação com o acervo literário no âmbito escolar; o Projeto Leitura Com... na escola, que se refere às opiniões das participantes a respeito do projeto, bem como a avaliação do mesmo e os efeitos observados: anterior e posterior ao Projeto Leitura Com..., que se refere aos resultados da presença do projeto na escola.

5.1 O QUE DIZEM AS TUAS PALAVRAS, PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL DO PAU MIÚDO?

Tendo em vista que o estudo em andamento se configura como uma pesquisa de inspiração etnográfica, baseada nos pressupostos de Macedo (2000), um dos procedimentos escolhidos foi a entrevista, realizada com o corpo docente da EMPM, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2015, as quais foram gravadas em arquivos de áudio e posteriormente transcritas. Para sua realização, foram elaborados roteiros (APÊNDICES A e B) para conduzir a entrevista na recolha das informações pertinentes aos objetivos pretendidos que eram averiguar os efeitos desencadeados pelas ações, oficinas pedagógicas, realizadas pelo grupo do Projeto Leitura Com... os alunos. Os resultados obtidos possibilitaram complementar, enriquecer os estudos desenvolvidos.

Conforme Macedo (2000), em uma etnopesquisa crítica, a entrevista, procedimento escolhido, pode ser empregado para apreender aspectos que possibilitem descrever os atores sociais, caracterizar suas práticas, evidenciar os sentidos/significados sobre suas ações cotidianas. Para o autor a entrevista é “[...] um rico e pertinente recurso metodológico na

apreensão de sentidos e significados e na compreensão das realidades humanas”. (MACEDO, 2000, p. 165)

Além dessas especificidades apontadas por Macedo (2000), a escolha por esse recurso metodológico também se baseia nas ideias apresentadas por Medina em seu livro *Entrevista: o diálogo possível* no qual a autora aborda questões referentes à entrevista, que vão além da visão técnica e trata a comunicação humana por meio do diálogo. Para Medina (2008, p. 8), a entrevista, “nas suas diferentes aplicações é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa” a qual pode “servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação”.

Após as entrevistas, foram assumidos procedimentos de leitura para o avanço do tratamento das informações colhidas. Para isso, busquei na teoria o suporte necessário às interpretações que foram sendo construídas a partir das informações obtidas. Orlandi (2003) para me auxiliar no desenvolvimento das leituras parafrásticas e polissêmicas; Colomer (2007) para me orientar na discussão a respeito da mediação da leitura; Oliveira, Moraes e Pepe (2014) para discutir sobre leitura literária e mediação; Lajolo (2000) para o diálogo sobre literatura; Paiva (2012) para discutir sobre o PNBE na escola e também sobre a literatura; Cademartori (2012) na perspectiva da discussão sobre o professor e a literatura; Silva (1993) para debater sobre a leitura na escola e na biblioteca.

Os fatores acima mencionados levaram-me à compreensão sobre a relevância da entrevista como recurso capaz de me conduzir a uma fonte de informação e de análise interpretativa para a composição do “corpus” da pesquisa, o que me faz concluir que ter optado por empreendê-la em minha pesquisa de campo foi uma escolha certa.

Participaram da entrevista sete profissionais da educação: cinco professoras, uma coordenadora pedagógica e a diretora da escola. Seguiram dois roteiros: um direcionado às professoras e outro à coordenadora e diretora da instituição.

Um dos critérios utilizados para a seleção das professoras entrevistadas foi o fato de essas professoras terem feito parte das atividades realizadas, em 2011 e 2012, pelo projeto. São professoras do 4º e 5º anos, turmas cujos alunos, não todos, fizeram parte da primeira oficina Sussurradores de Poesia, realizada na escola, no segundo semestre de 2011. A seleção da professora da Educação infantil, Grupo 4 e 5, levou em consideração o fato de que essas turmas fazem parte das series iniciais da Educação Básica que estão sendo, a priori, introduzidas ao mundo da leitura literária a partir do contato com os livros do acervo da escola, espaço em que grande parte desses alunos tem o seu primeiro contato, em muitos

casos, o único, com a literatura. Daí a importância de garantir que essa aproximação seja concretizada.

O primeiro encontro com as entrevistadas para exposição das minhas intenções de pesquisa e convite a participarem das entrevistas se deu no dia 17 de outubro de 2014. Era uma sexta-feira, dia em que os professores estavam reunidos para a Atividade Complementar (AC) mensal que é realizada com a presença de todos os professores da escola que trabalham no turno matutino e vespertino. Essa atividade corresponde ao momento de dedicação do professor à pesquisa e planejamento.

No primeiro momento, realizei a exposição resumida da minha pesquisa de Mestrado. Foram apresentados o assunto a que me propunha pesquisar e os objetivos almejados. Após terem sido feitas as colocações, salientei a importância e a necessidade de contar com a participação da direção da escola, da coordenadora e de professoras que estiveram presentes nas oficinas realizadas para os alunos pelo Projeto Leitura Com... em 2011 e 2012. Apresentei o objetivo da minha pesquisa: Teorizar sobre o acervo literário do PNBE, considerando experiências do Projeto Leitura Com... em uma escola pública da Rede Municipal de Educação - Salvador - e os efeitos das ações de mediação, incluindo todos os envolvidos no processo, na perspectiva da leitura literária.

Após a apresentação e na expectativa de aceitação e adesão das mesmas, fiz o convite informal para que participassem de uma entrevista a ser realizada conforme a disponibilidade de cada uma. Todas se mostraram atenciosas e solícitas para a entrevista pelo que agradei, ressaltando o meu compromisso ético com as informações que seriam concedidas. A coordenadora VF, por sua vez, pediu que retornasse na semana posterior para que pudesse dar uma resposta acerca do agendamento dos encontros.

Na semana seguinte, dia 24 de outubro de 2014, como combinado, retornei à escola. Fui recebida pela coordenadora que informou que assim como ela e a diretora qualquer uma das professoras estaria disponível para entrevista, nas quartas e sextas, tendo sido acordado em reunião que no momento em que uma professora estivesse sendo entrevistada a auxiliar de classe ou a responsável pela biblioteca ficaria com os alunos. Certificando-me de que a iniciativa das mesmas não causaria transtorno, agradei mais uma vez.

Foram participantes das entrevistas: a professora RS que ensina o Grupo 4 e 5 que compreende a Educação Infantil, as professoras do Ensino Fundamental I, VM que ensina o 5º ano e a professora RC que ensina o 4º ano, a professora MF, hoje aposentada, em 2011, trabalhava na Sala de Leitura e a professora KM atual responsável pela SL da escola. Além

das professoras, foram também entrevistadas a diretora ID, a ex-diretora da EMPM ML e a coordenadora Pedagógica VF.

Concluída a etapa de realização das entrevistas, dei início às transcrições do áudio que foram realizadas por mim mesma e que resultaram na materialidade gráfica seletiva seguida do tratamento preliminar através do qual foi feita a eliminação das digressões que denotavam “desabafo” em torno de questões profissionais-pessoais. Esse foi o primeiro procedimento assumido de tratamento das informações. Para realização das transcrições segui orientações desenvolvidas por Preti (2010, p.13), disponibilizadas em ANEXO J⁹.

Após apreciação da relevância das informações colhidas, referenciadas pelos objetivos que norteiam a pesquisa, foram selecionados trechos das falas para análise e interpretação. Para Orlandi (2009), os diferentes tipos de sujeitos e diferentes tipos de discursos é que determinam, entre outras coisas, o grau de relação entre o que chamamos leitura parafrástica, que se caracteriza pelo reconhecimento, reprodução do sentido dado pelo autor. Já a leitura polissêmica se define pelas atribuições de sentidos, em diferentes graus, que o leitor imprime ao texto. Considerando a diferença que a autora faz entre o dado e produzido, optamos pela realização das duas formas de leitura sugeridas.

A leitura de natureza parafrástica para fazer a distinção do caráter das informações, aquelas que traduzem a vida e o exercício profissional da entrevistada e as que traduzem concepções sobre o objeto da pesquisa. Para Orlandi (2003) esse tipo de leitura se baseia na recepção das informações apresentadas pela autora, se caracteriza por reproduzir sentidos ao texto, e o leitor geralmente não vai além dos sentidos que estão explícitos.

A leitura de caráter polissêmico, para lá das evidências, para observar pontos de deriva que dão lugar à interpretação, considerando a relação possível entre os ditos pelas entrevistadas e os objetivos da pesquisa, tendo como apoio os dispositivos teóricos, tirando proveito deles, sem desprezar opiniões próprias. Segundo Orlandi (2003), essa leitura tem como característica a atribuição de múltiplos sentidos ao texto que dependem do acesso do indivíduo, aos diferentes tipos de discurso e formas de dizer. Essa leitura ultrapassa o significado literal do texto.

⁹ Adaptação feita ao que Preti (2010, p. 13) apresenta.

5.1.1 Sobre a vida e o exercício profissional

Nesta subseção, serão analisadas as respostas das entrevistadas no que diz respeito à sua história e atividade profissional na Escola Municipal do Pau Miúdo.

A primeira entrevistada, a diretora ML, uma das mais antigas professoras da escola, está para completar trinta e três anos de serviço em agosto de 2015, só na gestão da EMPM foram onze anos e oito meses exercendo a função de gestora.

De acordo com o documento oficial da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Salvador – SMEC (SALVADOR, 2003, p.3) que trata das Atribuições dos Gestores Escolares da Rede Pública Municipal de Ensino,

O gestor escolar desempenha múltiplas funções e atende às demandas diversas que dependem de sua ação gerencial. Deve possuir competências e habilidades que lhe permitam exercer forte liderança para adotar medidas que levem à construção de uma escola efetiva, com base em uma cultura de sucesso, gerada e gerenciada no interior da própria escola, alinhada às normas do Sistema Municipal de Ensino e aos princípios de uma gestão democrática e participativa.

E é levando em consideração a fala da diretora e o lugar de onde ela fala (ORLANDI, 2009), ou seja, do lugar de gestora, que analisei o que foi dito, assim como o dizer de todos os falantes; sujeitos situados - uma diretora, a outra coordenadora, e outras professoras.

A Coordenadora Pedagógica VF atua há nove anos na EMPM fazendo parte da gestão participativa, e, de acordo com a mesma, como *cogestora*. Segundo os documentos oficiais da SMEC (SALVADOR, 2003, p. 5) o gerenciamento do funcionamento escolar, na gestão participativa, é,

[...] fundamentado nos princípios de co-gestão com o Conselho Escolar e com as representações das organizações associativas da escola, legitimando a tomada de decisões numa ação colegiada com diferentes níveis de responsabilidades da equipe gestora da escola e do Sistema Municipal de Ensino.

Posso inferir que é por ter essa consciência de seu lugar na escola que a Coordenadora faz questão de explicitar a sua condição de cogestora, fazendo parte dessa gestão participativa, compartilhada, que como o próprio nome sugere, se refere à gestão em que os indivíduos envolvidos participam das decisões, numa ação conjunta, onde responsabilidades e méritos são compartilhados.

A professora VM pertence ao quadro docente da Escola Municipal do Pau Miúdo desde 2012, vem atuando sempre nas turmas do 5º ano. Em seus relatos, a professora menciona que já havia atuado nessa mesma escola, em 2010, realizando estágio docente.

O estágio compreende uma etapa importante na formação do pedagogo. De acordo com a LDB 9394/96 e com o Parecer CNE/28, de 02 de outubro de 2001, estão previstos o mínimo de 400 horas para a Prática de Ensino e mais 400 horas de Estágio Supervisionado. Ainda que a docência seja a base da formação do pedagogo, como prevê as *Diretrizes Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1996), o Curso de Pedagogia deve garantir articulação entre docência, gestão educacional e a produção do conhecimento.

A professora RC, responsável pelo 4º ano, trabalha na mesma instituição há treze anos no turno vespertino. Além de atuar na rede municipal de ensino, também trabalha há vinte e três anos na Escola Estadual Anísio Teixeira, localizada no bairro da Caixa D'água. Ambas as escolas ficam próximas de sua residência o que segundo RC tem sido um fator importante na sua vida profissional por conta de limitações na locomoção devido ao uso de uma prótese na perna.

Quanto a professora RS que atua no grupo 4 e 5 tem dez anos que trabalha na EMPM. Ao falar sobre sua vida profissional revela que se formou em Pedagogia por necessidade, que não era seu sonho. Porém hoje se sente feliz e realizada com o que faz como é possível constatar em uma de suas falas:

Eu estou re-a-li-za-da hoje... como professora... porque na verdade... eu nunca quis ser professora... me formei em Pedagogia mas não era um sonho... foi uma necessidade... fui empurrando... fui empurrando e hoje estou aqui... realizada como professora da pré-escola... eu me realizo com meus meninos... (Entrevista, professora RS, 29 jan. 2015)

Para compreender um pouco a Educação Infantil, recorro ao documento oficial que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, a Lei 9394/96, Art. 29 (LDB). Conforme descreve a Lei a “Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade”. (BRASIL, 1996).

Sobre o trabalho do professor de Educação Infantil a LDB de Nº 9394/96, artigo 13, prevê que sua atuação na escola engloba funções como a de

- I – participação da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- II – elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

- III – zelar pela aprendizagem dos alunos;
- IV – estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;
- V – ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;
- VI – colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

As informações dispostas nesse documento legal demonstram que educar e cuidar são princípios que fundamentam a proposta curricular da Educação Infantil.

A professora MF trabalhou na EMPM, durante vinte anos e também se diz realizada em sua profissão. Revelou que desde criança sempre teve o desejo de ser professora. Emocionada me fez a declaração de que sua vida profissional na escola foi ótima, que se realizou sendo professora, uma escolha da qual não se arrepende.

Pude sentir emoção e veracidade em suas palavras. De acordo com o relato dessa professora, foi uma das professoras que esteve presente desde que a escola iniciou suas atividades. Antes havia trabalhado, conforme afirmou, na Escola Municipal José Valadares que foi desativada, assim como outras duas, a José Rosas e a Epaminondas Torres, que funcionavam no mesmo bairro.

De acordo MF essas escolas que funcionavam em prédios alugados, foram desativadas após construção da EMPM pela prefeitura. Em sua fala ela descreve as limitações pelas quais passou no exercício da função e realização das atividades nessa escola recém construída:

(...) não tinha nem carteira nem mesa para o professor... nem as carteiras para os alunos... eu ficava em pé... eu só... não... e as outras (professoras) e eles (alunos) sentavam no chão... é nós trabalhamos assim... era aquela estrutura mesmo. Porque ali era uma chácara, eles desfizeram a chácara e fizeram a escola pré-moldada. (Entrevista, professora MF, 28 jan. 2015)

A professora KM trabalha há quatorze anos na rede municipal de ensino. Desde 2012, vem trabalhando na EMPM, no turno matutino. Foi transferida para a escola devido ao problema de restrição funcional da voz, problemas nas cordas vocais. Segundo seu relato, começou na escola como auxiliar de coordenação, mas foi remanejada para a Sala de Leitura:

Eu vim pra aqui à noite... ficava dando apoio na coordenação... foi quando a pró Helena... que era a antiga professora da biblioteca... foi aposentada... aí surgiu a vaga e a pró ML perguntou se eu queria... e eu quis... e fui remanejada para o turno da manhã... eu quis fazer esse trabalho com os meninos na sala de leitura... (Entrevista, professora KM, 04 fev. 2015)

Essa ocorrência de remanejamento de professores para outras funções já vem sendo destacado por Silva (1995). É comum encontrar, em bibliotecas ou salas de leitura das escolas públicas, professores readaptados, aqueles que apresentam problemas de saúde que os impossibilitam de exercerem a função, ou aqueles que se encontram no aguardo de uma aposentadoria ou serem transferidos para outro departamento. A Sala de Leitura da EMPPM é um espaço onde são organizados os livros da escola, tanto os didáticos quanto os literários. Recebe o nome de Sala de Leitura Professora Maria Helena Nunes Ferreira. A própria diretora explica o porquê da escolha do nome:

Nós não tínhamos praticamente uma sala de leitura... tínhamos uns livros... jogados em qualquer lugar... e então nós conseguimos arrumar uma sala lá em cima... e transformamos em uma sala de leitura... porque achamos que é de grande importância dentro da escola... com o acervo que se tinha... uma sala de leitura organizada (...) e como na época a professora Maria Helena era uma das professoras mais antigas da escola... e estava se aposentando... aí a gente pensou... vamos fazer uma homenagem à professora. (Entrevista, professora ML, 22 jan. 2015)

A diretora menciona que não havia um espaço adequado para os livros que ficavam amontoados em algum canto da escola. Essa ocorrência, infelizmente, faz parte da realidade de muitas escolas que funcionam em espaços precários, em muitos casos, em prédios alugados. Nessas escolas, é comum encontrar o acervo de livros em armários e caixas empilhadas, disputando espaço na sala da direção. Essa situação dificulta sobremaneira o processo de dinamização e mediação, no campo da leitura literária, do acervo do PNBE, foco dessa pesquisa.

Nas próximas subseções apresento as apreciações sobre a relação dos profissionais com o Programa Nacional Biblioteca da Escola, as concepções sobre o Projeto e os efeitos das atividades pedagógicas propostas, numa perspectiva de leitura parafrástica, inspirada em Orlandi (2003).

5.1.2 O acervo do PNBE na escola e atividades pedagógicas relacionadas

Quando na oportunidade ouvi a professora ML sobre o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), ela disse:

Recebemos vários tipos de acervo diferenciado... é muito bom... o material é MUITO BOM... eu avalio o programa como um programa de incentivo... a leitura... e ao desenvolvimento dos estudantes em geral... nós recebemos literatura infantil... inclusive recebemos materiais

ilustrados... materiais muito bons mesmos... literatura infantil com vários incentivos é... livros infanto-juvenil... romances... recebemos livros técnicos para professores... (Entrevista, professora ML, 22 jan. 2015)

Embora a gestora reconheça a importância do Programa pela sua qualidade e papel que desempenha no desenvolvimento dos alunos, percebe-se a sua impotência em fazer com que os professores também assim o vejam.

Apesar de considerar o acervo um bom material para o trabalho pedagógico, a diretora menciona o fato de nem todas as professoras comungarem da mesma ideia, não reconhecem o acervo literário, do PNBE, como instrumento de trabalho pedagógico.

Refletindo sobre essa declaração, me questiono sobre o fato de professores não reconhecerem o livro literário como um instrumento pedagógico.

De acordo com o guia de livros didáticos do PNLD (2012),

[...] os livros distribuídos pelo PNBE às bibliotecas e salas de leitura constituem um **excelente instrumento para a ampliação e o aprofundamento do letramento do aluno, assim como para o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita**. No uso em sala de aula daquelas coleções em que o Guia chama a atenção para a necessidade de o (a) professor (a) recorrer a outros textos e/ou ao uso de dicionários, esses acervos são especialmente indicados. (BRASIL, 2012, p. 20, grifo nosso)

Este Guia de livros didáticos do PNLD (BRASIL, 2012) tem como objetivo ajudar os professores na escolha dos livros didáticos mais adequados para o ensino de língua materna, para o período de 2013 a 2015. O documento faz referência ao acervo literário, presente na escola, como sendo instrumento de ensino e aprendizado. Não seria, portanto, um instrumento de trabalho pedagógico?

Penso, então, que os professores parecem desconhecer as orientações dispostas nesse documento, presente na escola, que busca fazer um elo entre o livro didático e o literário. Diante desse fato não seria, por exemplo, plausível uma mediação para com esses professores?

Caberiam aqui os seguintes questionamentos: Será que a mediação é específica para o aluno? E o adulto também não precisa de mediação?

E para reflexão sobre essa mediação para além das crianças, recorro a Colomer (2007). A autora defende a leitura compartilhada como ferramenta ideal para o trabalho com a leitura na escola. A leitura com o outro “[...] é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os

livros. [...] fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas.”, é no que acredita essa autora. (COLOMER, 2007, p. 143)

Promover atividades de leituras compartilhadas com os professores beneficia a todos. O professor, assim como a criança, precisa de um mediador dentro da escola, que intervenha, que socialize o conhecimento, e esse mediador pode ser o/a diretor/a. Questionada também sobre o PNBE a coordenadora VF respondeu:

O acervo é riquíssimo... a gente assim... quando chega o material a gente fica radiante... muitas vezes a gente faz um comentário assim... da falta de tempo que nós educadores não temos para estar... consultando isso... tanto o acervo literário quanto o de formação para os professores também. (Entrevista, professora VF, 22 fev. 2015)

Em sua fala, a coordenadora não trata do programa, se além ao acervo distribuído e a sua receptividade, ressaltando que “os professores valorizam muito” a ponto de incluírem o livro de literatura em seus planejamentos de aula.

Percebemos que, apesar de alguns professores não conceberem o acervo literário como um instrumento de trabalho pedagógico, conforme a apreciação da diretora, pude verificar, mediante a pesquisa realizada, as entrevistas com as professoras, que há professores cuja visão e postura estão em afinidade com as orientações do Guia de livros didáticos do PNLD. (BRASIL, 2012)

Em concordância com que o foi enfatizado pela coordenadora VF sobre a qualidade de acervo do PNBE, presente na escola, a professora VM não só qualificou as obras literárias como também ressaltou a variedade do acervo. Na mesma perspectiva a professora RS também complementa

(...) cada ano que chega... chega livros novos...diferentes...o que não fica aquela coisa monótona.... da gente estar lendo os mesmos livros...porque são trezentos e sessenta dias que a gente tem no ano..quer dize... são duzentos dias letivos... nesses duzentos dias a gente não precisa estar repetindo os livros, porque é uma variedade imensa de livros... esse ano já chegaram mais duas caixas de livros. (Entrevista, professora RS, 29 jan. 2015)

Ao comentar sobre o PNBE, a professora MF se posicionou: “A distribuição dos livros eu acho ótimo”. Porém, faz uma ressalva: “A gente escolhia livros, e, às vezes, não vinha o que a gente escolhia. Vinha muitos livros, mas aqueles livros que eles queriam ”.

Há um equívoco na fala da professora. Percebe-se que ela, embora seja a responsável pela SL, desconhece as especificidades dos programas PNBE e PNLD. Ao reler os princípios

do PNBE, ratifico que o Programa realiza a compra e distribuição dos acervos, após a leitura e apreciação crítica de professores convidados para compor uma específica comissão. Não está prevista a participação de todos os professores da rede pública estadual e municipal de ensino na escolha das obras literárias que são distribuídas às escolas. Na escolha do livro didático, isso, porém, está previsto, como nos informa o site do FNDE sobre o funcionamento do PNLD¹⁰:

O FNDE disponibiliza o guia de livros didáticos em seu portal na internet e envia o mesmo material impresso às escolas cadastradas no censo escolar. O guia orientará a escolha dos livros a serem adotados pelas escolas. [...] Os livros didáticos passam por um processo democrático de escolha, com base no guia de livros didáticos. Diretores e professores analisam e escolhem as obras que serão utilizadas pelos alunos em sua escola. (FNDE, 2014)

Conclui-se, portanto, que apenas o PNLD prevê a participação dos professores na escolha dos livros a serem utilizados na escola. A fala da professora, nesse caso, confirma o desconhecimento sobre o PNBE. Em resposta à pergunta sobre o PNBE, a professora KM diz:

Esse ano... 2015... a escola já recebeu livros... a escola todo ano recebe... chegam livros interessantes... obras de Cecília Meireles... Carlos Drummond de Andrade... (Entrevista, professora KM, 04 fev. 2015)

Ao afirmar que anualmente a escola recebe os livros do programa, concebo esse fato como um ponto positivo uma vez que de acordo com o que informa o site do FNDE¹¹ essa distribuição do acervo literário está prevista para ocorrer pontualmente a cada dois anos, ou seja:

Nos anos pares são distribuídos livros para as escolas de Educação Infantil (creche e pré-escola), anos iniciais do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. Já nos anos ímpares a distribuição ocorre para as escolas dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio.

Diante das colocações feitas pelas entrevistadas sobre o acervo disponibilizado pelo programa, é possível constatar que todas concordam quanto à sua qualidade e diversidade. O acesso a essas obras literárias do PNBE me possibilitou conhecer a riqueza e variedade do

¹⁰ Informação disponível em:< <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-funcionamento>>. Acesso em: 4 maio 2014

¹¹ Informação disponível em:< <http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-apresentacao>> .Acesso em: 4 maio 2014

acervo que tem sido selecionado e distribuído às escolas. Dentre os títulos que conheci, fiz a seleção de quatro, de anos distintos, para compartilhar minha leitura sobre eles.

O livro *Ou isto ou aquilo* de Cecília Meireles (2012), que faz parte do acervo de 2014, reúne 57 poemas. Ao longo dos anos, o livro teve diferentes formatos, tamanhos, cores e traços feitos por distintos ilustradores. Na versão mais atual, apresenta capa dura e formato retangular, comprido que pode ser comparado ao de um catálogo. O desenho gráfico feito pelo ilustrador Odilon Moraes faz referência ao poema “Ou isto ou aquilo” (MEIRELES, 2012, p. 63), que dá nome ao livro com duas janelas: uma à esquerda, no alto, onde se vê chuva e a outra à direita, abaixo, onde se vê sol.

Autoras, como Lajolo e Zilberman, (1988) avaliam-na como uma obra que rompe com a tradição ligada à produção de poemas carregados de conselhos e normas, guiados por uma pedagogia tradicional, predominantes até a década de 1960. Consideram-na um clássico não porque foi escrita há muito tempo, mas porque seus poemas, por sua atualidade, parecem que foram escritos hoje.

Com sensibilidade e ternura, os poemas remetem a sonhos, animais, flores, brinquedos e jogos que povoam o universo infantil. A autora brinca com as palavras e, com habilidade, torna-as afáveis e maleáveis.

Percebe-se, nos poemas de Cecília, na composição dos seus versos, o uso dos paralelismos de linguagem. Na estrutura dos versos, por exemplo: as rimas, ritmos, aliterações, e na ordem do sentido as metáforas, as antíteses. Destes paralelismos destaco, como exemplo de antítese, um trecho do poema *Ou isto ou aquilo*. (MEIRELES, 2012, p. 63)

Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!
Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!
Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.

Sobre forma de se conceber a poesia Cademartori (2012, p. 105) supõe que “[...] a leitura de um verso ou de um poema promove um jogo com o sentido, a partir de aproximações que não se esperam, e que são capazes de gerar efeitos múltiplos”.

Outra obra do acervo literário do PNBE de 2012, QUE DESTACO é a história *Memórias da Emília* do consagrado autor brasileiro, Monteiro Lobato mais conhecido pelas jovens gerações por conta das novas versões de suas obras, nos meios televisivos, por exemplo, para o público infantil.

Divertida como costumam ser as histórias de Lobato *Memória de Emília* propõe a leitura das memórias da boneca de pano falante, que, irreverente como sempre, fala o que pensa sem medo das críticas. Nele Emília se propõe escrever as suas memórias e para registrá-las ela conta com a ajuda de Visconde de Sabugosa como seu secretário. Como em outras histórias de Lobato, o sítio é o ambiente onde tudo acontece.

Mas, antes de escrever, o Visconde indaga a boneca sobre sua ideia, fazendo-a entender sua opinião sobre o que ele entende por memórias: “– Memórias! Pois então uma criatura que viveu tão pouco já tem coisas para contar num livro de memórias? Isso é para gente velha, já perto do fim da vida”. (LOBATO, 1994, p. 8) Arteira como sempre a personagem imaginava que suas memórias, seriam um documento lido por pesquisadores, para os quais ela não tinha o interesse de revelar tudo, como se pode perceber no trecho abaixo:

– Ótimo! – Exclamou Emília. – Serve. Escreva: Nasci no ano de... (três estrelinhas), na cidade de... (três estrelinhas), filha de gente desarranjada... – Por que tanta estrelinha? Será que quer ocultar a idade? – Não. Isso é apenas para atrapalhar os futuros historiadores, gente muito mexeriqueira. Continue escrevendo: E nasci numa saia velha de tia Nastácia. E nasci vazia. Só depois de nascida é que ela me encheu de pétalas numa cheirosa flor cor de ouro que dá nos campos e serve para estufar travesseiros. (LOBATO, 1994, p. 10)

Focado em aspectos memorialísticos, intertextuais, essa obra lobatiana é um bom recurso pedagógico para o professor explorar em sala de aula, valorizando o gênero memorialístico, valorizando a memória que as crianças têm dos acontecimentos vividos por elas. Além do que, ela se destaca não só pela qualidade literária, característica dos textos lobatianos, mas também pelos seus recursos linguísticos e a forte intertextualidade com outras obras.

Ao utilizar conteúdos de outras obras literárias, de modo implícito ou explícito, o autor termina por enriquecer sua obra, favorecendo o leitor que é instigado a conhecer, se não conhece, outras obras, levando-o a novas leituras.

O trabalho de mediação desse tipo de obra lobatiana, na escola, além de propiciar uma viagem ao universo literário, sua intertextualidade propicia a aproximação do leitor com outros livros. De acordo com Koch (2006), a intertextualidade acontece quando, em um texto, está inserido outro texto anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva dos interlocutores. Sob essa perspectiva, sendo o intertexto parte de uma ou várias obras de conhecimento da maioria das pessoas, é possível perceber que Lobato se valeu desse recurso.

Por tudo que esse escritor significa, "fundador de nosso imaginário" nas palavras de Marisa Lajolo, "primeiro reformador da prosa brasileira", para Oswald de Andrade, "dos valores mais indiscutidos da nossa literatura moderna", para Candido, é importante sua frequência na escola, na sala de aula, na SL.

E como um texto puxa outro, no próprio acervo do PNBE, existem outros livros que também apresentam uma perspectiva memorialística. Dentre eles, destaco: *Os bichos que tive: memórias zoológicas* de Sylvia Orthof (2005).

O livro trata das memórias zoológicas da escritora Orthof. Dessas memórias fazem parte bichos como: rã, cachorro, gato, coelho, bicho-papão e até o bicho de pé. Com muito humor, a autora recorda situações que viveu em sua infância com esses bichos. A narrativa mostra as alegrias, as aventuras e desventuras, as surpresas e os percalços do convívio com esses bichinhos. Além dos bichos reais, a autora, usando do imaginário, traz à lembrança o tão temido bicho papão.

As personagens das histórias, em geral, representam situações ou comportamentos inusitados. Para Cademartori (2012, p. 45),

São muitas as histórias que um escritor pode contar. Mas ele escolhe uma possibilidade, um recorte entre infinitos outros que poderia ter feito, e compõe um texto. É por esse recorte que embarcamos na leitura: um deslocamento no tempo, no espaço, uma travessia ao final da qual a própria experiência da vida real pode ser compreendida de outro modo.

Além dos gêneros já citados, são distribuídos pelo PMBE obras com textos da tradição oral. Como exemplo, apresento o livro *Salada, saladinha*, do acervo de 2008 de autoria de Maria Jose Nóbrega e Rosane Pamplona ilustrado por Marcelo Cipis. A obra traz uma coletânea de parlendas que representam um pouco da riqueza da cultura popular. São parlendas de arreliar, parlendas de brincar, que podem desencadear brincadeiras infantis como as de roda. De fácil memorização, se caracterizam por sua forma textual breve, rimada, ritmada e repetitiva.

Os textos da tradição oral, em grande parte, são de domínio público, e, como toda literatura, deve ser estimada, pois como diz Todorov (2012, p. 23-24),

[...] a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona

sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo.

Em continuidade à resposta da questão sobre o acervo do PNBE na escola e atividades pedagógicas relacionadas, as professoras se posicionaram lamentando o fato de não terem tempo para conhecer o material e questionam também a ausência de um bibliotecário para o auxílio na utilização e escolha dos livros. A professora VM revela sua inquietação

(...) pra nós professores... requer tempo para avaliar esses livros... pra levar para a sala de aula... muitas vezes a gente não tem esse tempo...principalmente quem trabalha 40 horas... que não dispõe desse tempo para estar ali... nem agora na jornada (pedagógica) nem no AC... mas mesmo assim a gente consegue utilizar do acervo da biblioteca...e é um acervo bom.... a gente faz... a gente pega alguns livros leva para sala... então trabalha com os alunos na sala... faz a leitura daqueles que dá pra fazer em sala de aula. (Entrevista, professora VM, 4 fev. 2015)

Sobre o mesmo assunto a professora KM mencionou a presença de livros teóricos distribuídos pelo Programa para o professor fazendo menção também da indisponibilidade de tempo para realização de estudo:

Na SL tem livro teóricos para pesquisa... mas cadê o momento (tempo) do professor que não tem... para fazer um estudo desse?

A falta de tempo para os estudos literários foi um assunto bastante enfatizado pelas entrevistadas inclusive pela coordenadora VF que relatou ser uma preocupação comentada inclusive em reunião pedagógica:

(...) muitas vezes... nós comentamos da falta de tempo que nós educadores temos... para estar consultando isso... tanto o acervo literário... quanto o de formação para os professores também... (Entrevista, professora VF, 22 fev. 2015).

Sobre essa mesma questão percebi que a professora RC além de questionar sobre o tempo mencionou também, indiretamente, a importância de um bibliotecário para auxiliar no processo de dinamização do acervo, conforme expressa:

Você vê... a gente tá em sala de aula... com trinta... trinta e cinco meninos... depois corre (...) o professor já fica perdido... não tem tempo...chega aqui não tem o suporte para a bibliotecária chegar no AC e dizer... olhe gente esse livro... é muito bom. (Entrevista, professora RC, 4 fev. 2015)

Percebe-se que a falta de tempo é apontada pelas entrevistadas como um fator que exerce influência no envolvimento das professoras com a literatura e, conseqüentemente, com

sua exploração em sala de aula. Uma possível solução apontada pela professora Rosângela seria poder contar com uma bibliotecária, profissional que para elas ajudaria na dinamicidade do uso do acervo literário. Sobre isso a professora KM, responsável pela SL, desabafa:

(...) já que não tem um profissional específico... que a prefeitura traga para a escola... que é a bibliotecária... quem está na sala de leitura como eu... deveria ter um curso... deveria ter uma palestra sobre como se portar naquele local... porque assim... eu sou pedagoga... sou professora de sala de aula. (Entrevista, professora KM, 04 FEV. 2015)

Em outras palavras a professora KM questiona o fato de não se sentir habilitada para exercer a função de bibliotecária na sala de leitura da escola. Sobre esse questionamento da professora a diretora também acredita ser importante a existência de um profissional que tenha conhecimento específico, como é o caso do bibliotecário:

Uma coisa que dificulta muito ainda nas escolas públicas... com o sistema nacional da biblioteca nas escolas... é a falta de uma pessoa da área de biblioteca... para coordenar esse trabalho... (...) quando tem um professor em readaptação... a gente coloca na Sala de Leitura para fazer... ele se queixa que ele não é... ele é professor... ele não é pra estar fazendo aquilo. (Entrevista, professora ML, 22 jan. 2015)

Mas mesmo diante dos desafios apontados, a falta de um profissional na SL para coordenar o trabalho com o acervo, as limitações do tempo, também, sinalizado pelas entrevistadas, a professora ML revela que o trabalho com o acervo do PNBE acontece:

Funciona em todas as escolas... da forma como as pessoas que ali estão... diretores... vices... coordenadores... professores podem desenvolver seu trabalho... procurando meios... estratégias... maneiras para desenvolver... mas desenvolve sim e funciona (Entrevista, professora ML, 22 jan. 2015)

Para me ajudar a pensar sobre a questão do papel e a necessidade do bibliotecário na escola o que tanto inquieta as entrevistadas, recorri a autores como: Oliveira, Moraes e Pepe (2014) e Silva (1993). Em sua luta pela democratização do acesso à leitura, os autores vêm realizando, entre outros, debates sobre bibliotecas e bibliotecários. Silva defende a importância do bibliotecário no âmbito escolar. Para o autor “[...] a posição do bibliotecário se torna imprescindível no complexo de forças que atuam na formação de leitores”. (SILVA, 1993, p. 70). Seus sólidos conhecimentos técnicos e administrativos podem contribuir para o encorajamento do interesse pelos livros, conseqüentemente, na promoção e programação da leitura, contribuindo com o desenvolvimento intelectual dos alunos em benefício de todos.

[...] ao estimular o interesse pelos livros, ao encorajar o hábito da leitura, ao contribuir para o desenvolvimento intelectual de cada um em benefício de

todos, o bibliotecário necessariamente tem que, [...] se perguntar sobre os porquês e para quês da leitura, dos livros, dos aprimoramentos intelectuais numa sociedade como a nossa. (SILVA.1993, p. 71)

Posso considerar que o processo de mediação da leitura dos livros literários que habitam a escola envolve elementos e sujeitos que compreendem a inter-relação biblioteca e escola. E a biblioteca,

[...] se apresenta como ambiente privilegiado para a mediação da leitura em seus diversos matizes porque constitui ambiente onde os diferentes elementos se encontram presentes e os diversos sujeitos podem atuar de forma articulada e colaborativa. (OLIVEIRA; MORAES; PEPE. 2014, p. 90)

E para que se efetivem os processos de mediação da leitura literária na EMPM há de se considerar: a formação de mediador do pedagogo que faz o papel de bibliotecário e as condições do espaço onde se encontram os livros, nesse caso, a SL da escola, uma vez que a prática da leitura literária requer “condições que são constitutivas da dinamização e da mediação nesse espaço escolar”. (OLIVEIRA; MORAES; PEPE, 2014, p. 91).

5.1.3 O Projeto Leitura Com... na escola: sob o olhar do outro

A análise desta subseção incide sobre as posições e concepções reveladas pelas entrevistadas a respeito do Projeto Leitura Com..., vinculado ao Grupo de Estudo em Linguagem e Educação da Faculdade de Educação da UFBA, compreendendo que se trata de um projeto que trabalha com a mediação da leitura literária do acervo do PNBE presente na escola.

Antes das considerações sobre o projeto, a diretora fez menção sobre a importância que teve a parceria estabelecida entre a Escola e a Faculdade de Educação, por meio do Projeto Leitura Com..., especificamente, sobre o projeto ela expressou,

A minha impressão é a melhor possível... porque... como eu sempre falo com o pessoal da escola... e tenho levado isso até para a CR (Coordenação Regional) da Liberdade... esse trabalho que vocês desenvolveram aqui foi um trabalho muito bom... foi um trabalho que elevou as crianças... e nós tivemos resultados melhores nesse período... não só por conta das oficinas... mas foi uma coisa que ajudou o desenvolvimento deles na leitura. (Entrevista, professora ML, 22 jan. 2015)

A diretora ressalta o trabalho de desenvolvimento com a leitura realizado através projeto, fato que evidencia sua relevância. Para ela, todas as escolas deveriam ter uma parceria com a universidade, ou com um parceiro que pudesse desenvolver um trabalho como o realizado com o acervo literário do PNBE. Assim como a diretora, a coordenadora também faz referência a importância de ter parceria dessa vez, com a faculdade:

Quando a gente diz assim... a Faculdade de Educação... a UFBA está aqui dentro... junto conosco... é um respaldo... e a equipe se sentia muito mais fortalecida... (...) se reconhecia mais valorizada... tendo a parceria com a universidade dentro da escola... então... a instituição universidade tem um peso muito importante nesse sentido do trabalho científico... dá um embasamento... aquele respaldo de sentir aquela segurança. (Entrevista, professora VF, 22 fev. 2015)

Diante das opiniões expressas pela diretora e a coordenadora, verifico que ambas expressam a necessidade da parceria com instituições educacionais como a FAGED e que a presença do Projeto Leitura Com... contribuiu não só para o desenvolvimento dos alunos como também para motivar os professores.

Conforme a fala da coordenadora, hoje os professores planejam, sabendo que podem contar com os livros do acervo. Segundo seu relato isso passou a correr, a utilização do acervo do PNBE, por conta da descoberta que fizera com nossa ajuda e de certa forma veio a atender a um dos critérios previstos no próprio Projeto Político Pedagógico da escola que é a questão do incentivo à leitura. Diante do relato, por exemplo, da professora RS é possível perceber a ressonância das ações do Projeto Leitura Com... na prática dos professores.

(...) foi algo impactante de repente vocês virem para cá... para cá (escola) olharem o acervo... e trabalharemos com a gente... foi muito... muito bom mesmo... é como eu estou falando... pra mim como professora... não tem como não levar para o nosso pedagógico o que a gente vê... o que a gente aprende... então... com a chegada de vocês... com algumas oficinas... com algumas contações... a cada dia eu fui melhorando... eu fui procurando... eu fui buscando... (...) foi muito legal quando vocês vieram para cá... porque realmente abriu mais meus olhos... abriu as portas pra:: pra eu me desenvolver mais ainda. (Entrevista, professora RS, 29 jan. 2015)

O PPP da escola, como mencionado por VF, prevê o trabalho com o incentivo à leitura. E, para entender melhor como se dá esse trabalho, fui buscar na fala da diretora algumas ações que são realizadas pela escola que possam concorrer para o alcance desse objetivo. Em uma de suas falas a diretora menciona:

(...) temos projeto de leitura da própria escola... baseados no PNBE... (...) tem o projeto de leitura... é dado um nome a esse projeto... depois de desenvolvido e construído esse projeto é::: utilizado com livros o acervo do PNBE... (...) geralmente nós fazemos dois projetos por ano... e tem os minis projetos... nós fazemos o projeto mais dentro daquele projeto tem por exemplo o folclore... então vamos trabalhar naquele período com livros... com materiais que se destaca

mais pro folclore... na época de consciência negra se estuda mais com livros que destaque mais a lei 10639 (Entrevista, professora ML, 22 fev. 2015)

O trabalho com projetos na escola é uma estratégia positiva de incentivo à leitura e mediação das obras literárias que, certamente, contribui para que os alunos possam conhecer mais o acervo disponível, mas por toda riqueza, própria do acervo, já pontuada pelas entrevistadas ele pode ser mais utilizado, não só nessas datas específicas como no decorrer do todo calendário letivo. Na continuidade, a professora VM além de anunciar sua impressão sobre o projeto faz menção sobre a importância das atividades de mediação para conhecimento das obras:

Eu gostei... foi muito bom... tanto para nós professores quanto para as crianças... porque nós não conhecíamos essas obras literárias de Jorge Amado para criança... eu já ouvi falar que ele tinha algumas obras... mas eu não tinha tido contato com elas... então foi bom para nós... desse universo todo que a gente conhece... da literatura de Jorge Amado... quanto para os meninos... e a dinâmica foi ótima... vocês fazerem a contação lá (sala de leitura) com o tapete... com tudo... garanto que se hoje vocês encontrarem os meninos... e perguntar... ou eles te verem... eles vão dizer... vai ser muito forte mesmo... essa questão de ligar vocês e esse projeto de leitura... depois disso tudo... eu acho que o Gato Malhado e a Andorinha Sinhá foi o livro que mais correu nessa escola... porque você virava mexia... você via... a abobrinha (o livro) nas mãos dos alunos... então todas as turmas... eles se envolveram... desde os pequeninhos até os maiores... eles se envolveram muito com a história... com o centenário. (Entrevista, professora VM, 04 fev. 2015)

Assim como a professora VM, outras professoras também ressaltaram o fato de não conhecerem o livro trabalhado na oficina, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, que é um dos livros que compõem o acervo do PNBE presente na SL. E o fato dessa obra pertencer ao acervo do programa foi um critério levado em conta pelo projeto para a realização da atividade que foi motivada pelo centenário de Jorge Amado em 2012.

Diante das manifestações, posso fazer as seguintes inferências: as professoras desconhecem parte do acervo existente em sua escola e o Projeto alcançou um de seus objetivos que é a mobilização do acervo. Além disso, fica perceptível a necessidade da mediação entre as professoras e o acervo do PNBE.

A professora RS, por exemplo, que trabalha com o Grupo 4 e 5, que fazem parte da Educação Infantil, fez a seguinte menção à chegada das professoras do Grupo de Pesquisa GELING:

Como vocês chegaram aqui vocês disseram... gente isso aqui é um arsenal maravilhoso... e eu não vou mentir pra você... que eu não fazia ideia... (...) e a partir do momento em que o projeto veio para aqui... abriu essa visão... de estar pesquisando... de estar buscando coisas diferentes e estar contando... então para mim... professora do grupo 4 e 5... foi MARAVILHOSO esse projeto aqui. (Entrevista, professora RS, 29 jan. 2015)

Foi gratificante ouvir depoimentos como esses que revelam o alcance que tiveram as ações do projeto contribuindo para a motivação e reflexão das professoras sobre sua prática. Sobre isso ML fez questão de destacar a representatividade que tem a nossa presença na EMPM:

(...) a cada dia que vocês vêm... vocês trazem uma novidade... uma coisa diferente... na sala de aula a coisa se torna re-pe-ti-ti-va... maçante... o aluno vai perdendo o interesse... né? mas quando você traz... você traz uma coisa nova... é um texto diferente... interessante... é um tipo de atividade diferenciada...né? é uma forma de apresentação diferente... que aí eles (os alunos) têm vontade de participar daquilo... e aqueles cinquenta minutos... vamos dizer uma hora... que você passa com eles (os alunos)... talvez vá valer por duas horas de sala de aula ou mais... porque ficou... ele conseguiu realmente é:: aprender algo daquilo... porque teve interesse... porque quando a gente faz a aula... mais prazerosa... a pessoa sente o prazer de participar. (Entrevista, professora ML, 22 jan. 2015)

Por sua vez, VF expressa os sentimentos suscitados pela repercussão de uma atividade que ultrapassou os muros da escola.

Os sussurradores quando eu lembro é só emoção... foi muito emocionante... saíram... e eles (os alunos) com aquele jeitinho... eu me lembro cada olhar assim... que quando as pessoas assim... surpreendeu muita gente... que coisa gostosa ouvir isso... né? surpreendeu tanta gente... que coisa gostosa ouvir isso... teve uma pessoa... que me disse lá no ministério público... hoje eu ganhei um presente... eu tive uma semana tão ruim... hoje eu renasci... porque ouviu um menino sussurrando um poema. (Entrevista, professora VF, 22 jan. 2015)

Assim como a coordenadora VF, a atual diretora ID, que na ocasião era vice-diretora, se pronunciou sobre a atividade dos Sussurradores de Poesia afirmando ter marcado muito, não só os alunos, mas também o corpo docente. Em sua fala mencionou a satisfação e emoção em ver as crianças, aprendendo e recitando poemas:

Você passava via nos corredores eles gravando as poesias... isso é uma coisa muito gratificante da gente ver... ver que seu aluno tá aprendendo... que tá se interessando por aquilo que está dentro da sua escola... (...) eu chorei no dia que eu fui ver... que um chegou botou aquele cano no meu ouvido... e sussurrou o poema das borboletas... achei aquilo lindo, LINDO MESMO. (Entrevista, vice-diretora ID, 29 jan. 2015)

Por meio dos livros literários, principal material de trabalho do projeto, presentes hoje na escola, os alunos podem desfrutar de novos horizontes e diferentes percepções de mundo que os gêneros literários oferecem. Dentre as atribuições de sentidos que podemos dar à presença destes gêneros na escola, de acordo com Beltrão (2014, p. 130), vale destacar:

[...] o reconhecimento de sua importância na formação leitora de quaisquer sujeitos, uma vez que os gêneros literários, na sua diversidade e abundância, sejam os romances, contos, novelas, fábulas, poesia ou drama, representam, mimetizam, transformam, pela linguagem com que são arquitetados, o homem, a aspiração, o sonho, o ser, o querer, a vida, conferindo de modo multifacetado, multifolhado e plural aos que leem acesso e saberes que se movimentam no mundo, configurando e demarcando culturas.

Sobre essa leitura de natureza literária que tem sido prestigiada pelo Projeto, vale lembrar, como adverte Souza (2014, p. 96) que

[...] ela pode ampliar os horizontes da biblioteca escolar na medida em que promove a leitura vinculada ao lúdico, ao prazer, à curiosidade, à imaginação, à fantasia e à criatividade, e, por outro lado, desvinculada da necessidade de realização de trabalhos escolares.

Mediante tudo o que foi visto nessa subseção, conforme as revelações e depoimentos das entrevistadas, concluímos que o Projeto Leitura Com... tem cumprido seu objetivo de promover a mediação da leitura, entendida como ato de ler para e com o outro que favorece o uso dos livros, promovendo a mobilização do acervo do PNBE, a ampliação das capacidades leitoras dos envolvidos nas atividades.

E é lançando mão da literatura de Ricardo Azevedo, escritor, ilustrador e autor de mais de cem livros para crianças e jovens, que eu finalizo essa subseção fazendo o convite a todos para ver o que há dentro dos livros do acervo do PNBE. Eu já descobri que:

Tem partida
tem viagem
tem estrada
tem caminho
tem procura
tem destino
lá dentro do livro.
(AZEVEDO, 2000, p.48)

5.1.4 Efeitos observados: anteriores e posteriores ao Projeto Leitura Com...

Nesta subseção, abordo as percepções das entrevistadas sobre os efeitos desencadeados pelas ações do projeto por meio das oficinas realizadas com os alunos. Sobre os efeitos que pôde observar nos alunos, VF fez a seguinte colocação:

Eu pontuo... prin-ci-pal-men-te... o despertar da curiosidade.... do passar a ver o livro de outra forma... porque a gente percebia... que eles (os alunos) tinham o livro como... vamos supor

assim... uma embalagem e... de repente... foi despertado neles a coisa de desembalar... de mergulhar e aquela curiosidade... aquela busca... e quando vocês chegavam ali na porta...pró VF lá vem as meninas do... da... Andorinha Sinhá e o Gato Malhado... passou a ser até um vocabulário dentro da escola... e tem um livro (O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá) que bateu até o recorde de empréstimos. (Entrevista, professora VF, 22 jan. 2015)

Figura 33: Livro de registro de empréstimo de livros da Sala de Leitura Maria Helena Nunes Ferreira da EMPM

NOME	NOME DO LIVRO	SERIE/TURMA/PRO	ASSINATURA
Maria Catarina	O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá	5º ano / A / Vanessa	Maria Catarina
Keliane N. Moreira	O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá	4º ano / A / Cintia	Keliane Moreira
Rafaela dos Santos	O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá	5º ano / A / Vanessa	Rafaela
Alga Patricia	O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá	5º ano A / Vanessa	Alga
Milena Alcântara	O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá	5º ano A / Vanessa	Milena
Jana Oliveira Souto	O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá	5º ano A / Vanessa	Jana
Ingrid Oliveira e Silva	O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá	5º ano A / Vanessa	Ingrid
Evilim Roberta	O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá	5º ano A / Vanessa	Evilim
Jaciane Santana	O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá	5º ano A / Vanessa	Jaciane
Rebeca Ramos	O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá	5º ano A / Vanessa	Rebeca
Márcia Aparecida Simões	O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá	5º ano / A / Vanessa	Márcia
Sandra Aparecida de Almeida	O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá	5º ano / A / Vanessa	Sandra
Gabriela de Farias	O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá	5º ano / A / Vanessa	Gabriela

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Conforme a fala de VF, antes do projeto mobilizar os livros, os alunos tinham uma percepção do livro como algo fechado que foi aberto e desvendado. Essa percepção foi mudada devido às intervenções do projeto. Ao abrirem os livros, as crianças puderam imergir nas histórias, nas rimas e versos, nas fantasias e nos seus mistérios. Daí por diante, com uma nova percepção sobre o livro de literatura, com um olhar curioso, as crianças não pararam mais de buscar novos livros, novas aventuras.

A professora KM, a partir do seu lugar, como responsável pela SL, também menciona o despertar das crianças em sua fala:

As atividades... incentivaram a leitura... tanto que eles (os alunos) começaram a pegar mais livros... tanto esse... que foi feito... como outros também... eu achei que surtiu muito efeito... antes eles pegavam... mas eu falava... ó meninos...venham... mas não tinham tanto interesse... a verdade tem que ser dita... depois do trabalho... é como se tivesse despertado alguma coisa. (Entrevista, professora KM, 4 fev. 2015)

Ambas as falas remetem ao que pesquisadores, como Paiva (2012), vêm anunciando, ao afirmar que não basta que os livros cheguem à escola, não basta a escola dispor de um rico

acervo literário, se não existirem mediadores dessa leitura na escola. Para a autora, “[...] o acesso está garantido, mas o uso não se efetiva”. (PAIVA, 2012, p. 10) E para que se efetive, a apropriação do acervo por parte da comunidade escolar, é necessário investimento na formação de mediadores de leitura que mobilizarão as obras fazendo-as circularem, promovendo, assim, o despertar da curiosidade, do interesse, do desejo pela leitura.

Ao falar sobre o trabalho realizado com uma das obras de Jorge Amado, a professora RC expressa o seu encantamento e também o de seus alunos:

(...) você contava a história... o Gato Malhado e a Andorinha Sinhá... você fazia o painel... ia montando o painel... a proporção que você ia contando a história... aquilo era muito deslumbrante pra gente... eu acho... pra mim... não sei se é porque eu tive deficiência de história... mas uma história bem contada... bole com todo mundo... então os meninos vibravam. (Entrevista, professora RC, 04 fev. 2015)

A professora faz menção de que supostamente teria certa “deficiência de história”. Essa fala de RC em especial chamou minha atenção pelo uso dessa colocação que não me recordo ter ouvido alguém falar. Ao refletir sobre o que disse RC cheguei a conclusão de que uma possível explicação para sua concepção seria a de que durante sua infância escolar e/ou mesmo no decorrer de sua formação como pedagoga ouve uma ausência do convívio com os textos literários, às experiências com a leitura literária, o que deixou certa lacuna em sua vida.

Para Todorov (2012, p. 11), o texto literário deve ocupar o centro do processo educacional, em especial, nos cursos de literatura. De acordo com Lajolo (2000), a leitura de livros de literatura é importante, e se apropriar da linguagem literária, alfabetizar-se nela, torna seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro. Segundo a autora, o leitor “na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com os vários significados, que, ao longo da história de um texto, este foi se acumulando. Cada leitor tem a história de suas leituras, cada texto, a história das suas.” (LAJOLO, 2000, p. 106)

Todorov (2012) também faz menção à literatura pela capacidade que tem de ampliar o mundo vivido, tornando-o mais belo e pleno de sentido, enriquecendo a experiência pessoal através da interação com o outro.

Na opinião da professora VM, o ano em que o projeto realizou as atividades com os livros *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* e *A Bola e o Goleiro* “foi o ano que mais teve estímulo para o uso da Sala Leitura”. Segundo a professora seus alunos passaram a cobrar a ida para a SL:

(...) eles cobravam pra a gente ir nos dias que tinha que ir... e em outros a gente dizia... não... hoje não dá porque a gente tem outras atividades externas pra fazer (...) e eles gostavam de estar ali na Sala de Leitura... foi um ano que teve muita procura de livros da Sala de leitura... Eles diziam... ó pró peguei.... sempre tinha uma novidade... ó pró eu estou lendo este... eu dizia oh que legal... vamos ver outro. (Entrevista, professora VM, 04 fev. 2015)

Diante do desejo provocado pelas ações do projeto e pelo potencial que tem o acervo literário presente na SL, fica evidente a importância desse espaço de leitura. Os profissionais da educação precisam atentar para esses acontecimentos e valorizarem mais a SL como um espaço profícuo de mediação e interação.

A professora MF revela os efeitos que observou nos alunos a partir das intervenções:

Vocês chegavam antes de fazerem o trabalho mesmo...vocês conversavam com eles... eles se interessaram mais... aí é que eles pediam os livros pra ler... liam quando não tinha aula... quando tinha aula vaga... que as vezes não tinha professor de arte... eles desciam pra sala de leitura e ficavam ali lendo... pedia livro... aí eu pegava dava livro pra ele ler... despertou um interesse muito grande neles... tanto que eu falei com Vera que eu não ia tomar essa decisão sozinha... Eu disse... VF o que é que você acha... de eu emprestar os livros... aí VF disse... eu acho ótimo... aí teve pessoa que disse... ah::: esses meninos vão dar fim nos livros... eu disse... não vão dar fim porque eles vão ler... vão se interessar... eles vão ler aquilo que eles gostam... eu não vou impor... é esse livro? (Entrevista, professora MF, 28 fev. 2015)

Os alunos se interessaram mais, disse a professora. Esse é um fato que nos é muito caro. Digo nós me referindo a todas as integrantes do projeto que sabem o quanto isso tem um significado importante, que compreendem o quanto representa para os alunos o acesso ao texto literário.

Outra informação revelada pela professora, a ação de mobilização do acervo, mediante o empréstimo, nos faz perceber ainda mais o potencial do Projeto Leitura Com... e o quanto foi importante a mediação da leitura literária na EMPM.

E é extremamente importante que esse artefato cultural esteja não só ao alcance do aluno, mas que ele possa se apropriar dessa leitura. Ao finalizar a entrevista VF, conclui sua fala sobre o Projeto Leitura Com...:

A minha impressão é sempre de alegria... eu só lembro desses momentos... todos que ocorreram... com alegria... sempre com muita vida... Um momento de vida para a escola... (...) minha palavra e alegria” (Entrevista, professora VF, 22 fev. 2015)

As análises preliminares demonstram que o Projeto Leitura Com... está no caminho certo, contribuindo para que os professoras passem a enxergar o potencial da leitura literária que deve estar acessível aos seus alunos. Informações importantes explícitas nos discursos das

entrevistadas, nos dão conta de que a participação no projeto contribuiu para uma melhor atuação na sua prática docente, o mais importante: O acervo literário presente na escola está sendo mobilizado.

Figura 34: Empréstimo de livros na Sala de Leitura Maria Helena Nunes Ferreira da EMPM



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Se a Sala de Leitura Maria Helena Nunes Ferreira continuar emprestando, disponibilizando os acervos literários, já estará cumprindo um importante papel, no entanto, mais que preservar e disponibilizar é imprescindível estimular o ato da leitura compartilhada.

Minha expectativa em torno da pesquisa é de que ela possa contribuir para a construção de novos conhecimentos sobre o tema, sobretudo quanto à necessidade de mediação da leitura literária e a mobilização do acervo literário presente na escola pública. Sobre essa última, com a contribuição de Gramacho (2013), foi possível ampliar a compreensão de que o trabalho com o acervo do PNBE, na escola, requer importante revitalização, no sentido de mobilização das obras, para que sejam conhecidas e usufruídas pelos educandos, dando-lhes direito de ser inserido no mundo textual.

E é também, com alegria e contentamento, que eu concluo este capítulo, na expectativa de que a literatura alcance voos ainda mais altos nas mãos e imaginação das crianças da EMPM e que professoras e gestoras continuem “cuidando de cada vida com desvelo” e, “com fios de amor e sonho”, possam “conduzir o outro, com delicadeza”. (MURRAY, 2001)

6 À GUISA DE CONCLUSÃO “PALAVRA POR PALAVRA: A VOZ QUE VEM DO CORAÇÃO” E DA RAZÃO

Na tessitura de meu percurso como pesquisadora da prática da mediação da leitura literária, encaminhada junto aos alunos da Escola Municipal do Pau Miúdo, uma diversidade de eventos veio à tona: a entrega dos alunos ao universo da poesia; os sussurros poéticos ao pé do ouvido; o tapete contador da história do Gato Malhado a Andorinha Sinhá; a construção do painel com os pequenos; a interação das crianças com as histórias amadianas; a mobilização do acervo literário presente na SL; o andar dos alunos entre e com os livros; os livros fora das prateleiras, como é possível verificar na Figura 16.

A esses acontecimentos somam-se outros como o envolvimento das crianças com a história, a partir da utilização dos recursos visuais como o tapete e fantoches, que sugeriam a representatividade do cenário e personagens da história, da construção coletiva do painel sobre a história, que se constituiu um momento significativo ao mobilizar todas as crianças num processo de interação, descrito nas subseções 4.3.3, e na participação caprichosa das crianças, que com seus sussurros poéticos, proporcionaram momentos de deleite aos participantes do *II Encontro de Leitura e Escrita – ELEGE: O que dizem teus olhos* promovido pelo GELING, que ficaram maravilhados pela performance dos mesmos e certamente, levaram consigo a ideia “toda azul” dos sussurros poéticos, revelados na subseção 4.3.1.

A interlocução com as educadoras da EMPM que vivenciaram as atividades de mediação propostas, apresentadas na subseção 4.2 OFICINAS PEDAGÓGICAS: VAMOS VER AGORA, SEM MAIS DEMORA!, do capítulo quatro, deu acesso às suas leituras e vozes, trazendo à tona revelações sobre o que viram e ouviram nas oficinas pedagógicas realizadas pelo Projeto Leitura Com... Durante os relatos, obtidos por meio das entrevistas, as educadoras manifestaram suas percepções sobre a prática da mediação da leitura e mobilização do acervo literário do PNBE, como foram abordados na subseção 5.1 O QUE DIZEM AS TUAS PALAVRAS, PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL DO PAU MIÚDO?, mencionando a importância do trabalho realizado pelo Projeto, ao valorizar e mobilizar o acervo literário da escola, que, como artefato cultural, é importante que esteja não só ao alcance do aluno, mas que ele possa se apropriar de sua leitura.

Na perspectiva do estudo realizado, a metodologia assumida, de orientação etnográfica, descrita no primeiro capítulo de subseção 1.1 “PELA ESTRADA EU VOU”: NATUREZA E ITINERÁRIO DA PESQUISA possibilitou o desencadeamento de diálogos com sujeitos envolvidos na pesquisa, a análise e interpretação das informações colhidas, com o respaldo dos estudos teóricos, o que colaborou na busca de resposta à pergunta: “a mediação do acervo do PNBE promovida pelas ações implementadas pelo grupo constituinte do Projeto Leitura Com..., do qual fui integrante de 2008 a 2009 e de 2011 a 2014 nas Escolas Municipal do Pau Miúdo trouxe contribuições para os envolvidos no processo de mediação da leitura literária?”, circunscrita no primeiro capítulo deste estudo.

Os caminhos trilhados em busca dessa resposta me levaram a evidências da importância e necessidade do ato mediador da leitura literária na escola, em face à questão da mobilização do acervo literário presente na SL da EMPM. Na fala das educadoras, fica evidenciado que a presença do Projeto Leitura Com... teve um papel fundamental na mobilização do acervo literário da escola e no gosto pela leitura por parte das crianças. Como exemplo, destaco a fala da professora KM:

As atividades... incentivaram a leitura... tanto que eles (os alunos) começaram a pegar mais livros... tanto esse... que foi feito... como outros também... eu achei que surtiu muito efeito... antes eles pegavam... mas eu falava... ó meninos...venham... mas não tinham tanto interesse... a verdade tem que ser dita... depois do trabalho... é como se tivesse despertado alguma coisa. (Entrevista, professora KM, 4 fev. 2015)

Mesmo reconhecendo o valor das ações implementadas pelas políticas públicas de distribuição de acervos do PNBE, o estudo realizado confirma que só distribuir livros não basta, como também não é suficiente ter um espaço físico como a SL. É necessário que sejam colocadas em prática ações, iniciativas de mobilização dos livros e ter professoras/mediadoras comprometidas com a prática da mediação e incentivo à leitura literária.

As proposições teóricas, parte imprescindível do estudo, foram tecidas por meio de diálogos com estudiosos da temática, que colaboraram para ampliar o estudo em torno da leitura literária e mediação da leitura, envolvendo o Programa Nacional Biblioteca da Escola.

As ideias de Colomer (2007), fonte de inspiração do Projeto e também deste estudo, dizem com pertinência, o quanto é valioso e importante compartilhar obras com outras pessoas, porque torna possível a essas pessoas beneficiarem-se da competência dos outros para construir sentidos e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. (COLOMER,

2007, p. 143). É valioso ainda, segundo essa autora, porque permite a cada leitor experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas. Essa é a razão que me move desde que passei a fazer parte do Projeto Leitura Com..., sobre o qual afirmo estar vocacionado a escrever finais felizes, como o que presenciei na EMPM, que tanto dizem respeito ao resultado da mediação das leituras empreendidas para com os leitores com os quais interagimos, dialogando, quanto dizem respeito a mim, na condição de mediadora em formação, na medida em que pude ampliar minha experiência leitora, ao compartilhar, com o outro, leituras, conhecer novas histórias, conviver com distintos escritores.

As experiências vivenciadas no Projeto Leitura Com... representaram uma oportunidade não só de compartilhar leituras com o outro, mas também de aprendizagem e realizações. Ler as histórias para as crianças na Sala de Leitura Professora Maria Helena Nunes Ferreira da EMPM significou, entre outras coisas, a possibilidade de cultivar vínculos entre as crianças e os livros literários, entre mim e as crianças, entre mim e a comunidade escolar. A exemplo disso, é que até hoje sempre que volto à escola sou recepcionada calorosamente pelas crianças e funcionárias que me tratam carinhosamente por andorinha Sinhá, em alusão à história amadiana *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*.

O encontro, quer com as crianças, quer com os demais membros da comunidade esteve repleto de significações, de sentimentos e de experiências produzidas a partir das histórias, das ilustrações dos livros lidos, dos sussurros poéticos, dos poemas aprendidos. Em meio às partilhas da leitura literária, foi possível vivenciar o prazer e o encantamento da leitura revelado no olhar e atitude das crianças. Em relação a isso, destaco a atitude da aluna KS (ver página 28) que demonstrou seu contentamento em ter o livro literário em suas mãos e poder levá-lo para casa, desfrutar de sua leitura e companhia. Ter a oportunidade de poder vivenciar e esse momento foi algo que me trouxe satisfação, me fez sentir realizada e me emociona sempre que recordo.

O êxito que o projeto obteve no desenvolvimento das atividades realizadas equivaleu ao êxito da comunidade escolar. Sinto-me realizada por colaborar em favor dos alunos da EMPM que, como todas as crianças, têm direito à educação literária por meio de livros distribuídos pelo PNBE, os quais corresponderam com satisfação às leituras propostas.

As análises realizadas deram conta de que as professoras valorizaram o ato da leitura compartilhada com as crianças, suscitando prazer pela leitura desde o princípio de sua participação na atividade. Outra informação importante, explícita nos discursos das

professoras, é que essa participação possibilitou uma maior frequência dos alunos na SL em busca dos livros, como constatei no depoimento da professora VM (subseção 5.1.4):

E eles (os alunos) gostavam de estar ali na sala de leitura... e foi um ano que teve muita procura de livros... eles diziam... oh pró... peguei... sempre tinha uma novidade... oh...pró, eu estou lendo este, eu dizia ó que legal vamos ver outro.

Conforme os enunciados, percebe-se que as oficinas realizadas foram apropriadas também para levar as professoras à reflexão de sua prática pedagógica e relação com o próprio acervo literário, por vez desconhecido, considerando que esse está próximo e acessível ao professor que pode viabilizar estratégias de mediar a leitura.

O envolvimento nas ações mediadoras da leitura literária na Escola Municipal do Pau Miúdo possibilitou uma compreensão maior da relevância do papel do mediador no processo de leitura e mobilização do acervo literário. Os momentos de leituras, proporcionados às crianças, nos quais elas não só observam e escutam, perguntam, respondem, interagem, são capazes de oportunizar a compreensão da linguagem escrita, como também podem servir de ponte entre a linguagem oral e a linguagem escrita, é o que defendem estudiosas como Colomer (2007), e no que também acredito. O contato e diálogo com autoras, como Solé (1998) e Souza, Depresbiteris e Machado (2003) possibilitaram o aprofundamento do conhecimento sobre as estratégias de leitura capazes de intensificar o contato entre a criança e as obras literárias no contexto da escola pública municipal de Salvador.

De forma particular, as experiências vivenciadas no Projeto Leitura Com..., no processo de mediação e mobilização das obras literárias e incentivo à leitura, implicou num enriquecimento para minha formação enquanto mediadora/leitora, enquanto profissional da educação, ao passo que pude refletir sobre o papel do mediador da leitura literária que, no uso de suas estratégias específicas de leitura, pode oportunizar a interação do aluno com a leitura e com o livro, aguçando o desejo dos leitores em formação, incentivando-os a novas leituras, novas descobertas.

Se desejamos que nossas crianças possam usufruir com maior e melhor aproveitamento dos acervos literários presentes nas escolas públicas, faz-se necessário o investimento na capacitação de mediadores de leitura. Este estudo proposto vem agregar-se a outros tantos desenvolvidos que tiveram, no bojo de suas intenções, contribuir para aproximar cada vez mais a criança, o educando, da leitura literária, da literatura.

Figura 35: Contação da história *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* de Jorge Amado pela professora Joilda Albuquerque



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Ah! Já ia esquecendo. Para quem acha que a história havia acabado. O Projeto Leitura Com... também desenvolveu no ano de 2013 e 2014 ações mediadoras de leitura na Escola Municipal Batista Vasco da Gama. Que tal conhecer um pouco da história? Não gostaria de me despedir sem antes compartilhar uma das últimas experiências que vivenciei no Projeto Leitura Com...

Vamos brincar de poesia? Com essa pergunta desencadeamos a atividade intitulada *Leitura Com... Vinícius de Moraes*. Desenvolvida em 2013, essa oficina teve como objetivo, além do desejo de homenagear o poeta Vinícius de Moraes que completaria cem anos de vida compartilhar sua obra com as crianças. Obra que para mim tem a capacidade de aproximar a criança do universo literário.

Entre as atividades planejadas foram encaminhadas a leitura da biografia do poeta (APÊNDICE I), leitura de poemas presente no livro *A Arca de Noé* (2001), rodas de conversa acerca dos poemas e releituras visuais, verbais ou verbo-visuais dos poemas.

Com o poema *Convite* (ANEXO I) de José Paulo Paes convidamos as crianças: – Vamos brincar de poesia? E as crianças que não são bobas, aceitaram o convite, e assim, selamos o combinado que rendeu passeios pelo universo dos sons, das palavras, das rimas e ritmos que os poemas nos proporcionam. Assim, as crianças foram acolhidas com a cantiga

Mané Pipoca, um texto permanente em nossas oficinas.

No decorrer da oficina, foram lidos poemas como: *A Foca*, *O Pato*, *O Pinguim*, *O Peru* e *A Casa*. Estes poemas do livro *A Arca de Noé* (2001) fazem parte do acervo literário enviado pelo Programa Nacional Biblioteca às escolas e foram trabalhados numa perspectiva intertextual, ressaltando as múltiplas possibilidades da linguagem literária. As crianças também conheceram as versões musicadas desses poemas nas vozes de Vinícius de Moraes (*O Pato* e *A Casa*), Toquinho (*A Foca*), Elba Ramalho (*O Peru*) e Adriana Calcanhotto (*As Borboletas*). No planejamento das atividades, pudemos observar com um olhar mais atento, a proximidade entre a música e a poesia. Santaella e Nöth afirmam que

Se a música aproxima-se da poesia, é no núcleo de suas linguagens, lá onde a música da poesia é entrelaçada com a poesia da música, que ambas as artes se irmanam. Poesia e música são construções da forma, jogo de estruturas, ecos e reverberações, progressão e regressão, sobreposição e inversão. Em suas estruturas em filigrana, uma peça musical bem como um poema são, acima de tudo, diagramas. Poetas e músicos são diagramadores da linguagem. (SANTAELLA; NÖTH, 2011, p.6)

Os poemas foram apresentados em cartazes e após sua leitura e a escuta da música, geralmente realizávamos atividades como dobraduras, colagens e pinturas. Os estudantes demonstraram um grande prazer em conhecer os textos do “poeta, poetinha, camarada”. Para Norma Goldstein (2013, p.17), os recursos expressivos d’Arca propõem jogos imaginativos e sonoros que seduzem o leitor em formação. O Grupo 5 turma da Educação Infantil da escola, teve um carinho especial pelo poema *A Foca*. Os poemas de Vinícius cativaram as crianças desde a Educação Infantil, e nessa fase o despertar do interesse pelos textos pode ter sido reforçado pelo tema dos poemas. De acordo com Mara Jardim (2001, p. 77) é característica das crianças dos 2 aos 6 anos o interesse por histórias que têm animais no enredo. Outro fator que estimula o gosto das crianças pelos poemas de Vinícius é a utilização dos versos medidos. Conforme nos esclarece Bordini (2008, p. 2)

O verso medido, assim chamado, permite uma mais fácil memorização, o que beneficia populações ágrafas e, por conseguinte, a criança ainda não alfabetizada. A razão para a poesia infantil apresentar tantos espécimes com versos medidos decorre da harmonia rítmica que esses propiciam e que auxilia a criança a ordenar suas emoções e percepções.

Na culminância, a escola virou arca, e as crianças puderam ser patos, perus, focas e borboletas. Cada turma, do Grupo 5 ao 5º ano nos dois turnos, ficou responsável por um poema. Assim, as crianças cantaram, dançaram e encenaram os poemas de Vinícius de

Moraes, podendo também mostrar os seus gostos por diferentes artes como aconteceu no 4º ano do turno vespertino. Algumas crianças desta turma participam do Programa Mais Educação e, através do Programa, elas participam de aulas de música. Para a culminância, ficaram responsáveis pelo poema *O Peru*, e nos presentearam com a versão musicada deste poema tocada em instrumentos de percussão. Concluí esta oficina crendo que as crianças puderam constatar, ao final, que entre poesia, música e ilustração a linha é tênue. Vivenciaram por meio das rimas e ritmos, a beleza da poesia, dando asas a criatividade e a imaginação. Concordando com Gabriel Perissé (2010), pois, se algo aprendemos com a poesia infantil é que conhecimento combina com alegria.

Trabalhar com um livro que faz parte do acervo do PNBE foi muito significativo, pois foi uma forma de as crianças conhecerem um pouco do acervo que a escola dispõe, ao qual elas raramente têm acesso. Uma das crianças, ao saber que o livro se encontrava na biblioteca da escola se expressou dizendo não tê-lo visto antes, não conheciam e outra que até aquele presente momento não havia pego nenhum livro. Situação que tem feito componentes do Projeto refletirem sobre a importância das ações mediadoras nas escolas e papel dos profissionais da educação na promoção e aproximação dos alunos dos livros existentes na escola. Espero que tenha gostado de ler mais um pouco da história do projeto que também faz parte da minha história, como leitora, como mediadora. Por fim,

Das coisas que aprendi,
trago comigo na memória, no coração,
o valor sem medida da leitura
que nessa vida é sempre compartilhada.
Os caminhos que percorri, aquilo que aprendi,
as pessoas que conheci, aquelas com quem andei,
hoje fazem parte da minha história,
e pra onde quer que eu vá as levarei.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

_____. **Pacto de sangue**. São Paulo: Ática, 2001.

ABREU, Casimiro; VARELA, Fagundes; CORREIA, Raimundo. **Nossos poetas clássicos**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Agir, 2003.

AGUIAR, Vera Teixeira. Literatura e educação: diálogos. In PAIVA, Aparecida et al. **Literatura: saberes em movimento**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

ALMEIDA, Antônio de Almeida. **Memórias de um Sargento de Milícias**. São Paulo: Ática, 1998.

AMADO, Jorge. **A bola e o goleiro**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: uma história de amor**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa, 2001.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papius, 2012.

ANJOS, Thaís Silva dos. **PNBE na escola: circulação ou proteção dos livros?** 2009. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

AZEVEDO, Álvares de (Org.). **Trem de Alagoas e outros poemas**. São Paulo. Ática, 2003. (Coleção Literatura em Minha Casa).

AZEVEDO, Ricardo. **Armazém do folclore**. São Paulo: Ática, 2000.

_____. **Bazar do folclore**. São Paulo. Ática, 2001. (Coleção Literatura em Minha Casa).

_____. **Dezenove poemas desengonçados**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

BAGNO, Marcos. **O papel roxo da maçã**. Curitiba, PR: Positivo, 2009.

BAJARD, Élie. **Da escuta de textos à leitura**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção questões da nossa época).

_____. **Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção questões da nossa época).

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARBOSA, Juliana Bertucci; BARBOSA, Marinalva Vieira (Orgs.). **Leitura e mediação: reflexões sobre a formação do professor**. Campinas, SP, Mercado de Letras, 2013.

BARRETO, Lima; BOJUNGA, Lygia; CUNHA, Leo. **Contos de hoje e de ontem**. Rio de Janeiro: Agir, 2002.

BARROS, João de. **Chapeuzinho Vermelho** (adaptado). São Paulo. Ática, 2003.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2004.

BELTRÃO, Lícia Maria Freire. Gêneros literários na escola: do significado ao sentido, da escassez à abundância, da essencialização à diversidade. In: OLIVEIRA, Eliana Kelefás; MORAES, Giselly Lima; PEPE, Cristiane Marcel. (Org.). **Leitura literária e mediação**. São Paulo: Edições Leitura Crítica, ALB, 2014. p. 130-141.

_____. Literatura no ensino: “laboratório do possível”. In: FERREIRA, Lucelena; SANGENIS, AnabelleLoivos Considera Conde (Orgs.). **Didática e prática de ensino de língua portuguesa e literatura: desafios para o século XXI**. Lamparina, 2011.p.165-182.

BICALHO, Gabriel. **Caravela (redescobrimento)**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006. (Coleção literatura para todos).

BOCHECO, Eloí Elizabete. **Batata cozida, mingau de cará**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006. (Coleção literatura para todos).

BORDINI, Maria da Glória. **Poesia infantil**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Para a Poesia Infantil Ser Poesia**. Tigre Albino, v. 1, p. 1-8, 2008.

_____. Pensando a poesia infantil de agora. In: ZILBERMAN, Regina e ROSING, Tânia M. K. (Orgs.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

BRAGA, Rubens; ANDRADE, Carlos Drummond; SABINO, Fernando. **Crônicas 4**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **Coleção literatura em Minha Casa**. Brasília, DF, 2002.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei n. 9394/96. Brasília, Congresso Nacional, 1996.

_____. **PNLL: Plano Nacional do Livro e da Leitura**. Brasília, DF, 2006.

_____. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)**: leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras / Secretaria de Educação Básica, Coordenação-Geral de Materiais Didáticos; elaboração Andréa Berenblum e Jane Paiva. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/livro_mec_final_baixa.pdf>. Acesso em: 4 maio 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Guia de livros didáticos: PNLD 2013: letramento e alfabetização e língua portuguesa**. Brasília, DF, 2012.

_____. **PNBE na escola**: literatura fora da caixa: guia 1: educação infantil. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15609-guia-ei-leituraforadacaixa-pdf&category_slug=maio-2014-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 3 maio 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Histórias e histórias: guia do usuário do Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE 99: literatura infanto-juvenil.** Brasília, DF, 2001.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília, DF, 1997.

CADEMARTORI, Lígia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos.** 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CAPPARELLI, Sérgio. **Boi da cara preta.** Porto Alegre: LP&M, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira.** 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Literatura: arte, conhecimento e vida.** 4. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.

COLASANTI, Marina. **Uma ideia toda azul.** São Paulo: Global, 2005.

_____. **A mão na massa.** São Paulo: Salamandra, 1990.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na Escola.** São Paulo: Globo, 2007.

CONVERSA com o autor Ricardo Azevedo. **Entrevista.** Disponível em: <<http://bibliotecaculturapopular.blogspot.com.br/2011/06/conversa-com-o-autor.html>>. Acesso em: 25 set. 2015.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2009.

COSTA, Cristiane Dantas. **Madalena.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006. (Coleção literatura para todos).

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** Assistentes: Cláudio Mello Sobrinho (et. al.). Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

DEPRESBITERIS, Léa. **Estratégias de mediação: algumas possibilidades para provocar aprendizagem significativa.** Disponível em:<http://www.adventista.edu.br/_imagens/area_academica/files/estrat%C3%A9gias%20de%20media%C3%A7%C3%A3o%20artigo.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2014.

DIAS, Cezar. **Tubarão com a faca nas costas.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006. (Coleção literatura para todos).

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula.** 3.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Leitura, literatura infanto-juvenil e educação.** Londrina: Eduel, 2013.

FERNANDES, Millôr; CAMARGO, Dilan; Elias José. **Poesia fora da estante (antologia).** São Paulo. Ática, 2003. (Coleção Literatura em Minha Casa).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FURNARI, Eva. **Advinhe se puder**. Rio de Janeiro: Moderna, 2002.

GERMANO, Leticia. **O mercado editorial de literatura infantil e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): algumas articulações**. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IICILLIJ/8/LeticiaGermanoVersaofinal-CongressoPUC.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2013.

GOLDSTEIN, N. S. **A Arca do Poeta**. Carta Fundamental, v. 51, p. 16-21, 2013.

GRAMACHO, Regina Lúcia de Araújo. **Literatura e ensino: professores e poetas na construção de saberes**. 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2013.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Chapeuzinho Vermelho**. Tradução Nilce Teixeira. São Paulo: Ática, 1997.

HUIZINGA, Johan. O jogo e a poesia. In: HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**: São Paulo: Perspectiva, 1980. p.133-150.

HUGO, Victor. **Corcunda de Notre Dame**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.

JARDIM, Maria Ferreira. Critérios para análise e seleção de textos de literatura infantil. In: SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed, 2001. v. p. 75-79.

JURADO, Shirley; ROJO, Roxane (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

KOCH, Ingedore. **O texto e a construção dos sentidos**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo. Ática. 2000.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Globo, 2007.

LOBATO, Monteiro. **Memórias da Emília**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: E.P.U, 2013.

LUFT, Lya. **Perdas e ganhos**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas na educação**. 2. ed. Salvador: EDUFBA. 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante Augusto; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MACHADO, Ana Maria. **História meio ao contrário**. São Paulo: Ática, 1986.

MACHADO, Ana Maria. **Isso ninguém me tira**. São Paulo: Ática, 2004.

MANÉ Pipoca. [20--?]. Disponível em:<<http://www.cyberletras.com.br/musicas-bandeirantes/mane-pipoca>. Acesso em: 20 jul. 2011

MANIFESTO dos Sussurradores de Poesia. [20--?]. Disponível em:<<http://troposliquidos.blogspot.com.br/2009/12/1-dia-de-poesia-sussurrada-no-bazar-dos.html>>. Acesso em: 20 jul.2011.

MARQUES, Francisco. Aventura partilhada. In: SILVA, René Marc da Costa (Org.). **Cultura popular e educação**. Brasília, DF: Secretaria de Educação a Distância, 2008. (Salto para o futuro).

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. São Paulo: Global, 2012.

_____; MURRAY, Roseana; BANDEIRA, Manuel. **Meus primeiros versos**. São Paulo: Ática, 2003. (Coleção Literatura em Minha Casa).

MELLO, Rogério; BARBOSA, Rogério Andrade; ÉBOLI, Terezinha. **Histórias daqui e dali**. Rio de Janeiro: Agir, 2003.

MENDONÇA, Luciana de. **Abraão e as frutas**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006. (Coleção literatura para todos).

MESERANI, Samir Curi. **O intertexto escolar: sobre leitura, aula e redação**. 5. ed. São Paulo: Cortez. 2008.

MORAIS, Vinicius de. **A arca de Noé**. São Paulo. Ática, 2002. (Coleção Literatura em Minha Casa).

MOREIRA, Marco e MASINI, Elcie. **Aprendizagem Significativa: A teoria de David Ausubel**. São Paulo: Editora Moraes, 1982.

MUNIZ, Dinéa Maria Sobral; SOUZA, Emilia Helena Portella Monteiro de; BELTRÃO, Lícia Maria Freire (Org.). **Entre textos, língua e ensino**. Salvador, Bahia: EDUFBA, 2007.

MUNDURUKU, Daniel. **Contos indígenas Brasileiro**. São Paulo: Global, 2004.

_____. **Um estranho sonho de futuro**. São Paulo: FTD, 2004.

_____. **Histórias de índio**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

_____. **História que ouvi e gosto de contar**. São Paulo: Callis, 2008.

_____. **Parece que foi ontem**. São Paulo: Global, 2006.

_____. **Tempo de histórias**. São Paulo: Salamandra, 2005.

_____. **Você se lembra pai?**. São Paulo: Global, 2005.

MURRAY, Roseana. **Manual da delicadeza de A a Z**. São Paulo: FTD, 2001.

NEVES, José Soares; LIMA, Maria João; BORGES, Vera. **Práticas de promoção da leitura nos países da OCDE**. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação, 2007. Disponível em: < http://www.oei.es/fomentolectura/Leitura_Paises_OCDE.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2014.

NUNES, Lygia Bojunga. **A Casa da Madrinha**. Rio de Janeiro: Agir, 2002. (Coleção Literatura em Minha Casa).

OLIVEIRA, Ana Cristina Araújo. **Cobras em compota**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006. (Coleção literatura para todos).

OLIVEIRA, Vera Lúcia de. **Entre as juntas dos ossos**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006. (Coleção literatura para todos).

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2008 (Pensamento e ação no magistério).

OLIVEIRA, Daniela PiergiliWeiers de. **Políticas públicas de fomento à leitura: política nacional, agenda governamental e práticas locais**. 2011. 146 f. Dissertação (Mestrado) – Fundação Getúlio Vargas. Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, Eliana Kelefás; MORAES, Giselly Lima; PEPE, Cristiane Marcel (Org.). **Leitura literária e mediação**. SP: Edições Leitura Crítica, ALB, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

_____. **Discurso e leitura**. 4. ed. Campinas, SP: Cortez, 1999.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORTHOFF, Sylvia. **Os bichos que tive: memórias zoológicas**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2005.

_____. **Quem roubou o meu futuro?**. Rio de Janeiro: Atual, 1989.

PAES, José Paulo. **Um passarinho me contou**. São Paulo: Ática, 1999.

PAIVA, Aparecida. Políticas públicas de leitura: pesquisas em rede. In: PAIVA, Aparecida (Org.). **Literatura fora da caixa: o PNBE na Escola - Distribuição, Circulação e Leitura**. São Paulo: Ed. UNESP, 2012. p. 13-33.

PAULINO, Graça. Algumas especificidades da leitura literária. In: PAIVA, Aparecida et. al. (Org.). **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. p. 55-70. (Coleção Literatura e Educação).

PAULINO, Graça. Leitura literária. In: **Glossário Ceale: termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores**. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-literaria>. Acesso em: 20 nov. 2014.

PEDRO, Bandeira. **Mais respeito, eu sou criança**. Rio de Janeiro: Moderna, 2002.

PELLEGRINI, Domingos. **Família composta**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006. (Coleção literatura para todos).

PEREIRA, Joilda Albuquerque dos Santos; BELTRAO, Lícia Maria Freire; GRAMACHO, Regina Lúcia de Araújo. Leitura Com... crianças: a mobilização do acervo do PNBE. **Revista Linha Mestra**, São Paulo, ano VIII, n. 24, p. 1684-1687, jul. 2014. Disponível em: https://linhamestra24.files.wordpress.com/2014/07/linha_mestra_24_19_cole_06_comunicacoes_ilsa_josuelene.pdf. Acesso em: 20 set. 2014.

PERISSÉ, Gabriel. **Aulas poéticas**. Educação (São Paulo), v. n. 162, p. 70- 71, 2010.

PIMENTEL, Claudia. **Espaços de livro e leitura**: um estudo sobre as salas de leitura de escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro. 2011. 264 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2011.

PIMENTEL, Luís. **Cabelos molhados**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006. (Coleção literatura para todos).

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande, PR: Bagagem, 2007.

PINTO, Regina Ferreira. **A contribuição da biblioteca escolar para a formação do aluno e sua autonomia na biblioteca universitária**. 2012. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2012.

PONDÉ, Glória Maria Fialho. Poesia para crianças: a mágica da eterna infância. In: KHÈDE, Sônia Salomão (Org.). **Literatura infanto-juvenil**: um gênero polêmico. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. 7 ed. São Paulo: Humanitas, 2010 – (Projetos paralelos: v.1).

QUEIRÓS, Antônio; TORRES, Leo; GATTAI, Zélia. **Meninos eu conto**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Coração não toma sol**. São Paulo: FTD, 1998.

QUINTANA, Mário. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

_____. **Sapato furado**. São Paulo: FTD, 1998.

SAINT-EXUPÉRY, Antônio de. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2002 (Clássico Universal).

SANDRONI, Luciana. **Ludi vai à praia**. Rio de Janeiro: Agir, 2002.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & companhia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **A poesia e outras artes**. Cadernos de Semiótica Aplicada, São Paulo, v. 9, n. 2, p.1-17, dez. 2011. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/4725>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

SANTOS, Fabiano. dos; MARQUES NETO, José Castilho; ROSING, Tania. M. K. (Org.). **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores.** São Paulo: Global, 2009.

SANTOS, Joilda Albuquerque dos. **Um olhar sobre Leitura Com...:** partilhando experiências. 2009. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca.** 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

SILVA, Marisa. O que vamos aprender hoje? In: SILVA. René Marc da Costa (Org.). **Cultura popular e educação.** Brasília, DF: Secretaria de Educação a Distância, 2008. (Salto para o futuro).

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Ana Maria Martins; DEPRESBITERIS, Léa; MACHADO, Osny Telles Marcondes. **A mediação como princípio educacional:** bases teóricas das abordagens de Reuven Feuerstein. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2003.

SOUZA, Edivanio Duarte de. Dinamização e mediação na biblioteca escolar: potencialidades da leitura literária. In: OLIVEIRA, Eliana Kelefás; MORAES, Giselly Lima; PEPE, Cristiane Marcel (Org.). **Leitura literária e mediação.** SP: Edições Leitura Crítica, ALB, 2014. p. 3-8.

STEVENSON, Robert Louis. *A Ilha do Tesouro.* São Paulo: Hemus, 1997.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Tereza. **Aprender a ler e escrever:** uma proposta construtivista. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TEIXEIRA, Rinaldo Santos. **Léo, o pardo.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006. (Coleção literatura para todos).

TELLES, Ligia Fagundes. **As meninas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1985.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Trad. Caio Meira. 4. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Poesia numa hora dessas?!** Rio de Janeiro. Objetiva, 2002.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. **Oficinas de ensino:** o quê? por quê? como? 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A construção do pensamento e da linguagem.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 1985.

ZIRALDO, Alves Pinto; ZÉLIO, Alves Pinto. **A bela borboleta.** São Paulo: Melhoramentos, 2007.

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista A - Para os professores

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
Faculdade de Educação
Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Linguagem – GELING
Projeto Leitura Com...

Informações gerais

Entrevistada:

Classe que atua:

Turno(s):

Data:

Local:

Itens da conversa com as professoras

Gostaria de que em nossa conversa, tratássemos sobre:

1. Sua história profissional na escola.
2. Os programas que são implementados na escola.
3. Quanto ao Programa Nacional Biblioteca da Escola –PNBE considerando que é um programa de constituição de acervo literário para o aluno, que tem a leitura literária como objeto de importância, gostaria de saber:
 - Suas impressões.
 - Sentidos que a ele atribui.
 - Efeitos observados nas dinâmicas de leitura da escola.
4. Quanto ao Projeto Leitura Com..., vinculado ao grupo de pesquisa da Faculdade de Educação da UFBA, quero:
 - Suas impressões sobre o Projeto
 - Os sentidos que a ele atribui.
 - Os Efeitos observados na leitura de seus alunos.
5. Sobre o trabalho pedagógico que é realizado com livros do PNBE.
 - Intenção
 - Modalidade de trabalho pedagógico
6. Comentários a mais que queira fazer sobre o PNBE e o Projeto Leitura Com... na perspectiva da leitura literária.

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista B - Para diretora e coordenadora pedagógica

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
Faculdade de Educação
Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Linguagem – GELING
Projeto Leitura Com...

Informações gerais

Entrevistada:

Cargo:

Data:

Local:

QUESTÕES

Gostaria de que...

1. Me falasse sobre sua história profissional na escola
2. Sobre os programas que são implementados na escola (PNBE, PNAIC...).
3. Vamos nos ater ao Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE considerando que é um programa de constituição de acervo literário para o aluno, que tem a leitura literária como objeto de importância.
 - Suas impressões, como avalia...
 - Sentidos que a ele atribui
 - Efeitos observados nas dinâmicas de leitura da escola
4. Do PNBE vamos ao Projeto Leitura Com..., vinculado ao grupo de pesquisa da Faculdade de Educação da UFBA
 - Suas impressões sobre o Projeto
 - Sentidos que a ele atribui
 - Efeitos observados nas crianças, na comunidade escolar...
5. Sobre o PNBE e o Projeto Político Pedagógico da escola:
 - Ter vindo a escola mobilizar o acervo trouxe algum sentido ao Projeto Político Pedagógico da escola?
6. Sobre a Sala de Leitura Maria Helena Nunes Ferreira:
 - Porque recebeu o nome?
 - Sentidos que a ela atribui
7. Comentários a mais que queira fazer sobre o PNBE e o Projeto Leitura Com... na perspectiva da leitura literária.

APÊNDICE C - Cronograma de realização das entrevistas ao corpo docente e do corpo docente gestor da Escola Municipal do Pau Miúdo em 2015

Nome	Data
ML – Diretora	22 de janeiro
ID – Vice - diretora	29 de janeiro
RS – Professora do grupo 4 e 5	29 de janeiro
KM – Professora da Sala de Leitura	04 de fevereiro
VM – Professora do 5º ano	04 de fevereiro
RC – Professora do 4º ano	04 de fevereiro
VF - Coordenadora	22 de fevereiro
M F – Professora da Sala de Leitura	28 de fevereiro

**APÊNDICE D - Acervo literário do PNBE usado em atividade do Projeto
Leitura Com... 2008 – 2012**

Oficina	Obra	Autor
Gestos de Delicadeza	Manual da delicadeza de A a Z	Roseana Murray
O Bazar do Ricardo	Armazém do folclore Dezenove poemas desengonçados	Ricardo Azevedo
Daniel Munduruku, sua história e outras histórias	Histórias de índio; Você se lembra pai? Contos indígenas Brasileiro; Estranho sonho de futuro; História que ouvi e gosto de contar; Tempo de histórias;	Daniel Munduruku
Do Reino das Águas Claras ao Candéal	Reinações de Narizinho	Monteiro Lobato
Notícias do Sítio: O São João está sendo preparado	Poemas de Bandeira	Manuel Bandeira
	Armazém do folclore	Ricardo Azevedo
Literatura para todos: oficina de leitura da Coleção Literatura para Todos – PNBE 2006	Família composta (peça de teatro)	Domingos Pellegrini
	Madalena (novela)	Cristiane Dantas Costa
	Cabelos molhados (conto),	Luís Pimentel
	Cobras em compota (conto),	Ana Cristina Araújo Ayer de Oliveira/Índigo,
	Quando o gosto pela leitura (crônica),	Paulo César Dias Rodrigues
	Léo, o pardo (biografia)	Rinaldo Santos Teixeira
	Batata cozida, mingau de cará (tradição oral),	Eloí Elizabete Bocheco
	Caravela -redescobrimto (poesia)	Gabriel Bicalho
	Entre as juntas dos ossos (poesia),	Vera Lúcia de Oliveira
	Abraão e as frutas (poesia),	Luciana de Mendonça
Trem do Escritores	A arca de Noé	Vinicius de Moraes
	Bazar do Folclore	Ricardo Azevedo
	Meus primeiros versos	Cecília Meireles, Roseana Murray, Manuel Bandeira e outros
	Poesia fora da estante (antologia)	Millôr Fernandes, Dilan Camargo e Elias José.
	Trem de Alagoas e outros poemas	Álvares de Azevedo (Org.)
De Livro em Livro	O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá A Bola e o Goleiro.	Jorge Amado
	Uma ideia toda azul	Marina Colasanti

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

APÊNDICE E - Roteiro da Oficina Sussurradores de Poesia

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
 Faculdade de Educação
 Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Linguagem – GELING
 Projeto Leitura Com...

Oficina Sussurradores de Poesia

Tempo da oficina: 1 h

Turmas: 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I

Objetivo geral

Estimular o gosto pela poesia através de atividades de leitura compartilhada e recital.

Metodologia

1º momento

- Apresentações
- Roda de conversa sobre poesia
- Leitura do Manifesto Frances dos Sussurradores de Poesia
- Leitura vocalizada do poema “O elefantinho”, de Vinicius de Moraes
- Distribuição dos poemas - A bailarina, A casa de dona rata, A foca, A Semana Inteira, As borboletas, Bilhete, Colar de Carolina, Conforto, Da discricção, Horizonte, Leilão de jardim, Minha Cama, O elefantinho, O Limão, O peru, Precisão da meteorologia, Riachinho, Tempo reinscrito, Terremoto, Uma baleia.

2º momento

- Aquecimentos de voz, para sua projeção adequada com a cantiga *Mané Pipoca*;
- Exploração dos poemas musicalizados: O pato, A foca, O peru
- Roda de leitura dos poemas em estudo com vistas a compreender a essência;
- Vocalização dos textos poéticos em dupla;
- Exercícios de articulação para assegurar leitura adequada dos poemas;
- Exercício para desinibição do ato de ler;

3º momento

- Continuidade dos exercícios para articulação adequada dos poemas;
- Leitura vocalizada dos poemas articulada com gestos, de forma a se obter harmonia;
- Exercícios de sussurro dos poemas entre o grupo.

4º momento

- Continuidade dos exercícios de articulação dos poemas;
- Exercícios de sussurro dos poemas entre o grupo.

5º momento

- Ensaio para o recital de poesia na Faculdade de Educação da Bahia;
- Recital de sussurros poéticos para professoras e colegas convidados.

Recursos

- Poemas impressos
- Rádio
- CD *A arca de Noé* de Vinicius de Moraes
- Tubo de papel filme

APÊNDICE F - Roteiro da Oficina Trem dos Escritores: na Estação da Leitura

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
 Faculdade de Educação
 Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Linguagem – GELING
 Projeto Leitura Com...

Oficina Trem dos Escritores: na Estação da Leitura

Tempo da oficina: 50 min.

Turmas: Grupo 5 da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental

Objetivo geral

Fazer mediação de leitura literária, tomando como referência o acervo que compõe o PNBE, valorizando diferentes gêneros textuais: poema e os textos da tradição oral.

Metodologia

Turmas: Grupo 4 ao 1º ano

1º encontro

- Apresentações
- Acolhida com o poema *Trem de Ferro* de Manuel Bandeira musicalizado por Tom Jobim;
- Conversa sobre o escritor do *Trem de Ferro* Manuel Bandeira;
- Roda de conversa sobre o que gostam de ler;
- Apresentação do livro *A arca de Noé* de Vinicius de Moraes
- Como é uma casa? O que ela tem?
- Existe uma casa diferente
- Exploração do poema musicalizado “A casa”
- Confecção de dobradura

2º encontro

- Acolhida com a cantiga *Mané Pipoca* (p. 53)
- Conversa sobre o escritor Vinicius de Moraes
- Alguém já viu um pato? E um peru? Como eles são?
- Exploração dos poemas musicalizados: “O pato” e “O peru”
- Confecção de dobradura de bico de pato

3º encontro

- Acolhida com a cantiga *Mané Pipoca*
- Quem já viu uma foca? E uma pulga? O que elas fazem?
- Exploração dos poemas musicalizados: “A foca” e “A pulga”
- Hora de modelar

4º encontro

- Acolhida com o poema musical *Trem de Ferro*
- Apresentação de um relógio
- Quem tem relógio? Para que serve o relógio?
- Exploração do poema musicalizados: “O relógio”
- Hora de modelar
- O trem chegou, o trem já vai. Até logo, até mais.

Recursos

- Rádio
- CD *A arca de Noé* de Vinicius de Moraes
- Papel ofício
- Massa de modelar

Turmas: 2º ao 3º ano

1º encontro

- Acolhida com o poema *Trem de Ferro* de Manuel Bandeira musicalizado por Tom Jobim
- Leitura do poema *Trem de Ferro* em um cartaz.
- Conhecendo o escritor do *Trem de Ferro* Manuel Bandeira: leitura de biografia do autor
- Roda de conversa sobre o que gostam de ler. O que gostam de ver nos livros?
- Leitura do poema *Dentro do livro* de Ricardo Azevedo

2º encontro

- Acolhida com a cantiga *Mané Pipoca*
- Apresentação do livro *Bazar do folclore*
- O que será que tem dentro desse livro?
- Leitura de adivinhas e quadras
- Quem sabe uma adivinha? E uma quadra?

3º encontro

- Acolhida com a cantiga *Mané Pipoca*
- Dentro do livro também tem parlendas

- Também tem trava-língua
- Quem sabe um trava-língua? E uma parlenda?

4º encontro

- Acolhida com o poema musical *Trem de Ferro*
- Leitura do conto “O vaqueiro que não sabia mentir”
- O que descobrimos dentro do livro de Ricardo Azevedo
- O trem chegou, o trem já vai. Até logo, até mais.

Recursos

- Livro
- Rádio
- CD

Turma: 4º ao 5º ano

1º encontro

- Acolhida com o poema “*Trem de Ferro* de Manuel Bandeira musicalizado por Tom Jobim;
- Conhecendo o escritor do *Trem de Ferro* Manuel Bandeira: leitura de biografia do autor
- Roda de conversa sobre o que gostam de ler;
- Quem conhece algum poema? O que é poema? Características do poema.
- Apresentação do livro *A arca de Noé* de Vinicius de Moraes
- O que será que tem nesse livro?
- Exploração do poema musicalizado “A casa”
- Como é a casa do poema? O que acham?

2º encontro

- Acolhida com o poema trem de Alagoas
- Conhecendo o escritor da obra *A arca de Noé* - Vinicius de Moraes: Leitura de biografia.
- Leitura dos poemas “O pato”, “A foca”, o relógio
- Confecção de dobradura de bico de pato

3º encontro

- Acolhida com o poema “Convite” de José Paulo Paes
- Apresentação do livro “Meus primeiro Verso”
- Conversa sobre a autora
- Leitura dos poemas da obra

4º encontro

- Acolhida com o poema musical *Trem de Ferro*

- Conhecendo a escritora Roseana Murray: leitura de biografia
- Apresentação da antologia “ Poesia fora da estante”
- Porque poesia fora da estante?
- Leitura dos poemas da obra
- O trem chegou, o trem já vai. Até logo, até mais.

Recursos

- Rádio
- CD

APÊNDICE G - Roteiro da Oficina De Livro em Livro - 1º Momento

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
 Faculdade de Educação
 Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Linguagem – GELING
 Projeto Leitura Com...

Oficina De Livro em Livro

1º Momento *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*

Tempo da oficina: 50 minutos

Turmas: Grupo 4 ao e 5º ano do Ensino Fundamental I

Objetivo geral

Mediação e valorização da literatura infantil amadiana presente no acervo da escola, aproximando as crianças das obras do escritor baiano destinadas ao público infantil.

Metodologia

1º encontro

- Acolhida com a música *Abre a roda Tin do le lê* de Lydia Hortélio
- Leitura do conto de Marina Colasanti, “Uma ideia toda azul” (2º ao 5º ano)
- Leitura da história “O homem que gostava de azul claro” (Grupo 4 ao 1º ano)
- Leitura da biografia de Jorge Amado: um escritor que também teve uma história azul
- Apresentação do livro *O gato Malhado e a Andorinha Sinhá*.

2º encontro

- Acolhida com a música *Abre a roda Tin do le lê* de Lydia Hortélio
- Roda de conversa: quem tem algum bicho?
- Início da contação da história amadiana – O que acontece na primavera? (Grupo 4 ao 3 ano)
- Início da leitura da história amadiana – O que acontece na primavera? (4º ao 5º ano)
- O que será que terá acontecido no verão?

3º encontro

- Acolhida com a cantiga “música História de uma gata (Chico Buarque)
- Leitura / contação da segunda parte da história que acontece no verão
- Construção de painel
- O que será que terá acontecido no outono?

4º encontro

- Acolhida com a cantiga *Mané Pipoca*
- O que acontecera com os personagens, O gato e a andorinha?
- Leitura / contação da terceira parte da história que acontece no outono
- Roda de conversa sobre o convívio com das diferentes espécies.
- Modelando os personagens da história
- O que será que terá acontecido no inverno?

5º encontro

- Acolhida com a música *Abre a roda Tin do le lê* de Lydia Hortélio
- Leitura / contação da quarta e última parte da história que acontece no inverno
- Propor um jogo da memória baseado na história, com os personagens
- Reconto da história

Recursos

- Rádio
- CD
- Tapete para contação de história
- Bichos de pelúcia, biscuit
- Papel metro
- Fita crepe
- Papel ofício
- Massinha de modelar

APÊNDICE H - Roteiro da Oficina De Livro em Livro - 2º Momento

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA
 Faculdade de Educação
 Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Linguagem – GELING
 Projeto Leitura Com...

Oficina De Livro em Livro

2º Momento *A Bola e o Goleiro*

Tempo da oficina: 50 minutos

Turmas: Grupo 4 ao e 5º ano do Ensino Fundamental I

Objetivo geral

Mediação e valorização da literatura infantil amadiana presente no acervo da escola, aproximando as crianças das obras do escritor baiano destinadas ao público infantil.

Metodologia

1º encontro

- Acolhida com a canção *É uma partida de futebol* de Skank (Samuel Rosa e Nando Reis)
- Apresentação do livro *A Bola e o Goleiro*
- Exploração do livro. A capa, o que sugere? Do que será que fala?
- Contação da história (Grupo 4 ao 2º ano)
- Manuseio do livro
- Desenho livre sobre a história
- Atividade “O dono da bola” (Grupo 4 ao 1º ano) - cada turma receberá uma bola e um sacola cada dia um aluno levará a bola para casa e no dia seguinte compartilhará sua experiência como “O dono da bola”.
- Leitura da história (3º ao 5º ano)
- Reconto oral da história

2º encontro

- Acolhida com a canção *É uma partida de futebol* de Skank (Samuel Rosa e Nando Reis)
- Socialização das experiências das primeiras crianças como “o dono da bola”.
- Apresentação de outra obra que fala da mesma temática – Futebol: Catapimba e sua turma e outras histórias de Ruth Rocha
- De Livro em Livro o que descobrimos dentro dos livros de Jorge Amado?

Recursos

- Rádio
- CD
- Papel ofício

APÊNDICE I - Biografia do “poetinha” Vinicius de Moraes

Você conhece o filho de dona Lydia e seu Clodoaldo? (MARCADOR)

- Nasceu no bairro Gávea, na Cidade Maravilhosa;
- Num dia de muita chuva, num dia de chuvarada;
- Ainda criança aprendeu a gostar de poesia com seu pai Clodoaldo;
- Não foi à toa que mais tarde ficou conhecido como “O Poetinha”.

Você conhece o filho de dona Lydia e seu Clodoaldo ? (MARCADOR)

- Embaixador da Poesia, do amor e da canção...;
- Escreveu seu primeiro poema de amor aos 9 anos;
- Aos 14 anos, montou um grupo musical com seus colegas, para tocar nas festinhas;
- Entrou para a Faculdade com apenas 16 anos.

Você conhece o filho de dona Lydia e seu Clodoaldo ? (MARCADOR)

- Se formou em Direito e até trabalhou em Brasília;
- Teve uma filha chamada Suzana e um filho chamado Pedro;
- Amigo dos poetas Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade;
- A convite do líder sindical Luís Inácio Lula da Silva, em 1979, leu seus poemas para os metalúrgicos de São Paulo.

Você conhece o filho de dona Lydia e seu Clodoaldo ? (MARCADOR)

- Com fama de conquistador;
- Era conhecido como o “poeta da paixão”;
- Escolheu a praia de Itapuã como lugar de inspiração para suas poesias;
- Tem sua escultura exposta na paisagem de Itapuã.

Você conhece o filho de dona Lydia e seu Clodoaldo? (MARCADOR)

- Encantou todas as mulheres e crianças com suas rimas;
- Escreveu poemas que falavam da casa, do pato e da foca;
- Escreveu a canção Garota de Ipanema;
- Inspirada em seus poemas, a Avon já lançou as colônias: *Luz dos Olhos Teus*, *Morena Flor* e *Samba da Rosa*;
- Estou falando do poeta Vinicius de Moraes, Marcus Vinicius da Cruz de Mell Moraes, poeta, poetinha, camarada.

Joilda Albuquerque e Neusa Pires

ANEXO A - Manifesto dos Sussurradores de Poesia

Os sons mais característicos do mundo atual são, de fato, barulho, ruído.

Esta inquietude diante do que ouvimos está cada vez mais forte e inspira a arte contemporânea através de propostas que incorporam, ao sentido da visão, a experiência auditiva. Não raro, essas experiências remetem aos sons da cidade, à velocidade, à dificuldade de comunicação, à superposição de vozes, ao grito... ao incômodo.

A arte nos diz: o som é uma dimensão que já não sabemos habitar. A ausência de som, nossa triste utopia.

Há quem diga que os novos sinais de riqueza se mostram através da posse do tempo, do espaço e do silêncio. Os sons nos empobrecem?

Ainda temos a música e a palavra (bem) falada.

A palavra ao ouvido - o sussurro - é a nossa escolha. Gostamos deste espaço intermediário entre o som e o silêncio, onde estes extremos se tocam.

Inspiramo-nos no grupo performático francês *LesSouffleurs* (literalmente, Os Sopradores), que realiza intervenções em várias cidades do mundo sussurrando fragmentos de textos poéticos e filosóficos no ouvido das pessoas, numa tentativa de desaceleração do mundo.

“Comandos Poéticos” é a performance mais famosa dos *LesSouffleurse* foi apresentada na cidade de São Paulo, na Virada Cultural de 2009, quando sussurraram poesia em praças e bibliotecas.

Como o grupo *LesSouffleurs*, usamos um tubo para sussurrar os textos. Mas optamos por reaproveitar tubos de papel que, na nossa proposta, se tornam um objeto lúdico, belo e que recupera o gosto das brincadeiras simples de antigamente.

Propomos-nos a usar a poesia como delicado presente, que se leva da boca ao ouvido. Começamos pelas crianças, elas que estão sempre mais atentas e abertas. Queremos brincar de, por um instante, silenciar o mundo como um poema. E que elas sigam com a ideia.

Aos poucos, vamos incluindo outras gentes que se disponham a interromper a tagarelice do mundo com segundos de poesia.

Disponível em: <http://troposliquidos.blogspot.com/2009/12/1-dia-de-poesia-sussurrada-no-bazar-dos.html>. Acesso em: 20 jul. 2011

ANEXO B - Coletânea de poemas
Atividade sussurros poéticos

Colar de Carolina

Com seu colar de coral,
Carolina
corre por entre as colunas
da colina.
O colar de Carolina
colore o colo de cal,
torna corada a menina.
E o sol, vendo aquela cor
do colar de Carolina,
põe coroas de coral
nas colunas da colina.
Cecília Meireles

Leilão de jardim

Quem me compra um jardim com flores?
borboletas de muitas cores,
lavadeiras e passarinhos,
ovos verdes e azuis nos ninhos?
Quem me compra este caracol?
Quem me compra um raio de sol?
Um lagarto entre o muro e a hera,
uma estátua da Primavera?
Quem me compra este formigueiro?
E este sapo, que é jardineiro?
E a cigarra e a sua canção?
E o grilinho dentro do chão?
Cecília Meireles

Conforto

A roda gigante
É maior que um elefante.
Ela gira sem parar
Mas não sai do lugar.
Lá do alto dela a gente
Vê o mundo diferente.
Fica tudo anão
Como quando se olha do avião.
Só que com mais conforto:
Nem precisa ir ao aeroporto.
José Paulo Paes

Terremoto

se você juntar todas as pulgas
terá a maior pulga
do mundo.
se você juntar todos os cachorros
terá o maior cachorro
do mundo.
agora, se essa pulga
picar esse cachorro
e ele se coçar

vai cu o do do
sa dir mun to
José Paulo Paes

Tempo reinscrito

Que as manhãs
nunca entardeçam
Que as tardes
nunca anoiteçam
Que as noites
nunca amanheçam iguais.
Damário Dacruz

Precisão da meteorologia

Nenhum dia é triste!
Nós é que chovemos
na hora errada
Damário Dacruz

Da discrição

Não te abras com teu amigo
Que ele um outro amigo tem.
E o amigo do teu amigo
Possui amigos também...
Mário Quintana

Bilhete

Se tu me amas, ama-me baixinho
Não o grites de cima dos telhados
Deixa em paz os passarinhos
Deixa em paz a mim!
Se me queres, enfim,
tem de ser bem devagarinho, amada,
que a vida é breve, e o amor mais breve ainda...
Mário Quintana

Horizonte

Se eu apagasse a fina linha do horizonte
será que o céu cairia no mar?
E as estrelas e a lua
começariam a navegar?
Ou será que o mar viraria céu
e os peixes aprenderiam a voar?
Roseana Murray

Uma baleia

Uma baleia,
apesar do seu tamanho,
é mais leve
que uma nuvem,
é mais leve
que um mistério,
é quase uma música pousada
em cima do horizonte.
Roseana Murray

A Bailarina

Caminha na ponta dos pés
a bailarina,
como se o circo fosse feito
de neblina:
Vai bailar a bailarina,
vai voar a bailarina
e é tão fina, tão fina...
vira vento a bailarina,
vira nuvem, vira ilha,
e num último salto
ilumina o palco,
transformando o silêncio
em maravilha.
Roseana Murray

Riachinho

As águas claras
me contam segredos
de sol, de céu, de ar
e cantam acalantos de ninar
enquanto correm ligeiras
da montanha para o mar.
Roseana Murray

Minha Cama

Um hipopótamo na banheira
molha sempre a casa inteira.

A água cai e se espalha
molha o chão e a toalha.

E o hipopótamo: nem ligo
estou lavando o umbigo.

E lava e nunca sossega,
esfrega, esfrega, esfrega

a orelha, o peito, o nariz
as costas das mãos, e diz:

Agora vou dormir na lama
pois é lá a minha cama!
Sérgio Caparelli

A Semana Inteira

A segunda foi à feira,
Precisava de feijão;

A terça foi à feira,
Pra comprar um pimentão;

A quarta foi à feira,
Pra buscar quiabo e pão;

A quinta foi à feira,
Pois gostava de agrião;

A sexta foi à feira,
Tem banana? Tem mamão?

Sábado não tem feira
E domingo também não.

Sérgio Caparelli

O limão

Agora preste atenção:
Se a vida for um limão.

Em um copo de água
Natural, fria ou gelada.

Ponha açúcar a gosto
Para não ter desgosto.

E sinta a vida mudada,
De limão pra limonada.
Sérgio Caparelli

As borboletas

Branças
Azuis
Amarelas
E pretas
Brincam
Na luz
As belas
Borboletas

Borboletas brancas
São alegres e francas.
Borboletas azuis
Gostam muito de luz.
As amarelinhas
São tão bonitinhas!
E as pretas, então . . .
Oh, que escuridão!
Vinicius de Moraes

O Peru

Glu! Glu! Glu!
Abram alas pro peru!
O peru foi a passeio
Pensando que era pavão
Tico-tico riu-se tanto
Que morreu de congestão
O peru dança de roda
Numa roda de carvão
Quando acaba fica tonto
De quase cair no chão
O peru se viu um dia
Nas águas do ribeirão
Foi-se olhando, foi dizendo
Que beleza de pavão
Foi dormir e teve um sonho
Logo que o sol se escondeu
Que sua cauda tinha cores
Como a desse amigo seu
Vinicius de Moraes

A foca

Quer ver a foca
Ficar feliz?
É por uma bola
No seu nariz.
Quer ver a foca
Bater palminha?
É dar a ela
Uma sardinha.
Quer ver a foca
Fazer uma briga?
É espetar ela
Bem na barriga!
Vinicius de Moraes

O elefantinho

Onde vais, elefantinho
Correndo pelo caminho
Assim tão desconsolado?
Andas perdido, bichinho
Espetaste o pé no espinho
Que sentes, pobre coitado?
— Estou com um medo danado
Encontrei um passarinho!
Vinicius de Moraes

ANEXO C - Poema de Manuel Bandeira musicalizado por Tom Jobim¹²*Trem de Ferro*

<i>Café com pão</i>	<i>Oô...</i>	<i>Ôo...</i>
<i>Café com pão</i>	<i>Foge, bicho</i>	<i>Menina bonita</i>
<i>Café com pão</i>	<i>Foge, povo</i>	<i>Do vestido verde</i>
<i>Virgem Maria</i>	<i>Passa ponte</i>	<i>Me dá tua boca</i>
<i>que foi isto maquinista?</i>	<i>Passa poste</i>	<i>Pra matá minha sede</i>
	<i>Passa pato</i>	
<i>Agora sim</i>	<i>Passa boi</i>	<i>Ôo...</i>
<i>Café com pão</i>	<i>Passa boiada</i>	<i>Vou mimbora</i>
<i>Agora sim</i>	<i>Passa galho</i>	<i>vooumimbora</i>
<i>Café com pão</i>	<i>De ingazeira</i>	<i>Não gosto daqui</i>
	<i>Debruçada</i>	<i>Nasci no sertão</i>
<i>Voa, fumaça</i>	<i>Que vontade</i>	<i>Sou de Ouricuri</i>
<i>Corre, cerca</i>	<i>De cantar!</i>	
<i>Ai seu fogueira</i>	<i>Oô...</i>	<i>Ôo...</i>
<i>Bota fogo</i>	<i>Quando me prendero</i>	<i>Vou depressa</i>
<i>Na fornalha</i>	<i>No canaviá</i>	<i>Vou correndo</i>
<i>Que eu preciso</i>	<i>Cada pé de cana</i>	<i>Vou na toda</i>
<i>Muita força</i>	<i>Era um oficia</i>	<i>Que só levo</i>
<i>Muita força</i>		<i>Pouca gente</i>
<i>Muita força</i>		<i>Pouca gente</i>
		<i>Pouca gente...</i>

¹² O poema *Trem de ferro* encontra-se disponível em:

<<http://eraumavezuem.blogspot.com.br/2011/10/trem-de-ferro-manuel-bandeira-g3.html>>. Acesso em: 30 set. 2011.

ANEXO D - Biografia do poeta Manuel Bandeira
Oficina Trem dos escritores: na Estação da Leitura

Vida e Morte

Por Cíntia Rafaelle

O homem do qual vou falar
E homem de muito apreço
Com dez anos de idade
Já fez seu primeiro verso

Nasceu lá em Recife
Mas teve que viajar
Com quatro anos de idade
Foi em petrópolis morar

Mas como diz o ditado
Um bom filho a casa torna
2 anos depois da partida
A Recife ele retorna

Ficou por 2 anos
Na casa de seu avô
Mas por ordem do destino
Mais uma vez viajou

Desta vez para São Paulo
Onde na estrada de ferro trabalhou
E na escola politécnica
Ele também estudou

Por incentivo de seu pai
Para arquiteto estudou
Mas por causa de uma doença
Os estudos abandonou

Passou a vida doente
Na suíça se tratou
Mas o sonho de ser poeta
Ele nunca abandonou

Em 1917
Seu primeiro livro publicou
Numa edição de 200 exemplares
Custeada pelo autor

A cinza das horas foi o nome
Do primeiro livro seu
também teve carnaval
E o ritmo dissoluto escrever

Teve muito desencanto
Mais nada o fez desanimar
Deixou para os namorados
Escrito a arte de amar

E na paisagem noturna
Pensando em seus valores
Sentado a velha chácara
fez oração para aviadores

Morou em tantos lugares
Até fora do Brasil
Até que chegou o dia
Que para sempre partiu

Que tragédia brasileira
Uma dor maior não existe
Até mesmo a andorinha
Agora canta mais triste

Em 1968
No hospital samaritano
No dia 13 de outubro
Morreu aos 82 anos

Foi-se embora pra pasárgada
Teve a morte absoluta
Mas deixou o exemplo das rosas
Para aquele que o amor busca

Com seu coração belo
Só ele pôde fazer
Versos escritos n'água
E agora todos vão saber

Não tô com libertinagem
Não tô falando besteira
O homem do qual tô falando
É estrela da vida inteira
É claro que estou falando
Do poeta Manuel Bandeira

ANEXO E - Poema *Dentro do livro* de Ricardo Azevedo lido na Oficina
Trem dos escritores: na Estação da Leitura

Dentro do livro

tem partida	tem passado	tem imagem
tem viagem	tem presente	tem pintura
tem estrada	tem futuro	tem desenho
tem caminho	tem moderno	tem gravura
tem procura	tem o velho	tem estampa
tem destino	tem o novo	tem figura
lá dentro do livro	lá dentro do livro	lá dentro do livro
tem princesa	tem verdade	tem desejo
tem herói	tem mentira	tem vontade
tem fada	tem juízo	tem projeto
tem feiticeira	tem loucura	tem trabalho
tem gigante	tem ciência	tem fracasso
tem bandido	tem bobagem	tem sucesso
lá dentro do livro	lá dentro do livro	lá dentro do livro
quanto mito	tem estudo	quanta gente
quanta lenda	tem ensino	quanto sonho
quanta saga	tem lição	quanta história
quanto dito	tem exercício	quanto invento
quanto caso	tem pergunta	quanta arte
quanto conto	tem resposta	quanta vida
lá dentro do livro	lá dentro do livro	há dentro de um livro!
tem tragédia	quanta regra	
tem comédia	quanta norma	
tem teatro	quanta ordem	
tem poesia	quanta lei	
tem romance	quanta moral	
tem suspense	quanto exemplo	
lá dentro do livro	lá dentro do livro	

ANEXO F - Roda cantada *Abra a roda tin dô lê lê* – Cancioneiro Popular

Abra a roda tin dô lê lê
 Abre a roda tin dô lê lê
 Abre a roda tin do la lá
 Abre a roda tin dô lê lê
 Tin dô lê lê, tin do la lá

Requebradinha tin dô lê lê
 Requebradinha tin do la lá
 Requebradinha tin dô lê lê
 Tin dô lê lê, tin do la lá

E vai andando tin dô lê lê
 E vai andando tin do lalá
 E vai andando tin dô lê lê
 Tin dô lê lê, tin do la lá

E vai andando tin dô lê lê
 E vai andando tin do la lá
 E vai andando tin dô lê lê
 Tin dô lê lê, tin do la lá

E bate palma tin dô lê lê
 E bate palma tin do la lá
 E bate palma tin dô lê lê
 Tin dô lê lê, tin do la lá

E de trenzinho tin dô lê lê
 E de trenzinho tin do la lá
 E de trenzinho tin dô lê lê
 Tin dô lê lê, tin do la lá

Me dê sua mão tin dô lê lê
 Me dê sua mão tin do la lá
 Me dê sua mão tin dô lê lê
 Tin dô lê lê, tin do la lá

De macha ré ô tin dô lê lê
 De macha ré ô tin do la lá
 De macha ré ô tin dô lê lê
 Tin dô lê lê, tin do la lá

**ANEXO G - Biografia de Jorge Amado –
Oficina O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá.**

Jorge, o amado

Regina Gramacho

Era madrugada quando Seu João acordou sobressaltado com o chamado aflito de Eulália: - João, acorda, eu acho que está na hora!

João, num misto de alegria e preocupação, pula da cama, tentando acalmá-la e vai em busca da parteira Filó. Seu filho está pra nascer. Era dia 10 de agosto de 1912 e Jorge, sim, Jorge, outro de letra J, iria fazer companhia a James e Jofre. Em Ferradas, todos riam daquela família cujos nomes começavam com J. Seu João Amado era cacauicultor do município, ali vira seus filhos nascer, mas depois da emboscada que sofrera quando quase perdera a vida, não tinha certeza se os veria crescer. Por isso resolveu mudar-se para Itabuna. Nessa época, Jorge estava com 10 meses. Lá, e depois em Ilhéus, Jorge passa sua infância entre as traquinagens que todo garoto da roça apronta.

Mas é na capital que o menino Jorge vem estudar, longe da família, entregue aos cuidados dos jesuítas do Colégio Antonio Vieira.

Escrever histórias era uma das diversões do menino desde Itabuna, quando ainda aos dez anos criou o jornalzinho “Luneta”. É numa das aulas de Português do Pe. Luis que Jorge chama sua atenção com a redação “O mar”. A partir dali o professor abre as portas de sua biblioteca e é quando Jorge conhece os autores portugueses.

Jorge é ainda um garoto e a saudade da família, da liberdade do campo por onde corria com os irmãos atrás de passarinhos torna sua vida na cidade coberta de muita tristeza, e ele sonha com as férias, com a hora de rever a sua Ilhéus querida. É dezembro, Jorge vai, mas promete:- Pra essa escola eu não volto mais!

Férias acabadas, Seu João o deixa na porta do colégio, mas quando vira as costas ele foge pra casa de um tio em Sergipe. Mas de lá é arrebanhado de volta, desta vez para o colégio Ipiranga onde conhece Adonias Filho.

Adonias e Jorge, ainda adolescentes, têm o mesmo gosto pelas letras e criam o “A Pátria” jornal que circula na escola com grande tiragem. Mas é a bela Salvador com suas Gabrielas, Tietas, Livias, suas ladeiras, seus pescadores, seu mar inigualável que fascina o jovem Jorge. No entanto, o mundo o espera e resolve mudar-se para o Rio de Janeiro. Lá faz amizade com Vinicius, Oswald, Raul, rapazes que como ele fazem da escrita seu viver.

Jorge, agora com quase 19 anos, escreve” O país do carnaval”, o primeiro livro de uma série de outros que tem a Bahia como tema.

ANEXO H - Canção *É uma partida de futebol de Skank* de Samuel Rosa e Nando Reis

É uma partida de futebol
Bola na trave não altera o placar
Bola na área sem ninguém pra cabecear
Bola na rede pra fazer o gol
Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?
A bandeira no estádio é um estandarte
A flâmula pendurada na parede do quarto
O distintivo na camisa do uniforme
Que coisa linda é uma partida de futebol
Posso morrer pelo meu time
Se ele perder, que dor, imenso crime
Posso chorar, se ele não ganhar
Mas se ele ganha, não adianta
Não há garganta que não pare de berrar
A chuteira veste o pé descalço
O tapete da realeza é verde
Olhando para bola eu vejo o sol
Está rolando agora, é uma partida de futebol
O meio-campo é lugar dos craques
Que vão levando o time todo pro ataque
O centroavante, o mais importante
Que emocionante, é uma partida de futebol
O meu goleiro é um homem de elástico
Os dois zagueiros tem a chave do cadeado
Os laterais fecham a defesa
Mas que beleza é uma partida de futebol
Bola na trave não altera o placar
Bola na área sem ninguém pra cabecear
Bola na rede pra fazer o gol
Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?
O meio-campo é lugar dos craques
Que vão levando o time todo pro ataque
O centroavante, o mais importante,
Que emocionante é uma partida de futebol!
Utêrêrêrê, utêrêrêrê, utêrêrêrê, utêrêrêrê

ANEXO I - Poema *Convite* de José Paulo Paes –
Oficina Leitura com... Vinícius de Moraes

CONVITE

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião

Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.

As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

ANEXO J - Normas para transcrição

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras	()	Eu trabalhei pelo () durante 2 anos
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	Eu (quero) conhecer o acervo
Entonação enfática	letras maiúsculas	Eu ADOREI o acervo do Programa
Silabação	–	Por falta total de tem-po
Interrogação	?	Eu vou para sala...certo?
Qualquer pausa	...	Recebi... recebi só 2 livros
Desvio temático	– –	... o livro – – a merenda tem hoje – – ele pegou o livro
Citações literárias	“ ”	Quando Jorge Amado conclui: “a andorinha Sinhá...”
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comé/e reinicia
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos os livros que existem...
Iniciais maiúsculas para nomes próprios ou siglas		Jorge Amado
Números por extenso		Tenho doze anos de profissão
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	::	Ao pegar é:: ... o livro
Não usar os sinais	. : ; !	

Fonte: Adaptação ao que Preti (2010, p. 13) apresenta.